CURSOS DE IDIOMAS

GLOBO

TOP LEVEL ITALIANO

AUDIOVISUAL

INTERATIVO

PROGRAMADO

3

EDITORA GLOBO

TOP LEVEL ITALIANO

Vol. 03

UNITÀ 06-07-08

EDITORA GLOBO

CURSOS DE IDIOMAS
GLOBO

TOP LEVEL
ITALIANO

GLOBO DIGITAL
PRODUTOS DE QUALIDADE

PLANO GERAL DA OBRA

Cursos de Idiomas Globo – Top Level – Italiano é uma obra audiovisual interativa programada, publicada em 9 edições quinzenais de 64 páginas cada uma. Para perfeito aproveitamento do curso, observe a seqüência das Unidades no alto das páginas.

AS FITAS

As lições apresentadas em cada uma das edições são reproduzidas em 9 fitas cassete que acompanham cada publicação.

COMO ACOMPANHAR O CURSO

- Ao início de cada lição, coloque a fita cassete correspondente no gravador.

Acione a tecla *play* no ponto indicado por este símbolo.

Acione a tecla *stop* no ponto indicado por este símbolo.

A) Conversazione

1. Ouça na fita o diálogo extraído do filme.
2. A seguir, ouça pequenas seqüências do diálogo, lendo o texto correspondente.
3. Ouça de novo o diálogo, lendo o texto inteiro.
4. Leia o texto do diálogo, consultando as respectivas notas.

B) Italiano per usi speciali

Ascoltate

1. Antes de ouvir a fita, cubra o texto do diálogo e leia atentamente a indicação que precede o exercício.
2. Ouça o diálogo. Durante ou depois da audição, faça o exercício.
3. Verifique a correção das suas respostas no quadro Respostas dos exercícios e ouça novamente o diálogo.

Osservate

4. Leia atentamente a apresentação e a explicação relativa à utilização das diversas estruturas e funções lingüísticas.

Esercizi

5. Faça os exercícios, depois de observar com atenção o exemplo.
6. Verifique a exatidão de suas respostas no quadro Respostas dos exercícios.
7. Consulte o vocabulário.

C) Dal vivo

1. Escute na fita as frases da conversação.
2. Volte a ouvir as frases, lendo o texto no fascículo.
3. Leia atentamente as notas correspondentes.
4. *Modi di dire.* Ouça as expressões idiomáticas e leias as notas correspondentes.

D) Un po' di gramatica

1. Faça por escrito os exercícios, depois de ter observado atentamente o exemplo.
2. Leia as notas gramaticais correspondentes.
3. Confira as respostas dos exercícios pelo quadro Respostas dos exercícios.
4. Leia atentamente a lista do vocabulário.

E) Lettura

Leia o texto em italiano e, se encontrar dificuldade de compreensão, consulte a tradução para o português.

NÚMEROS ATRASADOS

A Editora Globo mantém suas publicações em estoque até seis meses após seu recolhimento. As publicações atrasadas são vendidas pelo preço da última edição lançada (corrigido, caso não haja alguma edição em bancas). Você pode escolher entre as opções abaixo:

1. NAS BANCAS

Através do jornaleiro ou distribuidor Chinaglia de sua cidade.

2. PESSOALMENTE

Dirija-se aos endereços abaixo:
São Paulo: Pça. Alfredo Issa, 18 – Centro – Fone: (011) 230-9299.
Rio de Janeiro: Rua Teodoro da Silva, 821 – Grajaú – Fones: (021) 577-4225 e 577-2355.

3. POR CARTA

Diretamente à Editora Globo, setor de Números Atrasados: Caixa Postal 289, CEP 06453-990, Alphaville, Barueri, SP.
OBS.: Os pedidos serão atendidos via correio acrescidos das despesas de envio.

Gravação e mixagem das fitas
Cirrus Produções

Editora Globo S.A.

Rua Domingos S. dos Anjos, 277, 1º andar, CEP 05136-170, São Paulo, SP, Brasil.
Distribuidor exclusivo para o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563-032, Rio de Janeiro, RJ.
ISBN 85.250.1469-9

Impressão: COCHRANE S.A.



Diga se as afirmações a seguir são corretas ou incorretas.

1. Paolo è a Parigi perché ha vinto una borsa di studio.
2. Laura pensa di organizzare una festicciola in occasione del ritorno di Paolo.
3. Rosanna non può andare alla festa perché ha già un altro impegno.
4. Laura non vuole invitare Carlo perché non sa suonare la chitarra.
5. Laura ha intenzione di prendere cibi già preparati perché non le piace cucinare.
6. Rosanna le darà una mano nell'organizzare la festa.
7. Dopo cena decidono di andare a ballare in una discoteca.
8. Rosanna propone di andare in un piano-bar dove potranno passare una serata tranquilla e intima.

1. *Ho appena ricevuto* significa "acabo de receber, recebi faz pouco".
2. Em italiano, como em português, *stare* + gerúndio destaca a duração do ato: *cosa stai facendo?* ("o que você está fazendo?").
3. Em italiano, utiliza-se com muita freqüência a preposição *su* ("sobre"); em português, usam-se outras preposições: *un giro sulla Senna* ("uma volta pelo Sena"); *ha affittato un villino sul mare* ("aluguei um chalé na praia"); *ho letto il suo annuncio sul giornale* ("li seu anúncio no jornal"); *è salito sul tram* ("subiu no bonde").
4. *Sfacciato* literalmente significa "descarado, atrevido"; *avere una fortuna sfacciata* quer dizer "ter muita sorte, ter uma sorte extraordinária".
5. *Onde* pode ter vários significados; aqui, indica uma finalidade ("para que, a fim de que"); neste caso, pode ser construído com o infinitivo (*onde evitare*) ou com o subjuntivo (*onde si evitino*).
6. *Dare una mano* corresponde ao português "dar uma mão, ajudar alguém"; já *dare la mano* equivale a "dar a mão".
7. *Essere bravo* significa ser hábil e especializado no que se faz, sobretudo no exercício de uma profissão ou atividade.
8. *Fare affidamento su qualcosa* ou *su qualcuno* é "contar com algo ou alguém".
9. *Marea*, na construção *una marea di...*, quer dizer um grande número de pessoas ou coisas, "um montão de...".
10. *Piano* constitui a forma reduzida de *pianoforte* ("piano"); *pianobar* é uma casa em que se bebe e come ao som de música desse instrumento.
11. *Affatto* significa "de todo, inteiramente"; em frases negativas, corresponde a "nada, para nada, em absoluto": *non è affatto caro* ("não é nada caro"); *non è affatto vero* ("não é verdade, absolutamente").
12. *Essere molto bravo* significa fazer muito bem uma coisa (veja a nota 7); neste caso, equivale ao português "ser muito bom".
13. *Farsi bello/a* quer dizer "vestir-se, arrumar-se com grande elegância".
14. *Mostra*, "amostra, modelo"; *mettersi in bella mostra* significa "fazer o possível para ser notado".

Osservate

Para exprimir ações que irão se realizar no futuro, podem ser usadas várias construções.

1. Orações temporais que expressam simultaneidade

Se as duas ações ocorrem simultaneamente, usa-se de preferência o advérbio *quando*.

Exemplo:

Lo vedrò *quando* passerà da Milano

2. Orações temporais que expressam posterioridade imediata

Quando a ação da frase principal acontece imediatamente após a da secundária, utiliza-se o advérbio *(non) appena*.

Exemplo:

(Non) appena arriverà, me lo farà immediatamente sapere.

3. Orações temporais que expressam continuidade da ação no tempo

Quando as duas orações se prolongam até um limite determinado no futuro, usam-se os advérbios *finché, mentre, fintanto che*.

Exemplo:

Finché non saprò il numero esatto dei partecipanti, non preparerò niente.

4. Orações temporais na linguagem coloquial

Na linguagem coloquial, pode-se usar também o presente do indicativo em vez do futuro com *quando* e *(non) appena*.

Exemplo:

Me ne vado { *quando* / *(non) appena* } smette di piovere.

Esercizi

A Complete cada oração usando o advérbio adequado.

1. Non fumerò ... questa tosse non se ne andrà.
2. ... arriveremo a Parigi visiteremo il Louvre.
3. ... verrà il maître gli dirò che il pranzo era squisito.
4. Non mangerò il paté ... non mi porteranno un po' di pane.
5. Signorina, ... staremo su questo battello avrò il piacere di farle compagnia.
6. Mi farò anch'io una bella crociera su questo piroscafo ... riceverò la tredicesima.
7. Ce ne staremo sul ponte a guardare il fiume ... non arriverà il tramonto.

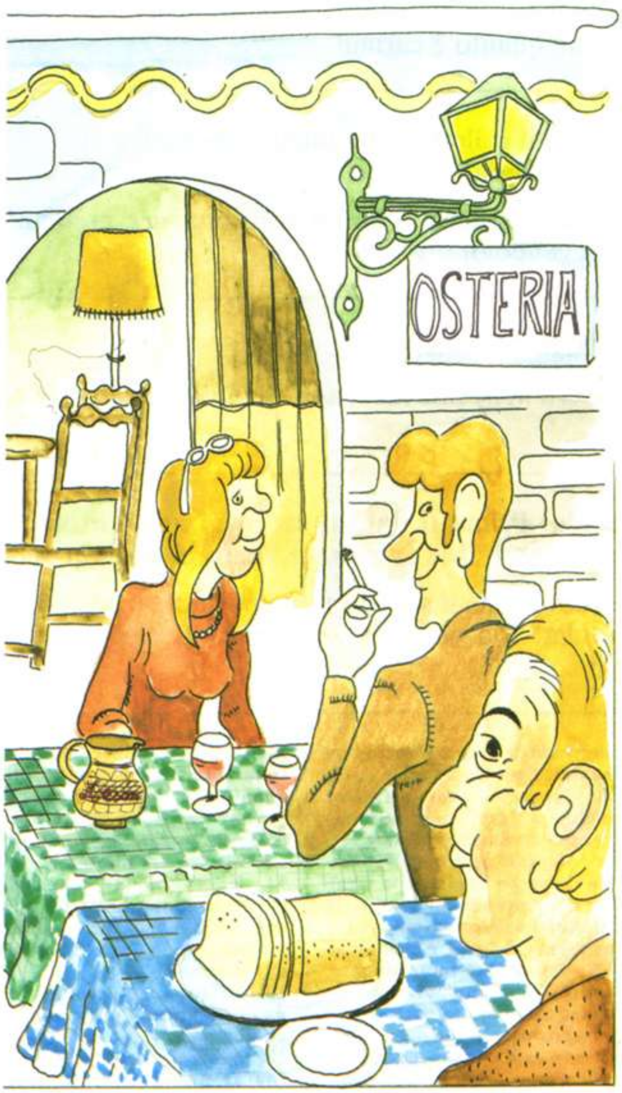
B Transforme as seguintes orações coloquiais em expressões comuns em tempo futuro.

1. Quando lo assumono in quella ditta, si fa fare immediatamente il contratto.
2. Non appena so la data della partenza, te la comunico.
3. Non appena il tempo si mette al bello andiamo a fare un po' di footing.
4. Quando finisce lo spettacolo, gli spettatori possono intrattenersi con gli attori.

5. Non appena consegnano loro la macchina, partono per il viaggio di nozze.
6. Appena si chiude la campagna elettorale, si dà il via alle votazioni.
7. Quando smette di piovere, vado subito a cercar funghi nel bosco.

Vocabolario

abbigliamento (*s.m.*) vestuário
antipasto (*s.m.*) antepasto, entrada
a propòsito (*l.a.*) por certo
battello (*s.m.*) barco, embarcação
cartolina (*s.f.*) cartão-postal
casino (*s.m. fig.*) alarido, confusão
compreso (*adj.*) incluído
concorrente (*adj.* e *s.*) concorrente, competidor
da dio (*l.a.*) muitíssimo bem
data (*s.f.*) data
di certo (*adv.*) seguramente, sem dúvida
impegnato (*adj.*) ocupado
osteria (*s.f.*) taberna, restaurante modesto
per di più (*adv.*) além disso, ademais
persino (*adv.*) inclusive, até
scelta (*s.f.*) seleção
semmai (*conj.*) em todo caso
stuzzichino (*s.m.*) tira-gosto
suonare (*v.t.*) tocar, soar
vietare (*v.t.*) proibir



Respostas dos exercícios

Ascoltate

1. Incorreta
2. Correta
3. Incorreta
4. Incorreta
5. Incorreta
6. Correta
7. Incorreta
8. Correta

Osservate

A

1. Non fumerò finché questa tosse non se ne andrà.
2. Non appena arriveremo a Parigi visiteremo il Louvre.
3. Quando verrà il maître gli dirò che il pranzo era squisito.
4. Non mangerò il paté fintanto che non mi porteranno un po' di pane.
5. Signorina, mentre staremo su questo battello, avrò il piacere di farle compagnia.
6. Mi farò anch'io una bella crociera su questo piroscafo non appena riceverò la tredicesima.
7. Ce ne staremo sul ponte a guardare il fiume finché non arriverà il tramonto.

B

1. Quando lo assumeranno in quella ditta, si farà fare immediatamente il contratto.
2. Non appena saprò la data della partenza, te la comunicherò.
3. Non appena il tempo si metterà al bello, andremo a fare un po' di footing.
4. Quando finirà lo spettacolo, gli spettatori potranno intrattenersi con gli attori.
5. Non appena consegneranno loro la macchina, partiranno per il viaggio di nozze.
6. Appena si chiuderà la campagna elettorale, si darà il via alle votazioni.
7. Quando smetterà di piovere, andrò subito a cercar funghi nel bosco.

C/UNITÀ 6

DAL VIVO

Ouça na fita as seguintes frases, observando as diferenças léxicas e sintáticas entre os dois registros lingüísticos.



a = *língua coloquial familiar*
b = *língua comum padrão*



1. a) Ciao belli[1]! Vado in disco[2] a fare quattro salti[3] con Tiziana. Che pollastra[4], accidenti!

   b) Salve, carissimi! Sto andando in discoteca a ballare e a divertirmi un po' con Tiziana. Caspita quanto è carina!



2. a) È inutile che provi a fare il galletto[5] con quella; tanto mica ci ingrani[6]! Ci fai solo una magra[7]!

   b) È inutile che tenti di corteggiarla; con lei non funziona, credimi! Rischi solo di renderti ridicolo!



3. a) Ma di che ti impicci[8]? Fatti i cavoli tuoi, capito[9]?

   b) Perché vuoi intrometterti nelle mie faccende? Bada piuttosto ai fatti tuoi, siamo intesi?



4. a) Che pezzo[10] d'imbecille! Prima ti dai un sacco di arie[11] e poi ti salta subito la mosca al naso[12]. Ma con chi ce l'hai[13], si può sapere?

   b) Sei proprio uno sciocco! Prima ti senti tanto importante e poi vai in collera per un nonnulla! Ma con chi sei adirato, potrei almeno saperlo?

1. *Bello* normalmente se diz de pessoa bonita; nas saudações, tem caráter familiar e afetivo.
2. *Disco*, forma coloquial abreviada de "discoteca".
3. *Fare quattro salti* equivale a dançar um pouco, especialmente entre amigos; outras formas análogas são: *fare quattro passi* ("passear um pouco"); *valere quattro soldi* ("valer pouco dinheiro"); *fare quattro chiacchiere* ("papear um pouco").
4. *Pollastra* serve para designar uma garota bonita, jovem e um pouco tola; deriva do termo *pollo* ("frango").
5. *Fare il galletto* significa cortejar muitas mulheres ao mesmo tempo; deriva de *gallo* ("galo").
6. *Ingranare* indica a ação e o efeito de acoplar duas engrenagens, engrenar; em sentido figurado, equivale a "começar a funcionar, a render": *gli affari hanno ingranato bene* significa em português "os negócios engrenaram"; *quest'anno mio figlio non ingrana a scuola* ("esse ano meu filho não vai bem na escola").
7. *Fare una magra/farci una magra figura* quer dizer "fazer mau papel, ridículo"; é palavra derivada de *magro* ("seco"; em sentido figurado, "mesquinho").
8. *Impicciarsi dei fatti altrui* significa "bisbilhotar, intrometer-se em assuntos alheios".
9. *Capito?* é particípio passado do verbo *capire*, que significa "compreender"; aqui, se subentende *hai capito?*; em linguagem coloquial, e com intenção levemente impertinente, sublinha a impaciência de quem fala por ser entendido e a suposição de que quem escuta não está compreendendo.
10. *Pezzo* é um pedaço grande de algo; *pezzo di* + substantivo ou adjetivo serve para intensificar tanto um elogio quanto um insulto: *è un bel pezzo di ragazza* ("é uma garota estonteante"); *è un pezzo d'asino* ("é um idiota").
11. *Darsi delle arie* quer dizer "dar-se importância, ser presunçoso"; corresponde ao português "pavonear-se, vangloriar-se".
12. *Saltare la mosca al naso* significa "encolerizar-se por nada".
13. *Avercela con qualcuno*, "estar bravo com alguém, implicar com alguém".

Modi di dire

1. Molto fumo e poco arrosto.
   Diz-se de pessoa ou coisa que, apesar de sua aparência imponente, resolve ou vale pouco; equivale ao português "muita farofa para pouca carne".
2. Mettere troppa carne al fuoco.
   Significa empreender ou enfrentar diversas coisas ou situações ao mesmo tempo.
3. Fumare come un turco.
   Diz-se de uma pessoa que fuma muitíssimo; equivale ao português "fumar como uma chaminé".
4. Vedere qualcuno/qualcosa come il fumo negli occhi.
   Significa sentir grande antipatia por alguém ou algo; poderia equivaler ao português "não posso ver nem pintado".



D/UNITÀ 6

UN PO' DI GRAMMATICA

Esercizio Uno

Complete com o pronome pessoal-objeto direto, unindo-o ao infinitivo ou gerúndio quando necessário.

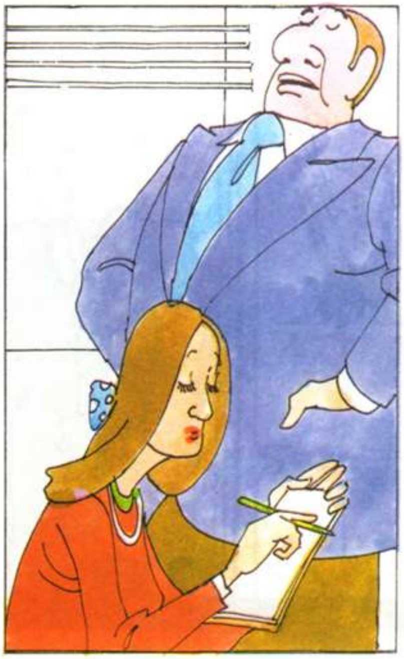
Exemplo:
È un piacere stare ... (lui) a sentire.
È un piacere star*lo* a sentire.

1. Signorina, dovrebbe ascoltare ... (me) con più attenzione quando le detto qualcosa: ... (lei) vedo sempre molto distratta!
2. Non le pare di avere ... (la signora) già vista altre volte? —Sì, ... (la signora) ho vista al concerto della settimana scorsa.
3. Questo vestito ... (lei, signora) ringiovanisce di almeno dieci anni.
4. Pur non avendo ... (lui) guardato a lungo, ... (lui) saprei riconoscere.
5. Noi ... (la signora) abbiamo salutata cortesemente, ma lei non ... (noi) ha degnati di uno sguardo.
6. Quando arrivarono i poliziotti, i manifestanti ... (essi) presero a sassate e ... (essi) misero in fuga.
7. Non vorrei disturbare ... (voi), ma ... (voi) assicuro che è una questione della massima importanza.
8. Dopo avere ... (il bambino) lavato e vestito, la baby-sitter ... (il bambino) portò ai giardinetti.

Esercizio Due

Complete com a preposição *da* quando for o caso; se não, use a preposição *di*[1].

Exemplo:
Ho appena ricevuto una cartolina ... Paolo ... Parigi.
Ho appena ricevuto una cartolina *di* Paolo *da* Parigi.


1


2


3

1. ... quando ti conosco, non ti ho mai visto in volto un'espressione ... allegria o ... felicità.
2. Non ti sto chiamando dal telefono ... un'officina, ma ... una cabina telefonica.
3. —... chi è questa brodaglia? —È tua, e non è una brodaglia ma un ottimo brodo ... pollo ... bersi mentre è ancora caldo.
4. Sei per caso stata ... mia madre, che ti vedo così ... buon umore?!
5. ... telefono ... casa tua non si riesce a sentire nulla!
6. Non ti muoverai ... qui finché non avrai finito ... pranzare!
7. Con quella faccia ... funerale si direbbe che hai intenzione ... buttarti ... la finestra ... un momento all'altro.
8. Venga immediatamente ... me: io ... qui non mi posso muovere!

1. A preposição *da*:
– indica movimento desde um ponto e equivale ao português "de, desde": *vengo da Roma* ("venho de Roma"); *ti chiamo da Madrid* ("te ligo desde Madri"); *sono andato da Torino a Genova in treno* ("fui de Turim a Gênova de trem");
– expressa movimento "através de" e equivale ao português "por"; *buttarsi dalla finestra* ("jogar-se pela janela"); *al ritorno passeremo da Milano* ("na volta passaremos por Milão");
– é utilizada também para indicar lugar: *qui da voi si sta molto bene* ("aqui, em tua casa, se está muito bem"); *mi fermo un momento da te* ("fico um momento em tua casa");
– em expressões de tempo, indica o início de uma duração e corresponde ao português "de, desde": *siamo aperti da ieri* ("estamos abertos desde ontem");
– expressa a maneira "própria de" algo ou alguém, e equivale ao português "como, à maneira de": *vive da principe* ("vive como um príncipe");
– antes do infinitivo, significa "dever ou ser necessário": *è uno spettacolo da non perdersi* ("é um espetáculo que não se pode perder").

1


2


6


Esercizio Tre

Dê o antônimo do adjetivo que aparece grifado nas frases.

Exemplo:
Ha conosciuto una *brutta* francesina.
Ha conosciuto una *bella* francesina.

1. Abbiamo visto quel villino, ma ci sembra troppo *grande* per noi.
2. La trovo molto *ingrassata* dall'ultima volta che l'ho vista.
3. Il caffè mi piace molto *dolce* e *caldo*.
4. Luisa, vada sul balcone e controlli se la biancheria è *asciutta*!
5. La strada in cui abito è molto *stretta* e *buia*.
6. I critici sono stati unanimi nel giudicare l'ultimo film di quel regista veramente *interessante*.
7. Ti insegno questo gioco di carte perché è davvero *complicato*.
8. Hanno deciso di mandare il loro figlio a una scuola *pubblica*.



1



2

Esercizio Quattro

Conjugue no futuro simples os verbos entre parênteses.

Exemplo:

Appena ... (lui, arrivare), me lo ... (fare) sapere.
Appena *arriverà*, me lo *farà* sapere.

1. Paolo ... (essere) molto contento quando ... (sapere) che siamo venuti a trovarlo.
2. L'anno prossimo ... (andare) anch'io al carnevale di Rio e mi ... (travestire) da Pulcinella.
3. ... (venire) senz'altro anche noi a vedere la gara di skate-board perché ... (esserci) i più grandi campioni del mondo.
4. Son sicura che lo zio ... (volere) trattenerci a pranzo, ma purtroppo ... (noi, dovere) rifiutare il suo invito.
5. Durante il carnevale di Viareggio ... (tenersi) sfilate di carri allegorici.
6. Ci ... (riunire) a casa mia questa sera e ... (bere) tutti quanti alla salute del vincitore.
7. Non so se ... (io, potere) venire da te domani; in ogni caso, te lo ... (sapere) dire per l'ora di pranzo.
8. ... (andare) anche voi a vedere il rientro dei pescatori?



Vocabolario



(andare a) trovare (*v.t.*)	visitar
baby-sitter (*angl.*)	babá
biancheria (*s.f.*)	roupa branca
brodaglia (de *brodo*, "sopa") (*s.f.*)	sopa, café etc. de sabor desagradável
buttarsi (*v. pron.*)	atirar-se, jogar-se
dettare (*v.t.*)	ditar
distratto (*adj.*)	distraído
disturbare (*v.t.*)	perturbar
gara (*s.f.*)	competição
giardinetto (*s.m.*)	jardim público, parque
per benino (*l.a.*)	muito bem
poliziotto (*s.m.*)	guarda de polícia
regista (*s.m.*)	diretor artístico
rientrare (*v.i*)	regressar
rifiutare (*v.t.*)	recusar
riuscire (*v.i.*)	conseguir, lograr
sassata (*s.f.*)	pedrada
scorso (*adj.*)	passado
sfilata (*s.f.*)	desfile
sguardo (*s.m.*)	olhada, olhar
stare a sentire	escutar
trattenersi (*v. pron.*)	ficar
vincitore (*s.m.*)	vencedor
volto (*s.m.*)	cara, rosto

Respostas dos exercícios

Esercizio Uno

1. Signorina, dovrebbe ascoltarmi con più attenzione quando le detto qualcosa: la vedo sempre molto distratta!
2. Non le pare di averla già vista altre volte? –Sì, l'ho vista al concerto della settimana scorsa.
3. Questo vestito la ringiovanisce di almeno dieci anni.
4. Pur non avendolo guardato a lungo, lo saprei riconoscere.
5. Noi l'abbiamo salutata cortesemente, ma lei non ci ha degnati di uno sguardo.
6. Quando arrivarono i poliziotti, i manifestanti li presero a sassate e li misero in fuga.
7. Non vorrei disturbarvi, ma vi assicuro che è una questione della massima importanza.
8. Dopo averlo lavato e vestito, la baby-sitter lo portò ai giardinetti.

Esercizio Due

1. Da quanto ti conosco, non ti ho mai visto in volto un'espressione di allegria o di felicità.
2. Non ti sto chiamando dal telefono di un'officina, ma da una cabina telefonica.
3. Di chi è questa brodaglia? –È tua, e non è brodaglia ma un ottimo brodo di pollo da bersi mentre è ancora caldo.
4. Sei per caso stata da mia madre, che ti vedo così di buon umore!
5. Dal telefono di casa tua non si riesce a sentire nulla!
6. Non ti muoverai da qui finché non avrai finito di pranzare!
7. Con quella faccia da funerale si direbbe che hai intenzione di buttarti dalla finestra da un momento all'altro.
8. Venga immediatamente da me: io da qui non mi posso muovere!

Esercizio Tre

1. Abbiamo visto quel villino ma ci sembra troppo piccolo per noi.
2. La trovo molto dimagrita dall'ultima volta che l'ho vista.
3. Il caffè mi piace molto amaro e freddo.
4. Luisa, vada sul balcone e controlli se la biancheria è bagnata!
5. La strada in cui abito è molto larga e luminosa.
6. I critici sono stati unanimi nel giudicare l'ultimo film di quel regista veramente noioso.
7. Ti insegno questo gioco di carte perché è davvero semplice.
8. Hanno deciso di mandare il loro figlio a una scuola privata.

Esercizio Quattro

1. Paolo sarà molto contento quando saprà che siamo venuti a trovarlo.
2. L'anno prossimo andrò anch'io al carnevale di Rio e mi travestirò da Pulcinella.
3. Verremo senz'altro anche noi a vedere la gara di skate-board perché ci saranno i più grandi campioni del mondo.
4. Son sicura che lo zio vorrà trattenerci a pranzo, ma purtroppo dovremo rifiutare il suo invito.
5. Durante il carnevale di Viareggio si terrano sfilate di carri allegorici.
6. Ci riuniremo a casa mia questa sera e berremo tutti quanti alla salute del vincitore.
7. Non so se potrò venire da te domani; in ogni caso, te lo saprò dire per l'ora di pranzo.
8. Andrete anche voi a vedere il rientro dei pescatori?

LETTURA





Emilio Praga, escritor milanês (1839-1875), é um dos expoentes da Itália romântica do período da *Scapigliatura*, no qual se inscreve sua obra pictórica e literária. Em sua juventude, Praga freqüentou os salões aristocráticos e cultos da capital lombarda e realizou diversas viagens pela Europa, com longos períodos em Paris. Desde aquela época, cultivou a poesia, passando do tom provocativo, algo trágico e grandiloqüente de seus primeiros escritos (*Tavolozza*, 1862; *Penombre*, 1864), a uma poesia de tom mais comedido, feita de breves quadros impressionistas, impregnados de sentimentos simples, aprazíveis e domésticos (*Fiabe e leggende*, 1867; *Trasparenze*, 1878). De sua prosa, destaca-se a novela incompleta *Le memorie del presbiterio* (1881), uma série de narrações breves conduzidas em um único relato, e *Schizzi a penna* (1865), espécie de diário de suas viagens. Uma vida irregular e boêmia – e uma morte precoce – conferiram particular notoriedade à sua figura.

ARRIVANDO

"Il signore comanda da pranzo?
—No.
—Un letto?
—Nemmeno.
—Vuol visitare il Museo, l'Ospedale, l'Osservatorio, la Cattedrale, la Prefettura?
—No, la strada piú breve per arrivare alla spiaggia."

La camera ove ci avevano imbandita la cena era una camera larga, bassa, e tenebrosa.

L'aria vi era cosí orribilmente calda che, fendendola col viso, pareva un elemento solido che si ritirasse al nostro arrivo, ma per rinchiudersi tosto intorno a noi e opprimerci in un'immensa spira vischiosa.

Le pareti di legno sudavano e luccicavano qua e là, quando i nostri corpi, allontanandosi un po' dal piccolo desco, permettevano al baglior fioco e palpitante della lucerna di zoppicar nello spazio. Sulla cornice che correva all'ingiro riposavano in pace le teste dei camozzi uccisi, pel corso di due generazioni, da' cacciatori della famiglia.

L'ombre di tutte quelle corna nere sfumavano, intrecciandosi sul soffitto affumicato; le imagini dei santi, in larghi campi di carta, componevano intorno alla stufa come un rosario di pallottole bianche, e dalle tozze finestre scorgevasi la valle immersa nella neve.

La vecchia massaia arrivò finalmente con una fumante scodella di latte. La imbandí, poi, presane una cucchiaiata, la gettò sotto il tavolo con una smorfia malinconica e arguta.

Allora l'uscio piagnoloso scivolò sui cardini, e la bella faccia del padrone, come una luna in mezzo a un cielo oscuro, comparve rotonda e gioconda accanto al livido profilo della consorte.

Era un uomo alto, tarchiato e barbuto. Quando apriva la bocca a parlare, l'attenzione degli ascoltatori correva gran pericolo di essere fuorviata dall'abbagliante candore di due immani fila di denti; quando taceva e ascoltava a sua volta, la parola vi si strozzava in gola sotto il fascino di quei grandi occhi neri e profondi.

E' ci avea servito di guida il dí innanzi, e le sue storielle che parean germogliare ad ogni risvolto di via, ci avean per bene abbreviata la difficile salita.

Ci salutò col saluto cordiale di cui si regalano i vecchi amici; gli offrimmo una sedia accanto a noi, e, versatogli da bere, gli domandammo la causa della strana libazione di cui la vecchia compagna della sua vita ci avea fatti testimoni un momento prima.

"Gli è per scongiurare i folletti, —rispose colla serietà di un monaco del dugento.— Se non le offrissimo loro coteste primizie, questa notte, messeri miei, sentireste un bel frastuono qua dentro.

"Vedete le belle chicchere, e i fiaschi lucenti, e i vasi e le statuette della Madonna, e le rocche, e i fusi, e il naspo della cognata, e l'arcolaio dell'ava?...

"Tutto ciò ballerebbe i balli di Satana, e domattina l'odor dello zolfo non vi permetterebbe, messeri, di bere, qua sotto, il tiepido latte munto al tocco dell'*avemaria*. —Noi sorridemmo; ma il vecchio cacciatore vibrandoci in faccia que' suoi grandi occhi di bragia riprese: —Si capisce che voi non avete veduto, come il mio bisnonno ha veduto, gli spettri immensi alzar le nostre giovenche a dieci piedi di altezza, né restituir-

CHEGANDO

– O senhor quer comer?
– Não.
– Uma cama?
– Também não.
– Quer visitar o Museu, o Hospital, o Observatório, a Catedral, a Prefeitura...?
– Não, o caminho mais curto para chegar à praia.

O quarto onde nos haviam preparado o jantar era um aposento amplo, baixo e tenebroso.

O ar era ali tão horrivelmente quente que, cortando-o com o rosto, parecia um elemento sólido que se retirasse à nossa chegada, para em seguida aprisionar-se ao nosso redor e oprimir-nos em uma imensa espiral viscosa.

As paredes de madeira suavam e brilhavam aqui e ali, quando nossos corpos, afastando-se um pouco da pequena mesa, permitiam que o resplendor débil e palpitante do candeeiro claudicasse no espaço. Sobre a moldura que corria por toda a volta repousavam em paz as cabeças das camurças mortas, no curso de duas gerações, pelos caçadores da família.

As sombras de todos aqueles chifres negros se desvaneciam, entrelaçando-se no teto enegrecido; as imagens dos santos, em amplos fundos de papel, compunham em torno do braseiro como um rosário de bolinhas brancas, e das pequenas e grossas janelas divisava-se o vale imerso na neve.

A velha patroa chegou por fim com uma fumegante tigela de leite. Pousou-a e em seguida tirou uma colherada e jogou-a embaixo da mesa com uma careta melancólica e sagaz.

Então a porta rangente deslizou sobre suas dobradiças, e o belo rosto do patrão, como uma lua no meio de um céu escuro, compareceu redonda e jucunda junto ao lívido perfil de sua consorte.

Era um homem alto, vigoroso e barbudo. Quando abria a boca para falar, a atenção dos ouvintes corria um grande perigo de ser desviada pela deslumbrante candura de duas enormes fileiras de dentes; quando se calava e escutava por sua vez, a palavra se sufocava em nossa garganta, sob o feitiço daqueles grandes olhos negros e profundos.

Ele nos havia servido de guia no dia anterior, e suas historietas que pareciam germinar a cada volta do caminho haviam abreviado agradavelmente a difícil subida.

Saudou-nos com a saudação cordial com a qual se presenteia os velhos amigos; oferecemos a ele um lugar junto a nós, e, após servir-lhe de beber, perguntamos a causa da estranha libação que a velha companheira de sua vida nos havia feito testemunhar um momento antes.

– Serve para esconjurar os duendes – respondeu com a seriedade de um monge do século XIII. – Se não lhes oferecêssemos essas primícias, esta noite, meus senhores, ouviriam um belo estrondo aqui dentro.

– Vêem as belas xícaras e as garrafas reluzentes, e os vasos e as estatuetas da Virgem, e as rocas, e os fusos, e a dobadoura da cunhada e da avó?...

– Tudo isso bailaria as danças de Satanás, e pela manhã o odor do enxofre não lhes permitiria, senhores, beber, aqui embaixo, o morno leite ordenhado ao toque da Ave-Maria.

Nós sorrimos, mas o velho caçador, lançando-nos na cara aqueles grandes olhos seus de brasa, continuou:

le se non dopo ch'egli ebbe volte le mani all'azzurro; né la fata che arriva con due capre bianche quando l'annata è fertile, e due capre nere quando l'annata è cattiva; né i serpenti ammaliatori di torelli che si mettono in fuga gettando un gallo bianco nelle campagne; né gli uomini neri che abitano le caverne dell'alte montagne e custodiscono i cristalli del San Gottardo!

—Oh! fortunato quel vostro bisnonno, —osservò il mio compagno di viaggio;— e quanti anni son corsi dacché ei vide cosí strani miracoli?

—Molti, molti anni, messeri! allora le Alpi, che ora son coperte di neve e di ghiaccio, erano belle di pascoli e di vigneti; le nostre giovenche mangiavano senza paura il titimalo, e le napelle erano lietamente morsicate dalle pecore e dai puledri...

Uno sbuffo di vento scosse le imposte; la vecchia si raggomitolò sulla seggiola tarlata trinciando il segno della croce; l'uomo ammutolí come se una mano invisibile lo avesse in quel momento afferrato alla gola.

Poi, con una voce che non era piú quella di prima: "Avete udito, avete udito?

—Sí, il sibilo del vento.

—Oh, non il vento soltanto!

—Forse qualche cagnetto che abbaia alla luna.

—No, messeri, no; l'urlo è caduto dalla caverna delle fate. Qualche aquila dell'Oberalp si è abbattuta sui pineti che la circondano; ed ora la Reuss trascina il suo cadavere al lago. Le fate odiano le aquile, e le uccidono urlando.

E il dabbene montanaro era pallido come una monachella amalata.

"Non sorridere di scherno, —dissi all'amico pittore.— Pensa che costui, solo colla sua carabina alle spalle e la sua fede nel cuore, ha sorriso saltando le orrende fessure delle ghiacciaie, ha cantato il *Ranz des Vaches* in mezzo alle vertigini dei precipizi, sul capo delle valanghe, al di là delle nuvole muggenti; e pensa che noi, fortissimi, che non crediamo alle potenze del male perché dubitiamo di quelle del bene, noi che qui fra quattro pareti regaliamo di un po' di compassione gli ispirati timori di un montanaro, non sapremmo trovare in tutto il nostro scetticismo tanto coraggio da seguirlo domattina nella più breve e piú facile delle sue caccie."

Un immenso piatto di carne salata ci mandava un odor acre alle nari, e il gatto cui regalavamo come certo a' suoi giorni non era stato mai regalato, arrotava sommessamente le sue piccole mascelle fra le nostre gambe incrociate. La vecchia dallo sgomento era passata nel sonno, e di tanto in tanto il suo naso depresso esalava una nota piagnolosa e sottile.

"Sono dieci anni che abbiam celebrato alla sagra di S. Gallo le nozze d'argento!"

E il buon uomo covava quel suo mezzo secolo d'amore, con uno sguardo in cui non sapevi se piú leggere di tenerezza o di venerazione.

E il mio pensiero correva da quella capanna perduta in mezzo ai dirupi, correva a Parigi, alla gaia Parigi, lasciata pochi dí prima; e intorno a quelle due teste canute, grinzute, innamorate e felici, apparivano le mille bellezze brulicanti sulle rive della Senna, le Frini dagli occhi di fuoco e dai seni di marmo, le cacciatrici di giovinetti, i sepolcreti dell'ideale!...

E la mano mi correva senza volerlo alle labbra quasi a strapparne l'ultima impronta dei baci rodenti; a purificarle,

–Compreende-se que não viram, como viu meu bisavô, os espectros imensos levantarem nossas novilhas a dez pés de altura, nem restituí-las a não ser depois que ele voltou as mãos em direção ao azul do céu; nem a fada que chega com duas cabras brancas quando o ano é fértil, e duas cabras negras quando o ano é ruim; nem as serpentes encantadoras de novilhos que empreendem a fuga jogando um galo branco pelos campos; nem os homens negros que habitam as cavernas das altas montanhas e protegem os cristais de São Gotardo!

– Oh! Afortunado aquele bisavô seu – observou meu companheiro de viagem. – Quantos anos se passaram desde que viu tão estranhos milagres?

– Muitos, muitos anos, senhores! Então os Alpes, que agora estão cobertos de neve e de gelo, estavam cheios de pastos e de vinhedos; nossas novilhas comiam sem medo o titímalo, e os acônitos eram alegremente mordidos pelas ovelhas e os potrinhos...

Uma rajada de vento moveu as venezianas; a velha se encolheu na cadeira carcomida fazendo o sinal da cruz; o homem emudeceu como se uma mão invisível lhe tivesse apertado a garganta naquele momento.

Depois, com uma voz que já não era a mesma de antes:

– Ouviram, ouviram?

– Sim, o sibilar do vento.

– Oh, não somente o vento!

– Talvez algum cachorrinho que late para a lua.

–Não, senhores, não; o berro veio da caverna das fadas. Alguma águia do Oberalp se abateu sobre os pinheiros que a circundam; e agora a Reuss arrasta seu cadáver ao lago. As fadas odeiam as águias, e as matam uivando.

E o honesto montanhês estava pálido como uma freirinha doente.

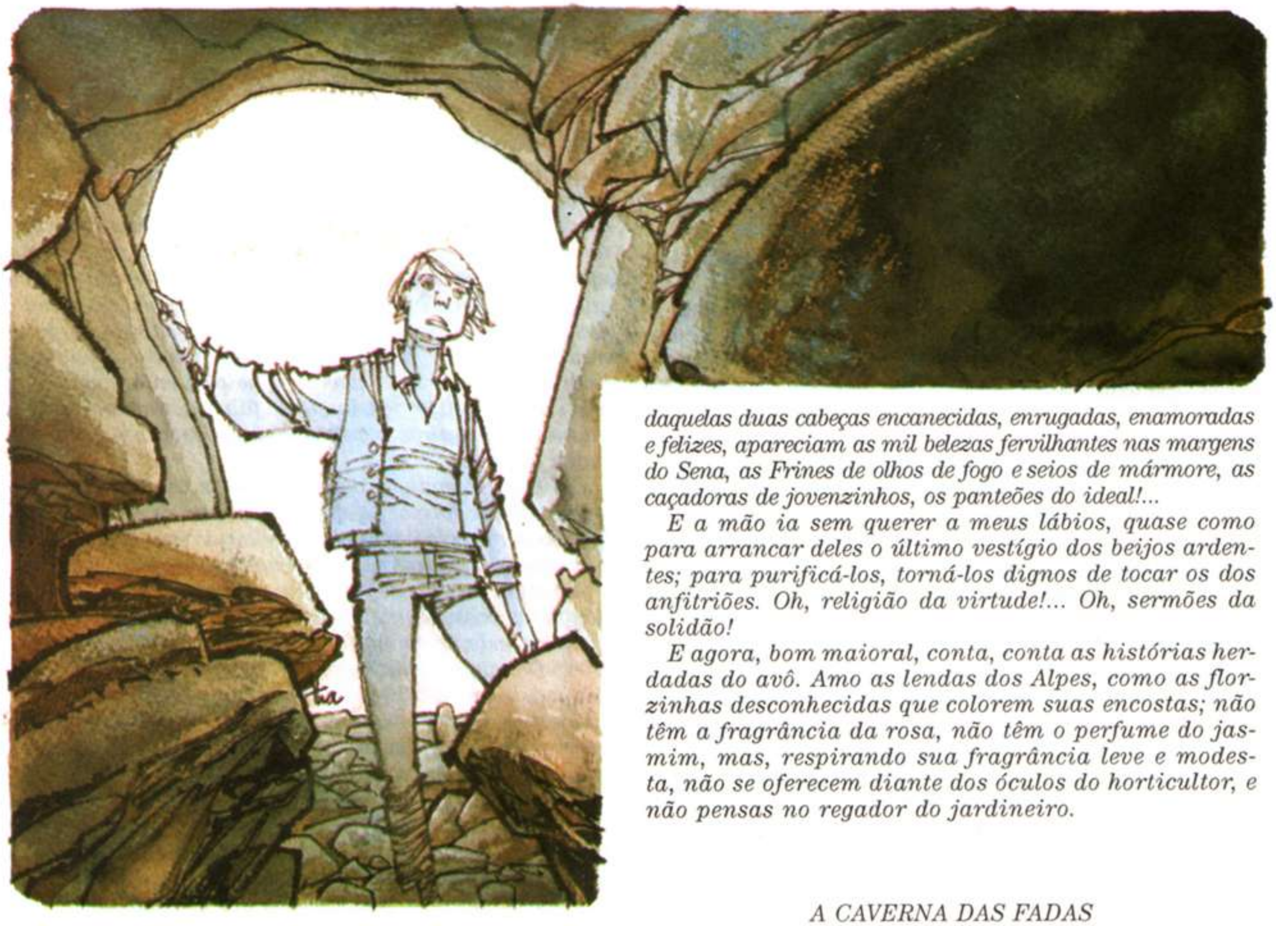
– Não sorriam com zombaria – disse a meu amigo pintor. – Pensa que este, sozinho com sua carabina às costas e sua fé no coração, sorriu ao saltar as horrendas fendas das geleiras, cantou o Ranz des Vaches *em meio às vertigens dos precipícios, sobre as avalanches, mais além das nuvens que mugem; e pensa que nós, fortíssimos, que não cremos nas forças do mal porque duvidamos das do bem, nós que entre quatro paredes presenteamos com um pouco de compaixão os inpirados temores de um montanhês, não saberíamos encontrar em todo o nosso ceticismo tanta coragem como para segui-lo pela manhã na mais breve e mais fácil de suas caçadas.*

Um imenso prato de carne salgada nos enviava um odor acre às narinas, e o gato ao qual presenteávamos, como certamente nunca havia sido presenteado antes, afiava mansamente suas pequenas mandíbulas entre nossas pernas cruzadas. A velha havia passado do susto ao sono, e de vez em quando seu nariz achatado exalava uma nota chorosa e tênue.

– Já faz dez anos que celebramos na festa da consagração da igreja de São Galo as bodas de prata!.

E o bom homem resguardava aquele seu meio século de amor, com um olhar em que não era possível saber se havia mais ternura ou veneração.

E meu pensamento escapava daquela cabana perdida em meio aos despenhadeiros, corria a Paris, à alegre Paris, deixada para trás poucos dias antes; e em torno



daquelas duas cabeças encanecidas, enrugadas, enamoradas e felizes, apareciam as mil belezas fervilhantes nas margens do Sena, as Frines de olhos de fogo e seios de mármore, as caçadoras de jovenzinhos, os panteões do ideal!...

E a mão ia sem querer a meus lábios, quase como para arrancar deles o último vestígio dos beijos ardentes; para purificá-los, torná-los dignos de tocar os dos anfitriões. Oh, religião da virtude!... Oh, sermões da solidão!

E agora, bom maioral, conta, conta as histórias herdadas do avô. Amo as lendas dos Alpes, como as florzinhas desconhecidas que colorem suas encostas; não têm a fragrância da rosa, não têm o perfume do jasmim, mas, respirando sua fragrância leve e modesta, não se oferecem diante dos óculos do horticultor, e não pensas no regador do jardineiro.

a renderle degne di toccar quelle degli ospiti. O religione della virtú!... o sermoni della solitudine!

Ed ora, bel mandriano, racconta, racconta le istorie ereditate dal nonno. Amo le leggende delle Alpi, come i fiorelli sconosciuti che ne colorano i fianchi; non hanno la fragranza della rosa, non hanno il profumo del gelsomino, ma, respirandone l'olezzo leggero e modesto, non ti si paran davanti gli occhiali dell'orticultore, e non pensi all'innaffiatoio del giardiniere.

LA CAVERNA DELLE FATE

A diciott'anni Donato era il piú bel giovinetto che piegasse sotto il martello una verga, nelle fucine di Vallorba. Quando ne usciva al meriggio, colla fronte coperta di fuligine e i muscoli delle braccia gonfi come i torrenti quando arrivan le piogge, le fanciulle si arrestavano sui gradini della fontana, e i loro cuoricini battean ratti ratti sotto i busti di tela. Ma come egli era appena rientrato al lavoro, era caso che le vecchie comari non accompagnassero la sua partenza con qualche maligna parola.

Con una voce cigolante come la corda del pozzo su cui piegavano le ruvide schiene, esse parevan gareggiare a chi scagliasse a Donato il rimbrotto piú acerbo, la predizione piú triste.

"È orgoglioso come un serpente!

—Ciarliero come una gazza!

—Uh! la finirà male! l'avete mai visto alla messa?

—Alla messa? e chi sa se sia nemmen battezzato?"

A CAVERNA DAS FADAS

Aos 18 anos, Donato era o mais belo jovenzinho que dobrava sob o martelo uma barra, nas forjas de Vallorba. Quando saía delas ao meio-dia, com a testa coberta de fuligem e os braços inchados como as torrentes quando chegam as chuvas, as moças se detinham nas escadarias da fonte, e seus coraçõezinhos palpitavam rápidos sob os espartilhos de pano. Mas quando ele mal havia voltado ao trabalho, era raro as velhas comadres não acompanharem sua partida com algum comentário malevolente.

Como o chiado da corda do poço sobre o qual curvavam suas rudes costas, pareciam competir para ver quem lançava a Donato a censura mais áspera, a predição mais triste.

– É orgulhoso como uma serpente!

– Charlatão como um papagaio!

– Ui! Acabará mal! Já o viram na missa?

– Na missa? E quem sabe se ele é sequer batizado?

De qualquer modo, parecia que o jovem ferreiro, contente pela admiração das garotas, deixava grasnar as comadres à vontade.

Mas os velhos, senhores meus, os velhos têm sempre razão; assim, se Donato os tivesse escutado!

É preciso saber que sobre os cumes que sobressaíam às forjas de Vallorba, no mais alto dos precipícios do Jura, existia uma imensa caverna; nenhuma alma viva teria ousado penetrar ali dentro; era a casa das fadas.

Uma destas, todo domingo de Páscoa, aparecia no vale seguida por uma ovelha branca como uma pomba, quando o ano fosse abundante; por uma ovelha negra como um corvo, se os campos e os pastos fossem trair

A ogni modo, pare che il giovane fabbro, contento dell'ammirazione delle fanciulle, lasciasse gracchiar le comari a lor agio.

Ma i vecchi, messeri miei, i vecchi hanno sempre ragione; cosí le avesse ascoltate Donato!

Bisogna sapere che sui gioghi sovrastanti alle fucine di Vallorba, in cima ai dirupi del Giura, esisteva una immensa caverna; anima viva non avrebbe osato penetrare là dentro: era la casa delle fate.

Una di queste, ad ogni domenica di Pasqua, appariva nella valle seguita da una pecora bianca come un colombo quando l'annata doveva essere abbondante; da una pecora nera come un corvo, se le campagne e i pascoli dovean tradire le preghiere dei fittabili e de' pastori. Un'altra fata, al tocco della mezzanotte, veniva l'estate a bagnarsi nelle belle acque dell'Orba, e l'accompagnavano due lupi, due lupi che cogli occhi scintillanti allontanavano dalle rive la gente curiosa. Nel verno, non appena tacevan le incudini e svaniva il bagliore della fornaci, le fate scivolando pian piano lungo il muro annerito delle fucine, vi entravano a riscaldare le vaghe spalle di neve; un gallo andava allora a posarsi sul piú alto comignolo dell'opificio, e all'alba, quando i fabbri tornavano, alzava un grido, e le fate fuggivano.

I vecchi mendicanti delle montagne le dicean belle, alte, e ben fatte; le dicean vestite di una bianca veste che trascinavano fino a terra, celandone i rapidissimi piedi: le chiome bionde pendevano abbandonate sugli omeri e parean mantelli di argento; quando poi cantavano, la voce delle fate avea tutte le dolcezze dell'arpa.

Ora, vedete, le comari parlavano da senno; il bel Donato che avea sentito narrare queste meraviglie tutte, moriva dal desiderio di conoscere le straordinarie creature. Non vi dissi ch'egli era ardito come un camozzo, robusto come un torello, furbo come un segugio?

Eccolo che il bel mattino di una domenica, senza chieder consiglio a nessuno, senza salutare nessuno, parte, s'inerpica sugli scogli, attraversa i boschi, passa i ghiacciai, arriva all'orrendo pertugio, ne smuove i macigni che nascondono la grotta e vi salta a piè pari in mezzo alle tenebre. La percorre a destra e a sinistra, di su e di giú, frantumando i cristalli sotto le scarpe ferrate, insanguinando il capo ai minerali acuti di cui sono irte le pareti e la volta... Ma tutto è deserto, e Donato non sente che l'eco de' suoi passi, errante per invisibili profondità.

E l'insensato, maledicendo alla cattiva fortuna, stava per riguadagnare l'aperto, quand'ecco una fessura, una piccola fessura di cui non s'era accorto entrando. "Son là", dice l'uomo, e vi si caccia. La piccola fessura metteva a una grotta rotonda; in mezzo alla grotta rotonda olezzava un leggiadro letticciuolo di muschio. Donato vi si siede e a poco a poco è preso dal sonno; un sonno greve, affannoso eppur pieno di dolcezza. Dormí, dormí chi sa quanto; e al ridestarsi, miracolo! la caverna è foco, splendore; e lí accanto a lui, accanto cosí che ne sente il respiro e ne sfiora la veste, una donna, una giovane donna tutta circondata dalla bionda capigliatura; e le stanno ai fianchi due candidi conigli, e guarda lo straniero collo sguardo color di cielo.

La fata offrí la bella mano a Donato, e, colla piú dolce voce del mondo, gli disse:

"Donato, vuoi tu restare con me? Io ti farò felice, io ti insegnerò la scienza dei metalli e dell'erbe che dànno la

os pedidos dos arrendatários e dos pastores. Uma outra fada, ao toque da meia-noite, vinha durante o verão banhar-se nas formosas águas do Orba, e acompanhavam-na dois lobos, dois lobos que com os olhos cintilantes afastavam das margens a gente curiosa. No inverno, logo que calavam as bigornas e se desvanecia o resplendor dos fornos, as fadas, deslizando lentamente ao largo do muro enegrecido das forjas, entravam nelas para aquecer seus lindos ombros de neve; um galo ia então pousar na mais alta chaminé do telhado da fábrica, e ao amanhecer, quando os ferreiros regressavam, lançava um grito e as fadas fugiam.

Os velhos mendigos das montanhas diziam que eram belas, altas e formosas, que se vestiam com uma roupa branca que levavam até o solo, ocultando seus rapidíssimos pés; cabeleiras loiras caíam abandonadas sobre os ombros e pareciam mantos de prata; e quando cantavam, as vozes das fadas possuíam todas as doçuras da harpa.

Agora poderão ver que as comadres falavam com razão; o belo Donato, que havia ouvido a narração de todas essas maravilhas, morria de desejo de conhecer as extraordinárias criaturas. Não lhes disse que ele era atrevido como uma camurça, forte como um touro e astuto como um sabujo?

Eis que numa bela manhã de domingo, sem pedir conselho a ninguém, sem cumprimentar ninguém, parte, trepa pelos penhascos, atravessa os bosques, passa as geleiras, chega ao horrendo buraco, move as pedras que escondem a gruta e salta dentro dela com os dois pés em meio às trevas. Percorre-a à direita e à esquerda, para cima e para baixo, triturando os cristais sob os sapatos ferrados, ensangüentando a cabeça com os minerais pontiagudos dos quais estão abarrotadas as paredes e a abóbada... Mas tudo está deserto, e Donato não ouve se não o eco de seus passos, errante por invisíveis profundidades.

E o insensato, maldizendo a má sorte, estava a ponto de voltar para o exterior, quando percebe aqui uma fenda, uma pequena fenda da qual não havia se dado conta ao entrar. "Estão ali", diz o homem, e mete-se lá dentro. A pequena passagem levava a uma gruta redonda; no meio da gruta redonda, exalava sua fragrância um pequeno e gracioso leito de musgo. Donato senta-se nele e pouco a pouco é pego pelo sono; um sono pesado, fatigante e não obstante cheio de doçura. Dormiu, dormiu quem sabe quanto; e ao despertar de novo, milagre! a caverna é fogo, esplendor; e ali a seu lado, tão perto que sente a respiração e roça suas vestimentas, uma mulher, uma jovem mulher toda rodeada por uma loira cabeleira; e a ladeiam dois cândidos coelhos, e ela olha o estranho com o olhar cor de céu.

A fada ofereceu sua formosa mão a Donato, e, com a voz mais doce do mundo, disse-lhe:

– Donato, queres ficar comigo? Eu te farei feliz, te ensinarei a ciência dos metais e das ervas que proporcionam a saúde e a alegria; te revelarei segredos desconhecidos pelo resto dos homens; e minhas irmãs da gruta me ajudarão a fazer-te esquecer das doçuras de que gozavas na terra.

– Aceito! Aceito! – exclamou o ferreiro, a quem lhe parecia estar sonhando.

– Sim? – acrescentou a fada. – Mas com uma condição.

– E qual é, minha formosa senhora?

salute e la gioia: ti rivelerò i segreti sconosciuti al resto degli uomini; e le mie sorelle della grotta mi aiuteranno a farti scordare le dolcezze che godevi sulla terra.

—Accetto! accetto, —sclamò il fabbro, a cui pareva sognare.

—Sí? —aggiunse la fata:— ad un patto però.

—E quale, mia bella signora?

—Tu non mi vedrai che quando mi garberà di apparirti; s'io mi nasconderò, non cercherai di scoprire la mia dimora, e non tenterai di penetrarvi; o ch'io ti abbandonerò in sempiterno. Ora, prendi, ecco due borse: ogni dí ch'io sarò contenta di te metterò nell'una una bella moneta d'oro, metterò nell'altra una perla fina.

—Accetto, —gridò Donato, felice della promessa,— acconsento a tutto, a tutto son pronto."

E la fata sparí.

Per quindici giorni Donato non provò tentazioni. Apriva ogni sera la borsa e vi trovava la bella moneta d'oro e la perla fina. Suonava appena mezzodí al campanile di Vallorba, e un gran varco s'apriva nel muro; la fata, arrivando, invitava Donato ad assidersi vicino a lei, e cominciava il banchetto. La tavola era splendidamente imbandita: trote dell'Orba, capriolo del Giura, selvaggina del Dente di Vallione, miele dell'Abbazia del Lago, vino bianco di Arbois, frutti delle montagne della Plana, nulla, proprio nulla mancava. Spesso l'amabile donna, per divertire l'amico, gli raccontava racconti di fate; altre volte eran ballate ch'essa cantava nel caro dialetto di Vallorba e di Romain-Motiers; poi si ritirava dolcemente dopo aver salutato con un sorriso l'ospite che non doveva seguirla.

Epperò a poco a poco il tempo cominciò a parergli ben lungo, cominciò a tornargli ben noiosa la grotta; la bella moneta d'oro anch'essa e la perla fina non gli piacevano piú.

"Quante cose non vedrei, —pensava Donato,— quante cose in questi sotterranei cui mi è proibito l'accesso! Oh! se osassi!" Combatté la tentazione, ma la combatté senza vincerla.

Giunto il sedicesimo giorno la fata uscí come al solito, e si ritirò in una grotta vicina, di cui lasciò, e non forse a caso, semichiusa la porta. Donato la vedea colà dentro; era addormentata.

"Non mi sentirà", disse il fabbro; e, camminando sulla punta dei piedi, trattenendo il respiro, palpitante, sospeso, spinse l'uscio e scorse la dolce creatura assopita su di un letto di velluto scarlatto, tutto sparso di stelle d'oro e di lame d'argento, in mezzo a una camera magnificamente addobbata. La lunga veste della fata cambiando pieghe ad ogni battito del suo cuore, finí per rialzarsi alquanto... Donato abbassò il capo, ed orrore! uno di quei piedini da tanto tempo sospirati, uno di quei rapidi piedini, era un piè d'oca, giallo, ruvido, sformato. Tutto inorridito, il giovinetto stava per fuggire, quand'uno dei conigli nascosto sotto il letto della fata si dié a guaiolare. La fata si desta, la fata vede Donato, e trattenendo a stento le lacrime, gli grida in voce terribile:

"Sciagurato! che hai fatto? quindici giorni di prova, quindici giorni ancora, e poi ti dava la mia mano di sposa. Io divideva con te, giovinettino, e la mia possanza, e i miei segreti, e le ricchezze mie! Parti ora, fuggi, ritorna alle tue fucine, riprendi i martelli; scorda quanto hai visto e udito nella mia grotta... non scordarti però le due borse... —e poi soggiunse: —Sventura, sventura a te se mai sveli il segreto!"

– Você não me verá, a não ser quando eu queira aparecer diante de ti; se me esconder, não tratarás de descobrir minha morada, e não tentarás entrar nela; do contrário, eu te abandonarei para sempre. Agora, pega, eis aqui duas bolsas: cada dia em que eu me sentir contente por ti, colocarei numa delas uma moeda de ouro, colocarei na outra uma fina pérola.

– Aceito! – gritou Donato, satisfeito com a promessa. – Concordo com tudo, a tudo estou disposto.

E a fada desapareceu.

Durante quinze dias, Donato não sentiu tentações. Toda noite abria a bolsa e ali encontrava a bela moeda de ouro e a fina pérola. Assim que dava meio-dia no campanário de Vallorba, e uma grande passagem se abria na parede, a fada, chegando, convidava Donato para sentar perto dela, e começava o banquete. A mesa estava esplendidamente disposta: trutas do Orba, corça do Jura, caças do Dente de Vallione, mel da Abadia do Lago, vinho branco de Arbois, frutas das montanhas da Plana – nada, absolutamente nada faltava. Com freqüência a amável mulher, para divertir seu amigo, contava-lhe contos de fadas; outras vezes eram baladas que ela cantava no amado dialeto de Vallorba e de Romain-Motiers; em seguida, retirava-se docemente depois de ter cumprimentado com um sorriso o hóspede que não devia segui-la.

Porém, pouco a pouco o tempo começou a parecer-lhe muito comprido, começou a parecer-lhe muito aborrecida a gruta; até a bela moeda de ouro e a fina pérola não lhe agradavam mais.

"Quantas coisas não veria", pensava Donato. "Quantas coisas nestes subterrâneos às quais me proíbem o acesso! Oh, se me atrevesse!" Combateu a tentação, mas a combateu sem vencê-la.

Quando chegou o décimo-sexto dia a fada saiu como de costume, e retirou-se a uma gruta vizinha, da qual deixou, e talvez não por casualidade, entreaberta a porta. Donato a via ali dentro; estava adormecida.

– Não me ouvirá –, disse o ferreiro; e, caminhando sobre a ponta dos pés, contendo a respiração, palpitante, hesitante, empurrou a porta e divisou a doce criatura adormecida sobre um leito de veludo escarlate, todo salpicado de estrelas de ouro e de lâminas de prata, no meio de um aposento magnificamente decorado. O longo vestido da fada, que se movia a cada batida de seu coração, acabou por soerguer-se um pouco... Donato abaixou a cabeça, que horror!, um daqueles pezinhos desejados há tanto tempo, um daqueles rápidos pezinhos, era um pé de ganso, amarelo, tosco, deformado. Completamente horrorizado, o jovenzinho estava a ponto de fugir quando um dos coelhos escondido embaixo do leito da fada se pôs a ganir. A fada desperta, a fada vê Donato, e contendo as lágrimas a duras penas grita-lhe com uma voz terrível:

– Desgraçado! Que fizeste? Quinze dias de prova, mais quinze dias, e depois teria dado minha mão em casamento. Eu compartilharia contigo, jovenzinho, e minha força, e meus segredos, e minhas riquezas! Parte agora, foge, volta a tuas forjas, apanha de novo os martelos; esquece o quanto viste e ouviste em minha gruta... mas não te esqueças das duas bolsas... – e depois acrescentou: – Desventura, desventura para ti se alguma vez revelares o segredo!

Então, como por encanto, todas as tochas se apagam, e a fada desaparece. Donato, em meio à escuridão, procura



Allora, come per incanto, tutte le faci si spegnono, e la fata scompare. Donato, in mezzo all'oscurità, cerca un varco, lo trova brancicando, e come i primi raggi del cielo gli illuminavano la livida faccia, sente una voce lontana, lontana, che grida ancora:

"Silenzio o castigo!"

Non aveva messo quasi la mano all'uscio della fucina che Donato, vedete, messeri, le imprevidenze dei giovani, Donato raccontava già ai negri compagni che gli si affollavano intorno tutto che gli era accaduto, e i tesori della sirena, e la perla fina, e la bella moneta d'oro, e perfino, perfino, il piè d'oca della incauta benefattrice.

Ma una risata immensa accoglie il racconto dell'avventuriere; chi lo dice visionario e si fa beffe di lui, chi lo guarda sinistramente chiamandolo mentitore.

Le fiamme salgono al viso dell'orgoglioso giovinetto, e, alzando i pugni e digrignando i denti: "Ah!, non credete voi non credete? famiglia di scioperati, progenie di ciechi, nati a trascinar tutta la vita in fondo ad una valle il macigno della vostra ignoranza! Ebbene, vi proverò quel che dico; vi proverò che Donato non lo avete mai conosciuto, non avete mai supposto chi fosse il ciarliero, il curioso, il fantastico Donato!... Donato è un uomo di cuore; Donato ha qui nella testa a battere idee tutti i trecento martelli che voi lasciate cader sulle incudini... Non mi mancavano che le ricchezze, e il mio coraggio me le ha date, e le ho rapite agli spiriti e son qui, qui nelle mie mani, qui immense, sfolgoreggianti, mie. O codardi, guardate!"

Trecento occhi dilatati ed immobili si convertono sul pallido Donato, confondendosi in un solo sguardo di curiosità e di stupore. Egli, commosso dall'ira, esaltato dalla universale aspettazione, trema come un arboscello, e cava di tasca le due borse incantate. —Ma un movimento improvviso e simultaneo della folla, lo arresta; alza gli occhi... sono gli operai che tutti insieme fanno un devoto segno di croce.

Un soghigno impercettibile sfiora il viso di Donato; ecco! egli rovescia davanti a tutti il suo tesoro... Ma, Gesummaria! la borsa ove stavano le belle monete d'oro non racchiude piú che foglie di loto; quella delle perle fine vomita sul pavimento sedici baccelli di ginepro.

Donato si gettò nell'Orba, e questa è la storia della caverna delle fate.

uma saída, a encontra apalpando, e assim que os primeiros raios do céu iluminam-lhe o rosto lívido, ouve uma voz distante, distante, que ainda grita:

– Silêncio ou castigo!

Nem bem havia posto as mãos na porta da forja e Donato, vejam, senhores meus, a irreflexão dos jovens, Donato já contava a seus enegrecidos companheiros que se apinhavam a seu redor tudo o que havia sucedido, e os tesouros da sereia, e a fina pérola, e a bela moeda de ouro, e inclusive o pé de ganso da incauta benfeitora.

Mas uma gargalhada estrondosa interrompe a narração do aventureiro; há quem o chame de visionário e zombe dele, quem o observe sinistramente chamando-o de mentiroso.

As chamas se elevam até o rosto do orgulhoso jovenzinho, e levantando os punhos e rangendo os dentes: – Ah!, não crêem, vocês não acreditam? Família de mandriões, progênie de cegos, nascidos para arrastar por toda a vida no fundo de um vale a pedra de vossa ignorância! Bem, provarei a vocês o que digo; provarei que nunca conheceram Donato, não supuseram jamais quem pudesse ser o charlatão, o curioso, o fantástico Donato!... Donato é um homem de coração; Donato tem aqui na cabeça, martelando idéias, todos os trezentos martelos que vocês deixam cair sobre as bigornas... Só me faltavam as riquezas, e meu valor deu-as a mim, e eu as roubei dos espíritos e estão aqui, aqui em minhas mãos, aqui imensas, fulgurantes, minhas. Oh, covardes, olhem!

Trezentos olhos arregalados e imóveis convergem sobre o pálido Donato, confundindo-se em um só olhar de curiosidade e estupor. Ele, tomado pela ira, exaltado pela atenção geral, treme como uma arvorezinha, e tira do bolso as duas bolsas encantadas. Mas um movimento inesperado e simultâneo da multidão o detém; levanta os olhos... são os trabalhadores que todos juntos fazem um devoto sinal da cruz.

Um sorriso zombeteiro imperceptível roça o rosto de Donato. Aqui está! Despeja diante de todos seu tesouro... Mas, Jesus, Maria!, a bolsa onde se achavam as belas moedas de ouro não guarda mais que flores de lótus; a das finas pérolas vomita sobre o solo dezesseis vagens de zimbro.

Donato se atirou no Orba, e esta é a história da caverna das fadas.

CONVERSAZIONE



O matador

Direção: Dino Risi

Vittorio Gassman: *Gerardo*

Dorian Gray: *Annalisa*

Gerardo, vigarista de profissão, casado com Annalisa, recebe em sua casa a visita inesperada de um desconhecido, que, precisando de dinheiro, insiste para que compre um candelabro de prata. Quando Gerardo sai um instante para atender o telefone, o desconhecido deixa o pacote que contém o candelabro em cima da mesa e, esbarrando em um vaso que está em cima dela, substitui o candelabro de prata por outro de madeira. Entretanto, Gerardo, bom conhecedor desses truques, descobre o engano na presença de sua mulher. O visitante diz já tê-lo conhecido antes, e lhe recorda o nome "Gerardo, o Artista". Este confirma sua impressão e deduz que deviam ter se conhecido na cadeia, quando, pela primeira e última vez, foi parar nela. Essa coincidência desperta em Gerardo as lembranças, e ele relata os numerosos golpes que aplicou ao longo de sua existência e também o seu casamento com Annalisa, atriz de um teatro de variedades que, apaixonada pelo vigarista e enciumada de Elena, conseguiu casar com ele substituindo a rival no dia das bodas e celebrando diante de um padre verdadeiro o matrimônio que Gerardo pretendia realizar somente por diversão. Acabada a história, Gerardo, dirigindo-se ao desconhecido, conclui que não se pode confiar nas mulheres e este, tirando do bolso umas algemas, acrescenta que tampouco é bom confiar nos vigaristas, uma vez que ele não é um ex-companheiro de cárcere, mas sim um policial. Gerardo, obrigado a ir à delegacia, despede-se de Annalisa; mas quando sobe no carro da polícia, descobre-se que o suposto agente não é se não um cúmplice de Gerardo, que lançara mão desse estratagema para escapar definitivamente de sua esposa.

IL MATTATORE

SCENA 1[1]

Complice
Buongiorno, signora. Se ci ha[2] un minuto di tempo le vorrei far vedere un oggettino...

Annalisa
No, guardi, no.

Complice
Ma aspetti, signora. Siccome io ci ho mamma malata, vede, non ci ho i soldi per il viaggio, le interessa questo candelabro d'argento? Guardi quant'è bello!

Annalisa
Sì. È molto bello, però... no, guardi, veramente, scusi, eh?!

Gerardo
Chi era?

Annalisa
Nessuno. [HA UN ATTIMO DI RIPENSAMENTO E LO RICHIAMA]
Senta!

Complice
Sì, signora.

Annalisa
Scusi, me lo vuol far rivedere?

Complice
È d'argento, sa! Perché mi trovo in ristrettezze[3], sennò... lo osservi con calma.

Gerardo
[LEGGE UNA FRASE SUL GIORNALE] "Walks no more." Lo zio non cammina più. Poraccio[4].

Annalisa
Gerardo, che ne pensi?

Gerardo
No, no e che ce ne facciamo? Eh?

Complice
'Giorno[5].

Annalisa
Niente. Pensavo per quel regalo di nozze.

Gerardo
No, per carità. Chissà da dove viene! Abbia pazienza, non voglio impicci[6], io.

Complice
Dottó, stia tranquillo, non è roba che scotta[7]. Questo me l'ha regalato il parroco. Me lo fece il giorno del mio matrimonio. Eh, sì, perché io so'[8] sposato e ci ho tre bambini e siccome, come ho detto alla signora, ci ho mamma malata...



Gerardo, che ha sempre fatto il truffatore di professione, è stato più volte in carcere.

Annalisa
Beh, dipende dal prezzo.

Complice
Ah, beh, se è per questo ci mettiamo d'accordo. Guardi, guardi quanto è bello. Ah, c'è pure il bollo. È marcato... argento 800. Vede?

Gerardo
Il bollo! Il bollo[9] non vuol dir niente, il bollo.

Complice
Lei se ne intende?

Gerardo
Un po' sì.

Complice
Eh... Tanto meglio. È un oggetto che vale perlomeno trentamila lire. Io glielo do per quindicimila lire e non se ne parli più.

Gerardo
Quindicimila lire? Non se ne parla proprio più. Ahò, ma che sei matta?

Complice
Dottó, ma, ... ma questo è argento 800!

Gerardo
Lo zio s'è rimesso[10] a correre.
Complice
Facciamo così. signora: mi dà diecimila lire e glielo lascio.
Gerardo
Annalisa, va bene, che vuoi che ti dica? Ti piace! Ce lo pigliamo, così almeno finiamo la discussione. Ecco.
Complice
Grazie assai. Avete fatto proprio un affare[11].
Gerardo
Eh, figuriamoci!
Complice
Eh, sì! Mi piange il cuore, ma che volete, la necessità! Uuuh! [VOLUTAMENTE FA CADERE UN VASO DI FIORI E APPROFITTANDO DELLA DISATTENZIONE DELLA COPPIA SOSTITUISCE IL CANDELABRO]. Quanto mi dispiace! Madonna mia che sbadato[12] che sono! Ma come ho fatto? Scusate tanto!
Gerardo
Va bene, va bene.
Complice
Signó, scusate eh!
Gerardo
Niente.
Annalisa
Non importa, è acqua.
Complice
E allora meglio così. Io me ne vado, eh!
Gerardo
Arrivederci! [GERARDO LO SEGUE, GLI DÀ UNA PACCA[13] SULLA SPALLA]
Complice
Sì?!
Gerardo
Ci ha tanta fretta?
Complice
Eh, beh! Sì, un poco.
Gerardo
E... e il candelabro?
Complice
Eh... Quale... candelabro?
Gerardo
Quello che t'ha regalato il parroco, no?
Annalisa
Sta qui.
Complice
Eh! Non sente la signora?



Una rara immagine di Gerardo senza travestimenti.

1. Um desconhecido, que depois se revela ser um cúmplice de Gerardo, vai à casa deste para vender-lhe um candelabro de prata. Fala, à porta, com a mulher de Gerardo, Annalisa.
2. O cúmplice fala com certas características lingüísticas de Roma: usa o verbo *avere* precedido da desnecessária partícula *ci*, com o resultado fonético indicado entre parênteses: *io ci ho* (io tchó), *tu ci hai* (tú tchái), *egli ci ha* (egli tchá) etc. A observação vale para estes casos e os que se seguem.
3. *Trovarsi in ristrettezze* significa "estar em dificuldade econômica, passar necessidades".
4. *Poraccio*, forma contraída em dialeto romano de *poveraccio* ("pobrezinho, coitado").
5. Annalisa faz entrar na sala de jantar o cúmplice, que cumprimenta Gerardo em tom coloquial, usando a forma abreviada *'giorno* em vez de *buon giorno*.
6. *Impiccio* se diz de qualquer coisa que constitui um incômodo ou obstáculo; *non volere impicci* significa "não querer se meter em confusão".
7. *Che scotta* serve para designar mercadoria, bem, produto ou dinheiro de origem ilícita.
8. *So'*, como antes *dottó*, são formas abreviadas de *sono* e *dottore*, respectivamente; trata-se de uma particularidade do dialeto romano que aparecerá bastante ao longo do diálogo; do mesmo modo *signó* (signore), *'a signora* (la signora), *da'* (dare), *sor* (signor) etc.
9. *Bollo*, marca que indica a autenticidade de alguma coisa.
10. *Rimettersi a* + infinitivo quer dizer pôr-se de novo a fazer o que se indica.
11. *Fare un affare* significa "fazer um bom negócio".
12. *Essere sbadato* corresponde ao português "ser pessoa distraída, desligada".
13. *Dare una pacca* quer dizer "dar um tapa nas costas".

Gerardo
Già. Ma la signora si accontenta del pacchetto. Io invece, vedi, che sono un zinzino[14] sospettoso, io vorrei vedere il candelabro vero e proprio[15]. Ti dispiace?
Complice
Ma sta nel pacchetto, dottó!
Gerardo
Ah, sì?
Annalisa
Guarda che c'è dentro!
Gerardo
'arda[16] lì che c'è! Che c'è lì dentro?
Annalisa
Imbroglione[17]!
Gerardo
Calma, calma, calma. Adesso il signorino tira fuori il candelabro vero e proprio e lo rimette al posto suo. È vero?
Complice
Ma certo, dottó! Certo. Forse me lo son messo in tasca per isbaglio...
Gerardo
Bravo. Bravo[18].
Complice
Ah, eccolo qua. Ecco, perché la signora non pensi male di me.
Annalisa
No! Per carità!
Complice
Questo è il modello.
Gerardo
Ma è possibile, dico io, che continuate a fare questi giochetti che andavano bene cinquant'anni fa? Ma che scherziamo, via[19]! La mamma malata, l'incidente per cambiare il pacchetto e poi da trentamila scendi subito a diecimila. Ahò, ma, ma che? Siamo ragazzini?
Complice
Dottó, dottó, non mi rovini[20]! Queste sono le diecimila lire, le lascio pure il candelabro, ma non mi mandi in galera, dottó! Io sono padre di famiglia!
Gerardo
Anche questo non è vero, comunque sta' tranquillo, in galera non ci andrai.
Complice
Grazie dottó!
Gerardo
Sta' buono, sai!



Sopra: *Per le sue truffe Gerardo si travestiva nei più svariati modi, perfino da ufficiale dei Carabinieri.*
Nella pagina accanto: *Gerardo durante la sua clamorosa truffa ai danni dell'orefice sor Augusto.*

Complice
Dio gliene renda merito[21], io sono incensurato[22].
Gerardo
Sei stato in America?
Complice
No, mai.
Gerardo
Ecco, allora forse in America sarai incensurato, ma qua chissà le condanne che hai beccato[23], perché tu non ci sai fare[24], amico mio, da', da' retta[25] a uno che se ne intende!

SCENA 2 [26]

Gerardo
Buongiorno.
Pasticciera
Buongiorno. Desidera?
Gerardo
Vorrei delle paste.

Pasticciera
Sì. Quante?
Gerardo
Eh, ce ne vorranno[27]... eh! Trentasei.
Pasticciera
Trentasei? Assortite[28] o...
Gerardo
[GUARDANDO UN NEONATO[29] IN BRACCIO ALLA MADRE] Bello lui! Eh? Sì, sì, assortite. Ah, per favore, dodici mi fa un pacchetto a parte, eh?
Pasticciera
Allora facciamo dodici e ventiquattro.
Gerardo
Ecco. Trentasei per trenta... giusti giusti. Ecco. Ce li ho tutti spicci[30].
Pasticciera
Grazie.



Gerardo
Senta, per favore, il pacchetto me lo vuol tenere[31], che vengo a prenderlo fra un momento, eh?
Pasticciera
Sì.
Gerardo
Grazie.
Pasticciera
Prego.

SCENA 3[32]

Gerardo
Buon giorno. Scusi, volevo sapere il prezzo di quell'anelletto lì in vetrina.
Orefice
Quale?
Gerardo
Eeeh, quello lì coi brillantini. No, ma non si disturbi, sa[33]! Solo il prezzo perché se costa un patrimonio...
Orefice
Ma che patrimonio? Costa quarantamila lire.
Gerardo
Ammapalo[34]!
Orefice
Vuol vedere qualcosa più a buon mercato[35]?
Gerardo
Eh, magari! Lei è molto gentile!
Orefice
Venga, venga, qui, qui. Ecco, guardi. Questo costa ventisettemilalire.

14. *Zinzino*, pequeníssima quantidade de alguma coisa; corresponde ao português "um pouquinho, um bocadinho".
15. *Vero e proprio* equivale ao português "propriamente dito".
16. *'arda*, forma apocopada e aspirada de *guarda* ("olha!").
17. *Imbroglione* designa uma pessoa que se aproveita da ingenuidade de outras para enganá-las e obter vantagens; "enganador, farsante, vigarista". Annalisa constata que o candelabro não é de prata, mas outro, de madeira.
18. Em orações exclamativas, *bravo* expressa aprovação e concordância; aqui, equivale ao português "muito bem, assim é que se faz".
19. Neste caso, o verbo *scherzare* ("brincar") indica surpresa diante de algo considerado estúpido ou absurdo; *via* corresponderia ao português "vamos!"; a expressão equivaleria ao português "vamos, anda, o que você está dizendo!".
20. *Rovinare* a alguém significa causar-lhe dano, prejudicar-lhe.
21. *Dio gliene renda merito* equivale ao português "que Deus lhe pague".
22. *Incensurato* se diz de pessoa sem antecedentes penais.
23. *Beccarsi*, forma coloquial equivalente a pegar, receber algo: *si è beccata l'influenza* ("pegou a gripe"); *si è beccato cinque anni di galera* ("pegou cinco anos de cadeia").
24. *Saperci fare* significa "ter habilidade e desembaraço para fazer ou conseguir o que se propõe".
25. *Dar retta* a alguém quer dizer "dar-lhe atenção, dar-lhe ouvidos".
26. Gerardo está contando um de seus mais clamorosos golpes, do qual foi vítima um joalheiro; o golpe conta com a involuntária participação da proprietária de uma confeitaria, que fica em frente à joalheria.
27. *Ce [ne] vorranno*, forma futura da expressão *ci vuole*, que significa "precisa, é necessário".
28. *Assortito* se diz de coisas variadas, que possuem qualidades distintas entre si ("sortidas, diversas").
29. *Neonato* significa "recém-nascido".
30. *Spicci*, "dinheiro solto, trocados, moedas".
31. Neste caso, *tenere* quer dizer "guardar".
32. Tendo preparado o terreno na confeitaria, Gerardo se dispõe agora a enganar o joalheiro.
33. Como em português, o presente do indicativo do verbo *sapere* é utilizado comumente em forma interrogativa ao final da frase, com valor enfático.
34. *Ammappa*, forma em dialeto de *ammazza*, expressão com a qual se manifesta surpresa.
35. *A buon mercato* se diz do que é barato.





A sinistra: *Gerardo, con l'aiuto di un complice vestito da cuoco, gioca un brutto tiro a un ignaro signore.*

A lato: *Durante la seconda guerra mondiale Gerardo era riuscito a ingannare anche i nazisti travestendosi da ufficiale tedesco.*
Nella pagina accanto: *Anche il travestimento da ballerino serviva a Gerardo per le sue truffe.*

Gerardo
Eh, non ci siamo ancora[36].
Orefice
È una bella pietra!
Gerardo
Eh, ho capito!
Orefice
Guardi, guardi che bellezza. Da un gioielliere la pagherebbe il doppio.
Gerardo
Eh, lo so, ma...
Orefice
Per chi è? Per la tua ragazza?
Gerardo
Eh, già!
Orefice
Ci farai un figurone[37]!
Gerardo
No. È che proprio non ci arrivo. Io sono un operaio. Mi dispiace perché è bella. Senta, per ventiquattro non me lo lascerebbe?
Orefice
Ventiquattro? E come faccio?
Gerardo
Annamo[38]... ventiquattro, ventisei...
Orefice
Vabbé[39]! Faccio uno strappo[40] a te, va!
Gerardo
Quant'è simpatico. Dunque, senta una cosa: la conosce la pasticciera qui di fronte?
Orefice
'A signora Turchini? Eh, eh!
Gerardo
'A signora Turchini! Ah, la conosce! La signora Turchini me deve da' trentaseimila lire per una riparazione a un frigorifero. Però m'ha detto di ripassare domani perché oggi non ci aveva il contante[41], capito?
Orefice
Ho capito. Ne parliamo domani.
Gerardo
E no! Perché? Eh, no. L'anello lo devo da' oggi. È un onomastico. Senta, facciamo una cosa, sor... come si chiama lei?
Orefice
Augusto... Augusto... Sor Augusto.
Gerardo
Augusto. Che bello, me ricorda papà! Dunque, se li fa da' dalla signora Turchini. È così semplice. Più garantito di così!
Orefice
Eh, ma...
Gerardo
E venga. Glieli faccio da' subito! [GERARDO

ESCE IN STRADA E CHIAMA LA SIGNORA TURCHINI] Signora Turchini! Signora Turchini, scusi.

Pasticciera
Dica, dica.

Gerardo
Ventiquattro di quelle trentasei le dia qui al sor Augusto, eh? Le altre le prendo io dopo.

Pasticciera
[LA PASTICCIERA CREDE CHE GERARDO SI RIFERISCA ALLE PASTE] Va bene. Gliele porto subito sor Augusto.

Orefice
Sì, sì. Ma con comodo[42]. Non c'è fretta.

Pasticciera
Va bene.

Orefice
Venga, venga.

Gerardo
Ha visto? Tutto a posto, eh?

Orefice
Aspetta che te lo metto in un bell'astuccino.

Gerardo
No, no. Vado de fretta. Va bene così. Tante grazie e arrivederci, eh! Arrivederci.

Orefice
Arrivederci caro.

SCENA 4[43]

Gerardo
Hai capito? Proprio così; nella vita non bisognerebbe mai fidarsi di nessuno. Un uomo crede di aver incontrato un angelo e un bel giorno l'angelo gli dice: "Io sono il tuo padrone!".

Complice
Proprio così. Altre volte uno crede di aver incontrato un amico e l'amico poi ti dice: "Io sono il commissario."

Gerardo
Eh! Eh! Eh! E beh, certo. Potrebbe anche succedere questo. O Dio, non a me eh! Perché te l'ho detto: io i poliziotti li riconosco al fiuto!

Complice
E si vede che oggi sei raffreddato! [GLI MOSTRA UN DOCUMENTO] Commissario Santini della Mobile[44]. Questa volta ci sei cascato come un collegiale!

Gerardo
E perché? E che... che ho detto? Ah, per... no, erano, erano tutte bugie, tutte!

Complice
Siii!

Gerardo
È vero Annalisa? Non è vero niente! Io sono un bugiardo!

Complice
Sì, Sì. Certo.

Annalisa
Gerardo, che succede?

Gerardo
Eh, il commissario Santini...

Complice
...della Mobile.

Annalisa
Come?

Complice
Della Mobile.

Gerardo
La Mobile.



36. Com a expressão *non ci siamo ancora*, Gerardo quer dizer que ainda não se chegou a um preço conveniente para ele.
37. *Fare una bella figura, un figurone* corresponde ao português "fazer uma bela figura, um bom papel".
38. *Annamo*, forma em dialeto romano de *andiamo* ("vamos").
39. *Vabbé* corresponde a *va bene*.
40. *Fare uno strappo*, modismo que significa "fazer uma exceção".
41. *Il contante*, "dinheiro vivo, pagamento em dinheiro".
42. A locução *con comodo* se usa para dizer a alguém que faça algo sem pressa, tranqüilamente.
43. Gerardo contou a seu cúmplice suas façanhas e também o golpe dado por Annalisa no casamento.
44. *La [Squadra] Mobile* é um corpo especial de polícia judicial, encarregado das ações urgentes.

Annalisa
Piacere.
Complice
Piacere mio, signora. Se non fai storie posso anche evitare di metterti la manette, eh?
Gerardo
Ma quali manette? Ma qui c'è uno sbaglio, diglielo tu Annalisa che si sta sbagliando! Io sono un impiegato. Sto in ufficio tutto il giorno, come potevo...
Annalisa
Senta, mio marito adesso ha messo la testa a posto[45], si comporta bene, lavora. E poi gli ho fatto cambiare vita. Lo sorveglio...
Complice
Sì, ma se lo sorvegliamo noi stiamo più tranquilli. Su, adesso saluta tua moglie e vieni con me.
Gerardo
Vado a prendere il cappotto.
Complice
Sì. Ma fa presto e niente scherzi. Mi raccomando, eh!
Annalisa
Lo sapevo che sarebbe finita così. Me lo sentivo! Sei contento adesso? Perché gli hai raccontato tutto come se fossero cose da vantarsi? [SPAVENTATA NON VEDENDOLO NELLA STANZA] Gerardo[46]!
Gerardo
Che c'è?
Annalisa
Credevo fossi scappato dalla finestra.
Gerardo
E che sei matta[47]? So' quattro piani!
Annalisa
Oh! Gerardo!
Gerardo
Noooo. Annalisa non piangere, su! Fa finta che sia fuori per lavoro. Va bene? Vado a Milano per un giro d'affari e quando torno...
Annalisa
Ma quando torni?
Gerardo
Eh, quando torno... tu segui i giornali. Quando leggi che c'è un'amnistia prepari il pranzo per due, va bene? Ciao. No. Niente lacrime, niente lacrime. Salutiamoci come tutti i giorni, va bene? Ciao. Ciao. Ciao. [RIVOLGENDOSI AL COMPLICE] Come vede anche i truffatori[48] hanno un cuore.
Complice
Signora.
Gerardo
Sii forte[49], Annalisa.



Una delle tante truffe di Gerardo richiedeva la celebrazione di un falso matrimonio. Annalisa, chiamando un prete vero a celebrare le nozze, era però riuscita a farsi sposare sul serio.

45. *Metter la testa a posto* equivale em português a "colocar a cabeça no lugar".
46. Annalisa dá um grito, apavorada, achando que Gerardo fugiu pela janela.
47. *Essere matto* quer dizer "estar louco".
48. *Truffatore* significa "golpista, vigarista".
49. *Sii forte*, forma exortativa equivalente a "ânimo!".

ITALIANO PER USI SPECIALI

Apertura di un conto bancario

Escute na fita o diálogo entre o senhor Carrero, que deseja abrir uma conta na filial de um banco na Itália, e o diretor da agência.

Ascoltate

Signor Carrero Ho un appuntamento con il signor Giudici, il direttore dell'Azienda.
Segretaria Chi devo annunciare[1]?
Signor Carrero Manuel Carrero.
Direttore Benvenuto, signor Carrero. In che cosa posso esserle utile?
Signor Carrero Sono venuto come rappresentante della Società AVIM. Sono stato mandato dalla mia casa madre spagnola per aprire in Italia una succursale di distribuzione dei nostri prodotti. Probabilmente, l'avrà già informato della mia visita il signor Pérez.
Direttore Sì, certo, mi dica pure[2].



Signor Carrero Vorrei aprire qui un conto corrente[3] che supplisca alle prime necessità per la nostra installazione in Italia. Si tratterebbe di un conto corrente destinato a facilitare i nostri affari nonché i contratti: operazioni di importazione, carte di credito, operazioni di cambio di valuta, copertura bancaria... Insomma[4], tutte le abituali operazioni bancarie.
Direttore Per questo non c'è alcun problema.
Signor Carrero Due miei carissimi amici sono già clienti di questa Azienda e sono assai[5] soddisfatti, così ho pensato di seguire il loro esempio. Desidererei che mi precisasse quali sono le vostre condizioni generali e le garanzie che esigete dalla nostra Società. Lei probabilmente sa che i nostri affari vanno a gonfie vele[6] ma, se lo ritiene opportuno, posso farle avere[7] gli ultimi tre bilanci affinché si renda conto[8] della nostra solidità finanziaria.
Direttore Ma si figuri, lasci perdere[9]! Il mio collega spagnolo mi ha telefonato in proposito[10] e mi ha mandato tutte le informazioni necessarie. Le farò preparare tutti i documenti e glieli spedirò appena possibile. Le voglio presentare anche la signorina Bianchi, che sarà la vostra corrispondente.
Signor Carrero Perfetto. E quali sono le vostre condizioni generali?

Direttore In primo luogo, deve depositare la sua firma e quella delle persone autorizzate a rappresentarla nei suoi rapporti d'affari con la nostra Azienda di Credito, precisando per iscritto i limiti eventuali delle facoltà loro accordate[11]. Le revoche e le modifiche delle facoltà concesse alle persòne autorizzate non saranno opponibili finché la nostra Azienda non abbia ricevuto la relativa comunicazione a mezzo di[12] lettera raccomandata.
Signor Carrero E per quanto riguarda i servizi di incasso e di accettazione di effetti, documenti e assegni a favore dell'estero?
Direttore Quanto a ciò, sia che vengano stilati in lire italiane o in divisa estera, accetteremo il pagamento soltanto se l'importo relativo potrà essere[13] immediatamente utilizzato o trasferito secondo le istruzioni della lettera di rimessa.
Signor Carrero La ringrazio molto per le informazioni. è stato davvero gentile.
Direttore L'aspetto presto, allora, e arrivederci.



Diga se as seguintes afirmações são corretas ou incorretas.

1. La visita del signor Carrero non era stata annunciata precedentemente.
2. La Società AVIM è già cliente della filiale il cui direttore è il signor Giudici.
3. Il direttore non ha bisogno di ulteriori informazioni sulla stabilità della Società AVIM.
4. La signorina Bianchi si occuperà delle relazioni con la Società AVIM.
5. Non è necessario che il signor Carrero depositi la sua firma o quella delle persone autorizzate a rappresentarlo.
6. I servizi di incasso e di accettazione di effetti, documenti e assegni possono essere fatti solo in valuta estera.

1. *Chi devo annunciare?* literalmente significa "a quem devo anunciar?"; corresponde ao português "é da parte de quem?".
2. *Pure* tem vários significados; em expressões de estímulo ou de concessão, serve como reforço: *faccia pure!* ("faça, faça!"); *bisognerà pure che ci decidiamo* ("teremos forçosamente de nos decidir").
3. Ao contrário do português, *conto corrente* é termo masculino; desse modo, *il conto* [de um restaurante, hotel etc.] ("a conta"); *i conti non tornano* significa "as contas não estão batendo".
4. *Insomma*, neste caso, corresponde ao português "em resumo, enfim".
5. *Assai* pode ter o significado de "muito, bastante"; *sono assai soddisfatti* ("estão muito satisfeitos").
6. *A gonfie vele* tem o mesmo sentido figurado do português "de vento em popa". Corresponde a *benissimo*.
7. *Fare avere* algo a alguém quer dizer pôr algo em suas mãos ou à sua disposição, proporcionar-lhe, facilitar-lhe; *le farò avere il nostro catalogo; le faremo avere i risultati dell'inchiesta non appena possibile.*
8. *Rendersi conto* significa "dar-se conta, perceber". Normalmente, tem o simples valor de constatar, ver: *mi rendo conto dei suoi problemi* ("percebo seus problemas"); *affinché si renda conto della nostra solidità finanziaria* ("para que veja, constate nossa solidez financeira").
9. *Lasciare perdere* significa deixar de ocupar-se de algo; neste caso, corresponde ao português "deixa estar, não tem importância".
10. *In proposito* equivale ao português "a propósito".
11. Observe a construção compacta do italiano frente à portuguesa: *le facoltà loro accordate* ("as faculdades que lhes foram concedidas").
12. *A mezzo di* corresponde ao português "através de, por meio de".
13. Note que a oração subordinada com *se* em italiano pode ser construída com o futuro: *accetteremo [...] se l'importo relativo potrà essere immediatamente utilizzato.*

Osservate

Ao expressar o objetivo ou finalidade do afirmado ou realizado na oração principal, podem ser utilizadas duas construções.

1. Sujeito da oração final diferente do da principal

a) Quando o sujeito da oração final é diferente do da principal, a oração subordinada se constrói no modo subjuntivo:

Exemplo:

Posso farle avere gli ultimi tre bilanci { affinché / perché / acciocché } *si renda* conto della nostra solidità finanziara.

b) Das diferentes alternativas indicadas, *perché* é a mais usada, enquanto as restantes ficam reservadas para a linguagem culta ou burocrática.

c) Em italiano, *perché* ("porque") pode ter valor causal; porém, ao contrário do *perché* final ("para que"), se constrói com o indicativo.

Exemplo:
Te lo dico perché tu lo *sappia* ↔ te lo dico perché lo *so*.

2. O mesmo sujeito na oração final e na oração principal

a) Quando o sujeito de ambas as orações é o mesmo, a subordinada é construída com *per* + infinitivo.

Exemplo:
Sono stato mandato [...] per *aprire* in Italia una succursale.

b) Com verbos de movimento, essas orações podem ser construídas também com *a* + infinitivo.

Exemplo:
Sono andato a/per *vedere* i libri.

c) Estas preposições podem ser substituídas por outras locuções:

Exemplo:
Sono venuto { al fine di / allo scopo di } informarti.

Esercizi

A Complete com *perché* + subjuntivo ou *per/a* + infinitivo, como convier, acrescentando o pronome complemento quando necessário.

1. Sono uscita ... (io, prendere) una boccata d'aria.
2. Ci hanno appena telefonato ... (noi, dare) loro un consiglio.
3. Hanno consegnato le lettere a Giovanni ... (egli, imbucare, esse) presso l'ufficio postale.
4. Il preside ha convocato il collegio dei docenti ... (esso, deliberare) sull'adozione dei libri di testo.

5. Paolo è andato un mesetto in campagna ... (egli, riprendersi) dopo l'intervento chirurgico.
6. Abbiamo mandato un nostro amico in segreteria... (egli, chiedere) informazioni sui corsi estivi.
7. Mi hanno scritto ... (essi, fare sapere, a me) che non sarà loro possibile essere presenti all'atto commemorativo.
8. Saranno qui domani alle 11 ... (essi, firmare) il contratto.

B Conjugue o verbo entre parênteses no indicativo ou subjuntivo, quando se tratar de orações causais ou finais.

1. Spegni la stufa, perché qui ... (fare) troppo caldo e si ... (soffocare).
2. Perché ... (lei, potere) incassare l'assegno, deve prima firmarlo sul retro.
3. Chiamiamo un facchino perché queste valigie ... (pesare) troppo e noi non ... (essere in grado) di trasportarle.
4. Portarono in aula l'accusato perché il giudice ... (potere) interrogarlo durante il processo.
5. Se ne stette tutto il giorno a letto perché ... (essa, non sentirsi) bene.
6. La cuoca mise un dado nel brodo perché ... (esso, essere) più saporito.
7. Consegnamo ai clienti il listino perché ... (essi, essere) informati dei prezzi in vigore.
8. Introdusse un liquido speciale nel radiatore della macchina perché l'acqua non ... (gelare) durante l'inverno.

Vocabolario

accordare (*v.t.*) — outorgar, conceder
affare (*s.m.*) — negócio
assegno (*s.m.*) — cheque
bilancio (*s.m.*) — balanço
cambiale (*s.f.*) — nota promissória
concesso-a (*p.p.*) — concedido(a)
corrispondente (*s.f./m.*) — correspondente
esìgere (*v.t.*) — exigir
finanziario (*adj.*) — financeiro
incasso (*s.m.*) — cobrança
lettera raccomandata (*s.f.*) — carta registrada
modifica (*s.f.*) — modificação
rapporto (*s.m.*) — relação
rèvoca (*s.f.*) — anulação
ritenere (*v.t.*) — considerar
solidità (*s.f.*) — solidez
stilare (*v.t.*) — redigir
supplire (*v.t.*) — suprir, preencher
valuta (*s.f.*) — valor

Respostas dos exercícios

Ascoltate

As afirmações são:
1. Incorreta
2. Incorreta
3. Correta
4. Correta
5. Incorreta
6. Incorreta

Osservate

A

1. Sono uscita per/a prendere una boccata d'aria.
2. Ci hanno appena telefonato perché dessimo loro un consiglio.
3. Hanno consegnato le lettere a Giovanni perché le imbucasse presso l'ufficio postale.
4. Il preside ha convocato il collegio dei docenti perché deliberasse sull'adozione dei libri di testo.
5. Paolo è andato un mesetto in campagna per/a riprendersi dopo l'intervento chirurgico.
6. Abbiamo mandato un nostro amico in segreteria perché chiedesse informazioni sui corsi estivi.
7. Mi hanno scritto per farmi sapere che non sarà loro possibile essere presenti all'atto commemorativo.
8. Saranno qui domani alle 11 per firmare il contratto.

B

1. Spegni la stufa perché qui fa troppo caldo e si soffoca.
2. Perché lei possa incassare l'assegno, deve prima firmarlo sul retro.
3. Chiamiamo un facchino perché queste valigie pesano troppo e noi non siamo in grado di trasportarle.
4. Portarono in aula l'accusato perché il giudice potesse interrogarlo durante il processo.
5. Se ne stette tutto il giorno a letto perché non si sentiva bene.
6. La cuoca mise un dado nel brodo perché fosse più saporito.
7. Consegnamo ai clienti il listino perché siano informati dei prezzi in vigore.
8. Introdusse un liquido speciale nel radiatore della macchina perché l'acqua non gelasse durante l'inverno.

C/UNITÀ 7

DAL VIVO

Ouça na fita as seguintes frases, observando as diferenças léxicas e sintáticas entre os dois registros lingüísticos.



a = *língua coloquial familiar*
b = *língua comum padrão*



1. a) Ti vuoi spicciare[1], sì o no? Santo cielo[2], vuoi vedere che così sto[3] treno ce lo giochiamo[4]?

   b) Vuoi sbrigarti, per favore? Santo Iddio, vedrai che alla fine perderemo questo treno!



2. a) E sta' un po' zitto! Sei tu che mi fai incasinare[5] con le tue fregole[6]!

   b) Taci un momento! Sei proprio tu che mi fai confondere con le tue frenesie!



3. a) E tu allora fatti un altro sonno[7]! Ti vuoi dare una smossa? Sei proprio una frana[8]!

   b) E tu prenditela ancora con calma, allora! Ti vuoi svegliare? Sei proprio un disastro!



4. a) E tu sei un rompiballe[9], ecco quello che sei! Ma perché non ti prendi la briga[10] di fartele da te le valigie, invece di star qui a rompermi l'anima?!

   b) E tu sei proprio uno scocciatore, per dire quello che sei! Perché piuttosto non ti preoccupi tu di fare le tue valigie, invece di startene qui a darmi fastidio?!

1. *Spicciare* significa "terminar algo depressa"; *spicciare una faccenda* ("terminar logo um assunto"); *spicciarsi*, sinônimo de *sbrigarsi*, também significa "apressar-se".
2. *Santo cielo!*, exclamação que se usa para expressar contrariedade ou contratempo.
3. *Sto*, forma contraída coloquial de *questo*; analogamente, *sta casa, sti libri, ste scarpe...*
4. *Giocarsi* corresponde ao português "jogar, entreter-se"; *giocarsi qualcosa* significa "arriscar algo até perdê-lo".
5. *Incasinarsi* quer dizer confundir-se por nervosismo ou pressa excessiva.
6. *Fregola*, palavra popular que significa "mania".
7. *Fare un sonno*, sinônimo de *fare una dormita*, ou seja, dormir durante certo tempo; *farsi un altro sonno* tem valor figurado de agir com calma, sem pressa.
8. *Frana* literalmente quer dizer desprendimento de terra ou pedra; *essere una frana* designa uma pessoa inútil, incapaz de fazer as coisas direito ou proveitosamente.
9. *Rompiballe/rompipalle* indica pessoa que causa incômodo, "chato".
10. *Prendersi/darsi la briga* significa ocupar-se ou preocupar-se em fazer o que se indica.

Modi di dire



1. Armarsi fino ai denti.

   Quer dizer providenciar todos os meios de defesa possíveis; corresponde ao português "armar-se até os dentes".

2. Tentar non nuoce.

   Literalmente, significa que, em princípio, tentar resolver algo não ocasiona dano nem prejuízo; equivale ao português "tentar não custa".

3. Farsene un baffo.

   Baffo literalmente é "bigode"; *farsene un baffo* significa não se preocupar nem um pouco; "não ligar a mínima, não estar nem aí".

4. Battersi fino all'ultimo sangue.

   Significa lutar denodadamente e defender-se até a morte; equivale ao português "lutar até o fim".

D/UNITÀ
7

UN PO' DI GRAMMATICA

Esercizio Uno

Complete com *nessun(o,a)*, *alcun(o,a)*, ou com ambos, conforme o caso[1].

Exemplo:
Per questo non c'è ... problema.
Per questo non c'è ... *alcun/nessun* problema.

1. Nel mercato delle pulci non ho trovato ... oggetto interessante.
2. ... abito esposto mi andava bene, così non ne ho comperato ...
3. Non abbiamo visto ... gioiello antico che fosse di valore.
4. ... bambola ci sembrò tanto bella come quella antica che vedemmo nella bancarella del mercatino.
5. Non c'è ... antiquario disposto ad acquistare il mio vecchio comò.
6. ... commessa seppe dire di quale epoca fossero quelle antiche monete di rame.
7. Non effettuiamo ... sconto sulla merce esposta.
8. In ... altro negozio ho visto cosucce così originali e curiose.

1. Em italiano, o adjetivo *nessuno/alcuno* pode ser usado indistintamente em frases negativas e positivas, contanto que seja colocado depois do verbo e antes do respectivo substantivo: *nessun quadro moderno mi piace* ou *non mi piace nessun/alcun quadro moderno* ("não gosto de nenhum quadro moderno"). Ao contrário do português, não é comum o uso do adjetivo *nessuno/alcuno* com caráter negativo depois do substantivo: *non vedo nessuna/alcuna necessità di farlo* ("não vejo nenhuma necessidade de fazê-lo").



Esercizio Due

Conjugue o verbo entre parênteses no tempo e no modo adequados[2].

Exemplo:
Glieli ... (io, spedire) subito.
Glieli spedisco subito.

1. Tutti gli anni, durante l'esodo di ferragosto, ... (perire) centinaia di persone per incidenti automobilistici.
2. Oggi stesso le ... (noi, spedire) una raccomandata con tutti i documenti da lei richiesti.
3. Non credo che ... (essi, partire) prima di domani sera.

4. Mia sorella ... (smarrire) sempre guanti e ombrelli.
5. Signor direttore, desidero che lei ... (capire) le mie ragioni.
6. Signorina, prima ... (lei, finire) questo lavoro, poi ... (lei, aprire) la corrispondenza.
7. La legge ... (punire) gli evasori fiscali con forti sanzioni.
8. Questo ragazzo .. (intuire) al volo quello che la professoressa gli spiega.

2. a) Na maioria dos verbos regulares da terceira conjugação, intercala-se um *isc* nos seguintes tempos e pessoas: →

b) Não levam este sufixo os seguintes verbos: *aprire, coprire, cucire, divertire, dormire, fuggire, partire, nutrire, pentirsi, seguire, sentire, offrire, servire, vestire, soffrire.*

PRESENTE		
Indicativo	Subjuntivo	Imperativo
cap*isco*	cap*isca*	
cap*isci*	cap*isca*	cap*isci*
cap*isce*	cap*isca*	cap*isca*
capiamo	capiamo	capiamo
capite	capiate	capite
cap*iscono*	cap*iscano*	cap*iscano*

Esercizio Tre

Conjugue o verbo entre parênteses no imperativo.

Exemplo:
... (lei, lasciare) perdere!
Lasci perdere!

1. ... (tu, guardare) con che disinvoltura prende la nostra macchina!
2. E pensare che il dottore gli ha detto: ... (lei, smettere) di fumare!
3. ... (tu, andare) a chiedere che cosa desiderano quei due signori!
4. ... (tu, fare) finta di niente e ... (tu, lasciare) che vada dove vuole!
5. Per favore, ... (lei, spegnere) la sigaretta perché qui è vietato fumare e a me dà fastidio.
6. ... (entrare) tu per primo e ... (tu, chiedere) se ci possono dare una mano: io non me la sento!
7. ... (noi, seguire) subito nostra figlia e ... (noi, tentare) di capire dove diavolo va sempre a quest'ora!
8. Signorina, mi ... (lei, dire): ha mai visto quegli uomini?



1



2



8



Esercizio Quattro

Complete com a preposição *a* ou *in*, conforme o caso.

Exemplo:
Apriamo una succursale ... Italia.
Apriamo una succursale *in* Italia.

1. Certo che ... Parigi ci sono dei grandi magazzini che sono la fine del mondo!
2. ... questa città ultimamente hanno pulito e restaurato molti vecchi palazzi e palazzine.
3. ... Madrid il problema del parcheggio è stato in gran parte risolto con la creazione di parcheggi sotterranei.
4. ... Andalusia ho visto le più belle donne del mondo.
5. ... Milano stanno costruendo una nuova linea metropolitana.
6. L'inaugurazione del congresso internazionale avverrà ... Roma nelle prime settimane di dicembre.
7. La famosissima torre pendente si trova ... Pisa, ... Toscana.
8. Farei qualsiasi cosa per abitare ... città e non ... questa orrenda e squallida periferia.



Vocabolario

avvenire (*v.t.*)	ter lugar, ocorrer
bàmbola (*s.f.*)	boneca
bancarella (*s.f.*)	barraca, quiosque
commessa (*s.f.*)	vendedora
comò (*s.m.*)	cômoda
cosuccia (*s.f. dim.*)	coisinha
èsodo (*s.m.*)	êxodo
far finta (*v. per.*)	simular, fingir
ferragosto (*s.m.*)	festas da semana de 15 de agosto
incidente (*s.m.*)	acidente
grandi magazzini	lojas de departamentos
mercato delle pulci (*s.m.*)	feira de objetos usados, mercado das pulgas
negozio (*s.m.*)	loja
palazzo (*s.m.*)	edifício residencial
parcheggio (*s.m.*)	estacionamento
pendente (*adj.*)	inclinado
rame (*s.m.*)	cobre
richièdere (*v.t.*)	pedir
sconto (*s.m.*)	desconto
sentìrsela (*v. per.*)	ver-se com ânimos
smarrire (*v.t.*)	perder
sméttere (*v.t.*)	deixar de
vietare (*v.t.*)	proibir, vetar

Respostas dos exercícios

Esercizio Uno

1. Nel mercato delle pulci non ho trovato nessun/alcun oggetto interessante.
2. Nessun abito esposto mi andava bene, così non ne ho comperato nessuno.
3. Non abbiamo visto nessun/alcun gioiello antico che fosse di valore.
4. Nessuna bambola ci sembrò tanto bella come quella antica che vedemmo nella bancarella del mercatino.
5. Non c'è nessun/alcun antiquario disposto ad acquistare il mio vecchio comò.
6. Nessuna commessa seppe dire di quale epoca fossero quelle antiche monete di rame.
7. Non effettuiamo nessuno/alcuno sconto sulla merce esposta.
8. In nessun altro negozio ho visto cosucce così originali e curiose.

Esercizio Due

1. Tutti gli anni, durante l'esodo di ferragosto, periscono centinaia di persone per incidenti automobilistici.
2. Oggi stesso le spediremo una raccomandata con tutti i documenti da lei richiesti.
3. Non credo che partano prima di domani sera.
4. Mia sorella smarrisce sempre guanti e ombrelli.
5. Signor direttore, desidero che lei capisca le mie ragioni.
6. Signorina, prima finisca questo lavoro, poi apra la corrispondenza.
7. La legge punisce gli evasori fiscali con forti sanzioni.
8. Questo ragazzo intuisce al volo quello che la professoressa gli spiega.

Esercizio Tre

1. Guarda con che disinvoltura prende la nostra macchina!
2. E pensare che il dottore gli ha detto: smetta di fumare!
3. Va' a chiedere che cosa desiderano quei due signori!
4. Fa' finta di niente e lascia che vada dove vuole!
5. Per favore, spenga la sigaretta perché qui è vietato fumare e a me dà fastidio.
6. Entra tu per primo e chiedi se ci possono dare una mano: io non me la sento!
7. Seguiamo subito nostra figlia e tentiamo di capire dove diavolo va sempre a quest'ora!
8. Signorina, mi dica: ha mai visto quegli uomini?

Esercizio Quattro

1. Certo che a Parigi ci sono dei grandi magazzini che sono la fine del mondo!
2. In questa città ultimamente hanno pulito e restaurato molti vecchi palazzi e palazzine.
3. A Madrid il problema del parcheggio è stato in gran parte risolto con la creazione di parcheggi sotterranei.
4. In Andalusia ho visto le più belle donne del mondo.
5. A Milano stanno costruendo una nuova linea metropolitana.
6. L'inaugurazione del congresso internazionale avverrà a Roma nelle prime settimane di dicembre.
7. La famosissima torre pendente si trova a Pisa, in Toscana.
8. Farei qualsiasi cosa per abitare in città e non in questa orrenda e squallida periferia.

LETTURA





Luigi Capuana, escritor siciliano (Catânia, 1839-1915), foi jornalista, dramaturgo e crítico teatral e literário. Ao lado do amigo Giovanni Verga, difundiu na Itália a poética do naturalismo francês. Defendia a renovação do romance e do teatro italianos, de acordo com os princípios da observação e da análise científica da realidade individual e coletiva, da dissecação psicológica dos personagens e da exclusão ou independência ideológica e crítica do autor em relação à narrativa. Apesar disso, tanto em sua primeira obra narrativa (*Profili di donna*, 1877) como em seu romance mais famoso, *O marquês de Roccaverdina* (1901), Capuana revela maior interesse pela configuração e análise psicológica de seus personagens do que pela descrição realista e desapaixonada do mundo rural siciliano, ao qual dedica apenas seu romance e peça teatral *Giacinta* (1879). Em *O marquês de Roccaverdina* fica assim mesmo patente a influência do romantismo e o amor pelo fabuloso e pelo extravagante, próprios da *Scapigliatura*.

XIII

Non già che il marchese fosse innamorato come un giovanotto (egli anzi si meravigliava un po' di non provare per la Mugnos qualche cosa di più che un sentimento di gratitudine e di rispetto), ma perché la immagine di lei sorridente lo rasserenava tenendolo occupato.

La risposta poteva essere diversa da quella che egli desiderava?

Intanto bisognava pensare a ripulire la casa, a farvi grandi mutamenti. Mai, come in quei giorni, essa non gli era sembrata un laberinto.

Ah, quel marchese *grande*, che aveva avuto il mal del calcinaccio in città e in campagna! Fare e disfare era stato per lui davvero tutto un lavorare. [...]

Egli già aveva tracciato uno schizzo dei mutamenti da fare. Ma l'ingegnere, che mostrava di non raccapezzarsi, avea voluto, innanzi tutto, rendersi conto della solidità dei muri sottostanti, delle volte, della possibilità dei passaggi da praticare.

"Capisce, marchese!..."

Parlava con aria severa, di uomo che la sa lunga e che vuole far valere la sua scienza, stirandosi le grige fedine alla Francesco-Giuseppe, girando il collo dentro il largo colletto con lunghe punte a canale, aggiustandosi gli occhiali affumicati, a capestro, le cui enormi lenti rotonde sembravano due buchi neri sotto la fronte. Il marchese avea cominciato a irritarsi delle minute osservazioni di lui.

"Guardi, guardi: buttando giù questo muro, non avremo un'ariosa camera quasi immediata alla sala da pranzo?"

"Ma capisce, marchese, che allora non sapremo più d'onde cavare un discreto corridoio per liberare le altre stanze!"

"Come? E questo spazio qui?"

"Ah! Su la carta, sta bene. Io però non guardo la carta..."

Don Aquilante, che veniva per render conto al marchese dell'andamento di una lite, lo sentì sin dall'anticamera gridare:

"Capisce! Capisce! Sono uno stupido forse? Il corridoio qui... Un uscio. Un altr'uscio. E così avremo un salottino avanti il salone! Capisce, sì o no?" [...]

Il marchese, insistendo nella difesa del suo progetto, invocava anche il parere di don Aquilante, che lo ascoltava socchiudendo gli occhi, tirandosi su, col solito movimento delle mani e del ventre, la cintura rilasciata dei calzoni, approvando con la testa, senza pronunciare un monosillabo.

"Ho ragione?... Che ne dite?" strillò, all'ultimo, il marchese.

Era impazientissimo; quasi le obbiezioni dell'ingegnere ritardassero i lavori e potessero mettere qualche impedimento alla rinnovazione della sua vita che quel matrimonio doveva iniziare.

E pochi giorni dopo, la casa era piena di operai che buttavano giù pareti intermedie, smattonavano pavimento, abbattevano volte reali; di ragazzi che ammonticchiavano i calcinacci ai lati del portoncino, donde li portavano via i carrettieri, di mano in mano, per non ingombrare il viale che conduceva alla spianata del Castello.

Impolverato peggio dei manovali, il marchese andava da un punto all'altro dando ordini, gridando come un ossesso se si vedeva mal capito, togliendo di mano il piccone a un operaio se questi esitava nel dare i colpi per paura di vedersi crollare addosso un pezzo di muro:

XIII

Não que o marquês estivesse apaixonado como um rapazola (ele, aliás, se maravilhava de não sentir pela Mugnos nada mais que um sentimento de gratidão e respeito), mas a imagem dela sorridente o tranqüilizava e o mantinha ocupado.

Podia haver uma resposta diferente daquela que ele desejava?

Entretanto, era preciso pensar em limpar de novo a casa, fazer grandes mudanças. Nunca, como naqueles dias, ela lhe parecera um labirinto.

Ah, aquele marquês grande *que havia padecido do "mal do pedreiro", tanto na cidade como no campo! Fazer e desfazer havia sido para ele uma contínua ocupação.* [...]

Ele já havia traçado um esboço das mudanças que deviam ser feitas. Mas o engenheiro, que parecia não querer entender nada, queria, antes de tudo, comprovar a solidez dos alicerces, das abóbodas, a possibilidade de abrir novos vãos.

– Compreende, marquês!...

Falava com ar severo, como homem que sabe muito e que pretende fazer valer sua ciência, puxando a cinza barba à inglesa à Francisco José, girando o pescoço dentro do amplo colarinho de grandes pontas acanaladas, ajustando os óculos escuros, sustentados por um cordão, cujas enormes lentes redondas pareciam dois buracos negros sob a testa. O marquês começara a se irritar com as prolixas observações que o outro lhe fazia.

– Veja, veja: se colocamos abaixo esta parede, não teremos uma sala espaçosa quase ao lado da de jantar?

– Mas, compreende, marquês, daí não saberemos como encaixar um discreto corredor para liberar os demais aposentos!

– Como? E este espaço aqui?

– Ah! Aqui na planta, claro. Mas eu não olho a planta...

Dom Aquilante, que vinha para informar ao marquês sobre o andamento de uma briga, ouviu-o gritar desde a antecâmara:

– Entende, entende! Sou por acaso um estúpido? O corredor aqui... Uma porta. Outra porta. E assim teremos uma salinha diante do salão. Entende, sim ou não? [...]

O marquês, insistindo na defesa de seu projeto, invocava inclusive o parecer de dom Aquilante, que o escutava entrecerrando os olhos, puxando para cima, com o costumeiro movimento das mãos e do ventre, o cinto frouxo das calças, e aprovando com a cabeça, sem pronunciar um monossílabo.

– Tenho razão?... Que me diz? – berrou, enfim, o marquês.

Estava impacientíssimo; como se as objeções do engenheiro fossem atrasar as obras e pudessem acarretar algum impedimento para a renovação de sua vida que devia iniciar-se com aquele casamento.

E poucos dias depois, a casa estava cheia de operários que demoliam paredes divisórias, desenladrilhavam o chão, abatiam abóbadas reais; de rapazes que amontoavam os entulhos ao lado do pequeno portão, de onde os carreteiros os levavam, de mão em mão, para não obstruir o caminho que conduzia à esplanada do Castelo.

Mais sujo de pó que os serventes, o marquês ia de um

"Così, animale! Debbo insegnarti io il tuo mestiere?"

E la domenica appresso, non avendo chi sgridare né di che occuparsi, sentì con piacere che due *forestieri*, pecorai a giudicarli dall'apparenza, chiedevano di consengargli una lettera e di parlare con lui.

Li squadrò mentre apriva la busta.

Vestiti da festa, con camicia di grossa tela candidissima sotto il bianco corpetto di frustagno casalingo, ornato di fitti bottoncini di madreperla; giacchetta di albagio nero con maniche attillate; calzoni della stessa stoffa, a ginocchio, dall'orlo dei quali scappavano i lembi delle mutande; calze di lana grigia, e calzari a punta, di pelle suina, legati con corregge di cuoio incrociate attorno al collo del piede, quei due, un vecchio e un giovane, parevano intimiditi dalla circostanza di trovarsi al cospetto del marchese di Roccaverdina.

"Di che si tratta? La lettera non spiega nulla", egli disse.

"Vostra eccellenza scuserà l'ardire", balbettò il vecchio. "Questi è mio figlio".

"Me ne rallegro con voi; bel pezzo di giovane!"

"Grazie, *voscenza*! Abbiamo detto: "È giusto richiedere prima il permesso al padrone." I grandi meritano rispetto. Noi non vogliamo offendere nessuno... Se *voscenza* acconsente..."

"Spiegatevi."

Si vedeva che non era facile spiegarsi perché padre e figlio si guardarono negli occhi, invitandosi l'un l'altro a parlare.

"Siamo di Modica, eccellenza", riprese, esitante, il vecchio. "Ma, pel pascolo delle pecore, veniamo spesso da queste parti... Così si sono conosciuti, per caso. Egli mi ha detto: "Padre, che ne pensate? Io la sposerei, però...""

"Chi?" domandò il marchese che cominciava a comprendere.

"La vedova... di *voscenza*, cioè, la Solmo..."

"E venite da me? Che può importarmi a me di cotesta signora?... Vi compatisco, perché non siete del paese."

"*Voscenza* deve perdonarci", s'intromise il giovane.

"Ci hanno consigliato..." balbettò l'altro.

"Vi hanno consigliato male. Non ho niente che spartire con costei... Sono suo parente, forse? Perché è stata... al mio servizio? Ha preso marito... È vedova, libera... Che c'entro io?"

Il marchese alzava la voce, corrugando le sopracciglia, facendo gesti di negazione con le mani. "Che c'entro io?" agitato da improvviso sentimento di rancore, quasi di gelosia, contro colui che infine (egli lo riconosceva nello stesso tempo) veniva a rendergli un bel servizio portando via, lontano, quella donna che forse tratteneva la signorina Mugnos dal prendere una risoluzione affermativa.

"Chi vi ha consigliato?... Essa?"

"Eccellenza, no. Un nostro amico che rispetta tanto *voscenza*..."

"Ditegli che lo ringrazio, e che poteva far a meno di suggerirvi una sciocchezza... E sposatevi, sposatevi pure! È libera, vi ripeto. Io non c'entro, né voglio entrarci... Subito vi sposereste?"

"Bisogna cavar fuori le carte e fare i bandi in chiesa."

"E la condurreste a Modica?"

"Se *voscenza* permette."

"Io non c'entro; non volete intenderlo?" urlò il marchese.

Era rimasto turbato. Per poco non gli sembrava che Agrip-

lado a outro dando ordens, gritando como um louco quando era mal compreendido, tirando a picareta das mãos de um operário se via que este hesitava em bater por medo de que um pedaço de muro lhe caísse em cima.

– Assim, animal! Tenho eu que ensinar-lhe seu ofício?

E, no domingo seguinte, não tendo com quem gritar nem de que ocupar-se, ouviu com prazer que dois forasteiros, pastores, a julgar pela sua aparência, pediam para entregar-lhe uma carta e falar com ele. Observou-os enquanto abria o envelope.

Vestidos de festa, com camisa de tecido grosso branquíssima sob o alvo colete de fustão caseiro, adornado com botõezinhos de madrepérola bem juntos um do outro; jaqueta de pano grosseiro negro com mangas justas; calças do mesmo tecido até os joelhos, saindo por debaixo da orla as bordas das ceroulas; meias de lã cinza e calçados pontudos de pele de porco, atados com correias de couro cruzadas nos tornozelos, os dois, um velho e um jovem, pareciam intimidados pela circunstância de encontrar-se na presença do marquês de Roccaverdina.

– De que se trata? A carta não explica nada – ele disse.

– Sua excelência perdoará o atrevimento – balbuciou o velho. – Este é meu filho.

– Me congratulo contigo, belo rapaz!

– Obrigado, vossa excelência! Dissemos: "É justo pedir primeiro permissão ao amo". Os grandes merecem respeito. Nós não queremos ofender ninguém... Se vossa excelência permite...

– Expliquem-se.

Via-se que não era fácil explicar-se, porque pai e filho se olharam nos olhos, convidando-se a falar um ao outro.

– Somos de Modica, excelência – recomeçou, hesitante, o velho. – Mas, para pastorear ovelhas, viemos muitas vezes por estas bandas... Assim se conheceram, por casualidade. Ele me disse: "O que você acha, pai? Eu me casaria com ela, mas..."

– Quem? – perguntou o marquês, que começava a entender.

– A viúva... de vossa excelência, quer dizer, a Solmo...

– E vêm a mim? Que pode importar a mim esta senhora?... Desculpo-os, porque não são da aldeia.

– Vossa excelência nos perdoará – interveio o jovem.

– Nos aconselharam... – balbuciou o outro.

– Aconselharam mal. Não tenho nada em comum com ela... Sou por acaso parente dela? Por que esteve... a meu serviço? Casou-se... Ficou viúva, livre... O que tenho com isso?

O marquês levantava a voz, enrugando as sobrancelhas, fazendo grandes gestos de negativa com as mãos. "Que tenho a ver com isso?", agitado repentinamente por um sentimento de rancor, quase de ciúme, contra aqueles que afinal de contas (ele ao mesmo tempo reconhecia isso) vinham prestar-lhe um excelente serviço ao levar para longe aquela mulher que talvez impedisse a senhorita Mugnos de tomar uma decisão afirmativa.

– Quem os aconselhou?... Ela?

– Excelência, não. Um amigo nosso que respeita muito vossa excelência...

– Digam-lhe que lhe agradeço, e que podia ter evitado sugerir um disparate como esse... E que se casem, então! Que se casem! Ela é livre, repito-lhes. Eu não tenho nada a ver com este assunto, nem quero saber... Vão casar logo?

pina Solmo gli facesse ora un altro tradimento; giacché doveva essere di accordo con lui, se pure quel tentativo non nascondeva un'insidia, un mezzo di rammentare a lui, marchese, che ella era viva e che si teneva ancora come legata!... Sposasse! Purché gli si levasse di torno!...

Non voleva darle neppure la soddisfazione di rinfacciarle la sua infamia!

Aveva dunque fretta di riprendere marito?

E una sconcia parola gli uscì di bocca, quasi che la Solmo fosse là, a riceverla in pieno viso!

Per sfogo, ne parlò con mamma Grazia.

"Meglio così, figlio mio!"

"Se venisse, bada!... non voglio vederla!"

"La ho incontrata parecchie volte a messa. Ultimamente mi ha detto: "È vero che il marchese prende moglie?""

"Chi gliel'ha detto?"

"Non so. Risposi: "Se fosse vero, lo saprei prima degli altri". Ah, se le anime sante del Purgatorio facessero questo miracolo!"

"E... insistette?"

"Disse: "Dio lo renda felice!" Nient'altro. E ogni volta ha soggiunto: "Baciategli le mani, se credete!" Ma io te l'ho sempre taciuto, per non farti dispiacere, figlio mio!"

Eppure no, non doveva lasciare andar via quella donna senza prima rinfacciarle il suo nero tradimento! Doveva, invece, strappargliene la confessione, perché ella non potesse vantarsi, in cor suo, di essere riuscita a farsi gioco del marchese di Roccaverdina. Voleva che piangesse, che avesse rimorso dell'atto infame da lei commesso, e non ignorasse per quale motivo egli si era rifiutato di più vederla e le aveva chiuso in faccia la porta di casa!

Poi rifletteva:

"Ho torto. Vada via! Lontano! Vada!"

Aveva paura di tradirsi, di farla sospettare per lo meno. E s'indignava contro se stesso della vigliaccheria che gli rimestava nel cuore i ricordi del passato, che gli faceva risentire il contatto delle verginali carni di lei, come la prima volta, a Margitello, quando egli le aveva giurato: "Non avrò altra donna!" Era un fiore, allora!... E dopo... anche! E, nei giorni scorsi, mentre il piccone dei manovali abbatteva le pareti della sua camera, non si era sentito stringere il cuore...?

"Ho torto! Vada via! Lontano!... Vada!... E se ella avesse l'audacia..."

Ma quella sera, al vedersela improvvisamente davanti, avvolta nella mantellina nera e vestita a lutto, nell'andito del portoncino dov'ella lo aveva atteso quasi un'ora, sapendo che doveva arrivare da Margitello, al sentirsi salutare con voce commossa: *"Voscenza benedica!"* il marchese non ebbe animo di passare sdegnosamente innanzi, né di fare un gesto o di dirle un'amara parola che la scacciasse.

L'umile atteggiamento, il suono di quella voce che, non udita da un pezzo, gli ronzava da qualche giorno nell'orecchio col ricordo di parole e di frasi evocate suo malgrado (egli stesso non avrebbe saputo dire se per rimpianto, o per indignazione, o per rigurgito di odio), lo sopraffecero, anche perché lo coglievano alla sprovveduta.

"Che fai qui?... Perché non sei entrata?" le disse in risposta al saluto.

"Volevo almeno vederlo... Per l'ultima volta!"

"Entra! Entra!"

La voce del marchese si era già alterata, e il gesto era

– É preciso tirar os papéis e publicar as declarações na igreja.

– E a levará para Modica?

– Se vossa excelência o permite.

– Eu não entro nesse assunto, você não entende? – gritou o marquês.

Ficou alterado. Quase tinha a sensação de que Agrippina Solmo lhe fazia agora outra traição; já que devia estar de acordo com ele, quem sabe aquele intento não escondesse uma insídia, um meio de recordar o marquês que ela estava viva e ainda se considerava ligada a ele... Que se casasse! Contanto que saísse do caminho!...

Não queria dar-lhe nem sequer a satisfação de reprovar sua infâmia.

Então tinha pressa de voltar a ter um marido?

E um palavrão saiu de sua boca, quase como se a Solmo estivesse ali para recebê-lo em plena cara!

Para desabafar, falou do assunto com mamma *Grazia.*

– Melhor assim, meu filho!

– Se viesse, cuidado!... não quero vê-la!

– Encontrei-a muitas vezes na missa. Faz pouco me disse: "É verdade que o marquês vai casar?"

– Quem disse a ela?

– Não sei. Respondi-lhe: "Se fosse verdade, eu saberia antes dos demais". Ah, se as santas almas do Purgatório fizessem esse milagre!

– E... ela insistiu?

– Disse: "Deus o faça feliz!". Mais nada. E cada vez acrescentava: "Beije-lhe as mãos, por favor!". Mas eu nunca te contei, para não desgostar-te, meu filho!

Contudo, não devia deixar aquela mulher partir sem reprovar-lhe antes a sua profunda traição! Tinha, em vez disso, que arrancar-lhe a confissão, para que ela não pudesse jactar-se, em seu íntimo, de ter conseguido zombar do marquês de Roccaverdina. Queria que chorasse, que sentisse remorsos pelo ato infame que ela havia cometido, e que não ignorasse o motivo pelo qual ele havia se negado a voltar a vê-la e fechara a porta da sua casa na cara dela!

Depois refletia:

– Estou errado. Que se vá! Longe! Vá!

Tinha medo de trair-se, de fazê-la pelo menos suspeitar. E ficava indignado consigo mesmo pela covardia que lhe revolvia no coração as recordações do passado, que o fazia voltar a sentir-se em contato com as carnes virginais dela, como na primeira vez, em Margitello, quando ele lhe jurou: "Não terei outra mulher!". Era uma flor, então!... E depois... também! E, nos dias anteriores, enquanto a picareta dos pedreiros demolia as paredes de sua habitação, não havia sentido oprimir-se o coração...?

– Estou errado! Que se vá! Longe! Vá!... E se ela tivesse a audácia de...

Mas aquela tarde, ao vê-la de repente diante de si, envolta no xale negro e vestida de luto, no vão da pequena porta onde ela o esperava havia quase uma hora, porque sabia que devia chegar de Margitello, ao ouvir ser cumprimentado com voz comovida: "Vossa excelência me abençoe!", o marquês não teve ânimo para passar desdenhosamente em frente dela, nem para fazer um gesto ou dizer uma palavra amarga que a afugentasse.

A atitude humilde, o som daquela voz que, não ouvida há tanto tempo, persistia há alguns dias nos ouvidos



diventato brusco, imperioso.

Mamma Grazia, accorsa ad aprire l'uscio al tintinnio dei sonagli delle mule e al rumore delle ruote della carrozza, indietreggiò spalancando gli occhi vedendoseli apparire insieme, e non poté trattenersi dall'esclamare sotto voce:

"Oh, Vergine santa!"

Agrippina Solmo la salutò con un cenno della testa, inoltrandosi dietro al marchese tra le impalcature e gli arnesi da muratori che ingombravano le stanze, fino alla sala da pranzo, rimasta intatta, dove il marchese si fermò, sbatacchiando nervosamente l'uscio per chiuderlo.

"Volevo almeno vederlo... per l'ultima volta", ella replicò tra i singhiozzi irrompenti.

"Sto per morire, forse?" disse il marchese con cupa ironia. "Per te, lo so, sono morto da un pezzo!"

"Perché, *voscenza*?"

"Perché?... Non avevi giurato?" egli proruppe. "Ti ho costretto con la forza quel giorno? Ti feci una proposta. Potevi rifiutarla, rispondermi di no!"

"Ogni sua parola era un comando per me. Ho obbedito... Ho giurato, sinceramente."

"E poi?... E poi?... Nega, nega, se hai coraggio!"

"Per Gesù Cristo che deve giudicarmi!"

"Lascia stare Gesù Cristo! Nega, nega, se puoi!... Ti sei data... a tuo marito, come una sgualdrina! Non era, non doveva essere marito di apparenza soltanto?... Lo avevate giurato, tutti e due!"

"Ah!... *Voscenza*!"

"Tu, tu stessa me l'hai fatto capire!"

"Com'è possibile?"

"Ti faceva pena! Ti sembrava avvilito davanti alle persone! Me lo hai detto più volte."

"È vero! È vero! Ma pensi, *voscenza*!... Da prima, niente; come due estranei, come fratello e sorella. Spesso lo vedevo

com a lembrança de palavras e frases evocadas a contragosto (ele mesmo não teria sabido dizer se por nostalgia, ou por indignação, ou por algum rompante de ódio), o venceram, mesmo porque elas o haviam tomado de surpresa.

– O que você faz aqui?... Por que não entrou? – disse-lhe, como resposta a sua saudação.

– Queria ao menos vê-lo... Pela última vez!

– Entra! Entra!

A voz do marquês estava alterada, e seus gestos tornaram-se bruscos, imperiosos.

Mamma *Grazia, que havia corrido para abrir a porta ao ouvir o tilintar dos guizos das mulas e ruído das rodas da carroça, retrocedeu com os olhos esbugalhados ao vê-los juntos, e não pôde conter uma exclamação abafada:*

– Oh, Virgem santa!

Agrippina Solmo saudou-a com uma inclinação de cabeça, e seguiu o marquês por entre os andaimes e as ferramentas dos pedreiros, que abarrotavam as habitações, até a sala de jantar, que havia permanecido intacta, na qual o marquês se deteve, batendo a porta nervosamente para fechá-la.

– Queria ao menos vê-lo... pela última vez – repetiu ela entre soluços impetuosos.

– Estou para morrer, por acaso? – disse o marquês com profunda ironia. – Para você, já o sei, morri há muito tempo!

– Por que, vossa excelência?

– Por quê?... Não havias jurado? – prorrompeu ele. –Te obriguei à força aquele dia? Fiz-te uma proposta. Podias tê-la rechaçado, respondido que não!

– Cada palavra sua era uma ordem para mim. Obedeci... Jurei sinceramente.

– E depois?... E depois?... Nega, nega se te atreves!

– Por Jesus Cristo que deve julgar-me!

– Deixa em paz Jesus Cristo! Nega, nega se és capaz!... Te deste... a teu marido, como uma desavergonhada! Não era, não devia ser marido só aparentemente?... Vocês juraram, os dois!

– Ah!... Vossa excelência!

– Você, você mesma me deu a entender!

– Como é possível?

– Dava-te pena! Parecia-te aviltado diante das demais pessoas. Me disseste isso muitas vezes.

– É verdade! É verdade! Mas pense, vossa excelência!... Primeiro, nada; como dois estranhos, como irmão e irmã. Freqüentemente o via apenas durante meio dia, aos domingos... Depois de quatro ou cinco meses... oh!, parecia que se divertia!: "Bela vida, hem? Tenho diante dos olhos a

appena mezza giornata, le domeniche... Dopo quattro o cinque mesi... oh! sembrava scherzasse: "Bella vita, eh? Ho sotto gli occhi la tavola apparecchiata e debbo restare digiuno!" Io lo lasciavo dire. E poi, di tratto in tratto, mordendosi le mani: "Ci voleva il santissimo... del marchese di Roccaverdina per farmi fare questo sacrificio!" E una volta: "Vi pare che io non indovimi che cosa dice la gente? *Quel cornutaccio di Rocco!*" Gli risposi: "Dovevate pensarci prima!..." "Avete ragione!... Pensi, *voscenza*. Sentirlo parlare così!... Non ero di bronzo!"

"E allora?... Allora?... Non me ne dicevi niente però!"

"A che scopo? Perché *voscenza* andasse in collera?..."

"E... poi?"

"E poi... Ma pensi, *voscenza*!... Un giorno gli risposi: "Femine ne avete quante volete... Chi v'impedisce?... Non vi bastano?" Si mise a piangere; come un bambino piangeva, imprecando: "Sangue... qua! Sangue... là! Dobbiamo finirla questa storia! Non reggo più!... Che cuore avete dunque?" Che cuore? Non glielo davo a vedere, ma piangevo, di nascosto, pel peccato mortale in cui vivevo..."

"E per lui pure!... Dillo! Confessalo!"

"Niente! Niente, *voscenza*!... No", ella soggiunse dopo breve pausa, "non voglio mentire!... Ma il Signore ci ha castigati... per la mala intenzione soltanto! E, quella notte, non lo fece arrivare a casa!... Oh!... Saremmo venuti da *voscenza*, a pregarlo, a scongiurarlo... Tanto, a *voscenza* che le è più importato di me?... Il mio destino ha voluto così! Sia fatta la volontà di Dio!... Ed ora, si perderà di me anche il nome. Vado via, in un paese dove nessuno mi conosce; per disperazione vado via... Se un giorno però... Serva, serva e nient'altro! Ah! Vorrei dare il mio sangue per *voscenza*!"

Il marchese l'aveva ascoltata con crescente ansietà, stringendo tra i denti il labbro per non irrompere; e quando, fermatasi un istante, ella aveva subito soggiunto: "No, non voglio mentire!" il sangue gli aveva dato un tuffo, quasi egli dovesse vedere compirsi di nuovo l'infame tradimento e propio sotto i suoi occhi.

Stette immobile, senza fiato. Immediatamente però il petto gli si gonfiava con un gran respiro di tetra soddisfazione. Aveva colpito a tempo! Aveva impedito che il tradimento fosse compiuto!...

Ma la intenzione, la mala intenzione, c'era dunque stata! E, chi sa? —non osava di confessarglielo— essa rimpiangeva ancora il morto!

Un feroce pensiero gli attraversò la mente: impedirle di sostituire il morto con un vivo! Tenersela sempre schiava, e colmarla di disprezzo, non guardandola neppure in viso! Quei singhiozzi, quelle lagrime, quelle proteste erano certamente menzognere!

E già stava per dirle: "Non sposare!... Resta!" Si trattenne a stento.

Agrippina Solmo gli si era accostata umilmente, asciugandosi le lagrime; e, presagli una mano, gliela baciava con labbra gelide e convulse:

"*Voscenza benedica!* E il Signore le dia tutte le felicità... se è vero che sposa!"

Un lieve senso di tenerezza lo invase al contatto, ed egli ritrasse lestamente la mano. E prima che maggiore commozione lo vincesse, al gesto di commiato, fece seguire, con voce turbata, queste sole parole:

"Se, per caso... avessi bisogno... Ricordati!..."

mesa posta mas tenho que manter o jejum!" Eu o deixava dizer. E depois, de quando em quando, mordendo as mãos: "Tinha de ser o santíssimo... do marquês de Roccaverdina quem me levasse a fazer esse sacrifício!" E uma vez: "Você acha que eu não adivinho o que andam dizendo as pessoas? Aquele grande cornudo do Rocco!" *Respondi-lhe: "Devia ter pensado antes!...Tens razão..." Pense, vossa excelência. Ouvi-lo falar assim!... Não era de ferro!*

– E então?... Então?... Mas não me dizias nada!

– E para quê? Para que vossa excelência ficasse encolerizado?...

– E... depois?

– E depois... Mas pense, vossa excelência!... Um dia lhe respondi: "Mulheres, tens todas as que quiseres... Quem te impede?... Não te bastam?" Pôs-se a chorar, como um menino chorava, blasfemando: "Sangue... aqui! Sangue... ali! Temos que acabar com esta história! Não agüento mais!... É que não tens coração?" Coração? Não o deixava perceber, mas chorava às escondidas pelo pecado mortal em que vivia.

– E por ele também!... Diga! Confesse!

– Nada! Nada, vossa excelência!... Não – e acrescentou depois de uma breve pausa –, não quero mentir!... Mas o Senhor nos castigou... Tão somente pela má intenção! E, aquela noite, não o deixou chegar em casa!... Oh!... Vínhamos ver vossa excelência, para rogar-lhe, suplicar-lhe... Afinal de contas, o que eu importei a vossa excelência, depois?... Meu destino o quis assim! Faça-se a vontade de Deus!... E agora, se perderá de mim inclusive o nome. Vou para longe, a uma terra onde ninguém me conhece; por desespero, vou embora... Mas se um dia... Criada, criada e nada mais! Ah! Gostaria de dar meu sangue por vossa excelência!

O marquês a havia escutado com crescente ansiedade, mordendo o lábio para não interrompê-la; e quando, calando por um momento, ela acrescentara de repente: "Não, não quero mentir!", o sangue lhe deu um baque, como se fosse ver cumprir-se de novo a infame traição, e desta vez ante seus próprios olhos.

Permaneceu imóvel, desalentado. Mas imediatamente seu peito inchou-se com um grande suspiro de tétrica satisfação. Havia chegado a tempo! Havia impedido que se consumasse a traição!... Mas a intenção, a má intenção, havia existido! E, quem sabe? – não se atrevia a confessá-lo. Talvez ela chorasse ainda pelo morto!

Um feroz pensamento cruzou sua mente: impedi-la de substituir o morto por um vivo! Tê-la sempre como uma escrava, e colmá-la de desprezo, sem olhá-la sequer no rosto! Aqueles soluços, aquelas lágrimas, aqueles protestos não eram certamente mais do que mentiras!

Estava a ponto de dizer-lhe: "Não te cases!... Fica!" Conteve-se a duras penas.

Agrippina Solmo havia se aproximado dele humildemente, secando as lágrimas; e, tomando-lhe uma mão, a beijava com lábios gélidos e convulsivos.

– Vossa excelência me abençoe! E que o Senhor lhe dê toda a felicidade... se é certo que se casa!

Um leve sentimento de ternura o invadiu ao contato, e ele retirou rapidamente a mão. E antes que uma emoção maior o vencesse, fez seguir ao gesto de despedida, com voz alterada, unicamente estas palavras:

– Se, por casualidade... tiveres necessidade... Lembra-te!...

CONVERSAZIONE

Mulheres proibidas

Direção: Giuseppe Amato

Lilla Brignone: *Tamara*

Valentina Cortese: *Vally*

Lea Padovani: *Franca*

Linda Darnell: *Lola*

Anthony Quinn: *Francesco*



Por volta dos anos 50, em Roma, uma prostituta de nome Tamara tenta suicidar-se atirando-se da janela de uma casa de encontros, que, em razão disso, fecha por algum tempo. Isso permite que Lola, Vally e Franca, companheiras de Tamara, saiam do ambiente e pensem em mudar definitivamente de vida. Vally sonha com uma existência familiar tranqüila e decide responder a um anúncio de casamento do jornal, colocado por um venezuelano que no momento vive em Roma. O encontro é satisfatório e ambos projetam casar-se para mudar logo para a Venezuela. Franca deseja encontrar um trabalho honrado para poder viver com sua filha, que até aquele momento mantinha internada numa creche. Lola, atormentada pelos remorsos, deseja voltar a viver com sua mãe e sua família. Tamara resolve abandonar Vittorio, o homem sem escrúpulos que a explorava mediante subterfúgios e promessas, e deixar para sempre a prostituição. Tamara e Franca conseguem realizar seus projetos; a ilusão de Vally, ao contrário, esbarra nos preconceitos da sociedade: as perguntas sobre seu passado levadas a cabo pelo juiz no próprio dia do casamento a impedem de concretizar seu desejo. Lola, temerosa das reações de sua família, desiste de seu intento, volta à prostituição e morre logo depois, em conseqüência de uma doença do coração que fazia tempo a ameaçava.

Donne proibite



Le compagne di lavoro di Tamara accorrono all'ospedale dove la ragazza è stata ricoverata in seguito al suo tentativo di suicidio. Nella pagina seguente: Vally, mentre si trova nella pensione di Rosita, riceve la telefonata di Francesco, un venezuelano che, con un'inserzione sul giornale, sta cercando l'anima gemella.

SCENA 1[1]

Lola
Non ce la facevo[2] più. Hai sentito che puzza di medicine? Io in un ospedale non ci potrei stare.

Vally
Ah! Povera Tamara! Ma... ma se poi rimane zoppa come farà a lavorare?

Franca
Ma quanto sei stupida[3]. Se resta zoppa è meglio che muoia, no? Tanto, per questa vita...

Lola
Voglio vivere cent'anni.

Franca
Sì! Ti voglio vedere quando avrai 35[4] anni come Tamara, sai cara ... prima o poi ci arriviamo tutte.

Lola
Io non invecchierò mai. È una questione di cervello. Ehi! [CHIAMA UNA CARROZZA][5]

Vally
Ma no, ragazze, ma perché non andiamo a piedi? Io non pago, eh! Non ci ho[6] proprio soldi.

Franca
E piantala[7]!

Vally
Che piantala e piantala?

Cocchiere
Dove annamo[8]?

SCENA 2[9]

Rosita
Tutto spalancato? Te voi fare[10] la cura del sole?

Lola
Ah, cara mia! Sono più di dieci anni[11] che non vedo che[12] finestre chiuse. Per una volta mi voglio pigliare lo sfizio[13] di spalancarle tutte. Ah, dì un po', Vally dove è andata?

Rosita
La s'è andata[14] alla posta centrale a impostare la lettera per quello del Venezuela. La gà dito[15] che così la ghe[16] arrivava prima.

Lola
Ma no. Allora si è svegliata ancora più pazza di ieri sera. Eh!

Rosita
Anca ti no te schersi, eh, Lola mia! Te ghese' svegiada ben. Me fa piacer vederti alegra. Gente alegra il ciel l'aiuta!
Eh! Come ti si bea: e pensar che te podaria guadagnar un mucio de sghei in sti giorni. Me bastaria tocar el telefono con la man[17]. Eh?

Lola
No cara, no, niente da fare. In questi giorni mi sento veramente sentimentale. Per una volta farò l'amore con chi dico io, mia cara! E vuoi sapere una cosa? Non mi farò nemmeno pagare!



Rosita

Tutte uguali: all'avvenire no ghe pensè. E mi come me lo fasevo sto appartamento[18] se badavo[19] al sentimento? Proprio, niente?

Lola

Proprio, niente.

Rosita

E adesso dove te va[20]?

Lola

Eh... Me ne vado a spasso. Ciao. [LA SCENA SI SPOSTA IN UN STUDIO MEDICO][21]

Medico 1

Puoi rivestirti.

Lola

Che caldo qui dentro.

Medico 2

Queste sono le precedenti[22].

Medico 1

Ha peggiorato.

Lola

Beh? Si è ammutolito? Mi dica quello che mi deve dire. Se no perché si spendono tanti soldi?

Medico 1

Che t'aveva detto l'altro medico?

Lola

Oh! Che dovevo andarmene da Roma e cambiare mestiere, anche.

Medico 1

Tu hai seguitato a fare il tuo comodo[23] e il male è peggiorato.

Lola

In poche parole significa che ho il cuore sconquassato e che potrei morire domani?

Medico 1

Significa che ti devi riposare, curare. Hai il cuore molto debole. Può giocare brutti scherzi[24].

Lola

Mi piacciono gli scherzi.

Medico 1

Io ti consiglio di cambiar vita. Col male non si scherza.

1. Lola, Vally e Franca acabam de sair do hospital onde está internada a colega Tamara, que tentou suicidar-se atirando-se da janela. Estão na rua.
2. *Farcela* significa ser capaz ou estar em condições de fazer algo; neste caso, *non farcela più* quer dizer "não poder mais, não agüentar mais tempo (no hospital)".
3. Observe a construção de *quanto sei stupida*, correspondente em português à expressão "que estúpida és".
4. Lembre que em italiano *quando* projetado no futuro rege o tempo futuro: *quando avrai 35 anni* ("quando tiveres 35 anos").
5. As três amigas alugaram uma carruagem; nela, prosseguem o diálogo anterior.
6. Comumente, em dialeto ou linguagem coloquial, o verbo *avere* com valor de possuir é precedido da partícula *ci*, por analogia a *c'è*, *ci sono*.
7. *Piantarla*, expressão coloquial com a qual se convida bruscamente alguém a deixar de fazer ou dizer o que está fazendo ou dizendo.
8. *Annamo* é forma de dialeto equivalente a *andiamo*.
9. A cena se passa na pensão de Rosita, amiga das três garotas. Rosita fala com sotaque e expressões venezianas. Lola acaba de acordar e abre todas as janelas da casa, feliz por haver deixado momentaneamente a *casa chiusa*, ou seja, a casa de encontros ou prostíbulo.
10. *Te voi fare* é variante dialetal equivalente a *vuoi fare*.
11. Note a construção de *sono più di dieci anni*, que corresponde ao português "são mais de dez anos".
12. Em italiano, as orações restritivas se constroem com *non... che* ("não... mais que"): *non vedo che finestre chiuse* ("não vejo mais que janelas fechadas").
13. *Sfizio*, "desejo, capricho"; *togliersi, pigliarsi, levarsi lo sfizio* significa "dar-se o prazer, permitir-se o capricho".
14. *La s'è andata* equivale a *lei è andata*.
15. *La gà dito* corresponde a *lei ha detto*.
16. *La ghe arrivava prima* equivale a lei *arrivava prima*.
17. Rosita diz em seu dialeto: *Anche tu non scherzi, eh, Lola mia. Ti sei svegliata bene. Mi fa piacere vederti allegra: Gente allegra il ciel l'aiuta! Eh, come sei bella: e pensare che potresti guadagnare un mucchio di soldi in questi giorni. Sarebbe sufficiente che io toccassi il telefono con la mano.*
18. Rosita diz em seu dialeto: *Tutte uguali; all'avvenire non ci pensate. Ed io, come me lo facevo questo appartamento se stavo a guardare il sentimento? Farsi*, forma coloquial que significa "adquirir ou comprar algo para si mesmo".
19. *Badare* significa "considerar, pensar, pesar os prós e contras".
20. *Dove te va?* equivale a *dove vai?*
21. Lola, afligida por uma enfermidade no coração, encontra-se em um consultório médico; os médicos observam as radiografias.
22. O médico refere-se às radiografias anteriores.
23. *Fare il proprio comodo* quer dizer "fazer o que se tem vontade sem ligar para os demais".



Franca, costretta dal suo lavoro a stare lontana dalla figlioletta, approfitta di questi giorni di vacanza forzata per stare con la bimba.

SCENA 3[25]

Lola
Che ha detto il dottore?
Tamara
Che sono nata fortunata[26]. Ma dice che qualche impedimento[27] mi rimarrà.
Lola
Cosa? Oh! E tu ci credi a quello che dicono i medici? Non gli dar retta[28]: non capiscono niente.
Tamara
Tu come stai?
Lola
Io, eh, sto bene. Solo che qui, in mezzo a questa facce, non mi ci trovo[29].
Tamara
Lola, tu ci credi in Dio? Ehi, dico a te!
Lola
Eh?
Tamara
Tu ci credi in Dio?
Lola
A giorni. Un po' sì, un po' no.
Tamara
No, non ridere. Sono cose serie queste. Sai che cosa ho pensato? A te lo posso dire: che se Dio mi ha salvata l'ha fatto per farmi capire tante cose. E senti: chi è che casca dal terzo piano e si salva? Come me. A quest'ora dovrei essere morta e sepolta e invece sto qui a parlare con te.
Lola
Ma sarebbe stato meglio che t'avesse fatto vincere al totocalcio[30]!
Tamara
No. Se Dio mi ha salvata una ragione ce l'aveva. Se no che mi salvava a fare[31]? Io la religione l'ho sempre avuta.
Lola
Oh, certo! E dove l'avevi messa quanto ti sei buttata dalla finestra?
Tamara
L'avevo persa. Ma se ti devo dire la verità non ero neanche arrivata al primo piano che se avessi potuto tornare indietro... è stato un vero miracolo!

SCENA 4[32]

Francesco
Un mese è lungo, comunque passerà.
Vally
Francesco devo parlarti. Tu non sai niente di me, non me lo hai nemmeno chiesto.
Francesco
Vally io non voglio saper niente di te. Di me non ho proprio niente da dirte[33].
Vally
Ma io voglio che tu sappia.
Francesco
Il passato è passato. Per me non conta più. La unica cosa che m'importa è l'avvenire. Dopo la mia partenza andrai a stare[34] con la mia famiglia. È gente semplice. Le farà molto piacere.
Vally
Francesco!
Francesco
Vedrai, tutto andrà bene. Credimi. Io ti farò felice. Un giorno avremo dei bambini. A me piacciono tanto i bambini.
Il clima del Venezuela è molto buono: né troppo caldo, né troppo freddo. È come l'Abruzzo! Poi, se tutto va bene, vorrei mettere su[35] un'officina di riparazioni per automobili

e vicino a me la tu[36] sartoria. Sarà molto bello, no?

Vally
Sì.

Francesco
Perché piangi?

Vally
Non so. Forse, perché sono tanto felice.

SCENA 5[37]

Tamara
Te ne vai, eh?

Vittorio
Ti ho svegliato? Mi dispiace.

Tamara
Lo so che ti dispiace. Avresti preferito andartene, eh? Visto che sono ridotta[38] così. Non te lo immaginavi, vero?

Vittorio
Perché dici così? Appena ho ricevuto il tuo telegramma...

Tamara
No, no. Non te l'ho mandato io. È stata Lola. Per me non ti avrei neanche detto niente.

Vittorio
Tamara perché hai combinato[39] una cosa simile? Perché l'hai fatto? Eh? Allora, non eri felice.

Tamara
Felice? Felice di che cosa? Di guadagnare dei soldi per mandarli a te?

Vittorio
Danaro, questo sporco danaro! Un giorno te lo troverai raddoppiato, triplicato. Il tuo danaro l'ho impiegato.

Tamara
Alle corse!

Vittorio
Oh, sì. Non mi hai mai voluto capire, non hai mai avuto stima di me, non hai mai creduto alla sincerità dei miei sentimenti!

Tamara
Eh! Fosse vero[40]. Il guaio è che[41] ti ho creduto e anche troppo.

Vittorio
Beh, di queste cose ne parleremo più tardi. Piuttosto come ti trovi?

24. *Scherzo* pode ter também o sentido de surpresa ou imprevisto desagradável; *giocare un brutto scherzo* corresponde ao português "fazer uma brincadeira de mau gosto".
25. Lola foi ver Tamara, que ainda se encontra no hospital.
26. *Nascere fortunato*, "nascer com sorte, virado para a Lua".
27. *Impedimento*, alteração na funcionalidade de um órgão; aqui faz-se referência ao fato de Tamara ter ficado manca em conseqüência da queda.
28. *Non dar retta*, "não dar atenção".
29. *Non trovarsi*, neste caso, equivale a "não estar à vontade, cômodo".
30. *Totocalcio* corresponde a loteria esportiva.
31. Nas orações interrogativas, é freqüente acrescentar ao verbo conjugado a forma *a fare* com o valor de "por que motivo": *che mi salvava/ha salvata a fare*? ("por que motivo me teria salvado?").
32. A cena se desenrola na pensão de Rosita, para onde, momentaneamente, Vally se mudou. Vally fala com Francesco, o venezuelano a cujo anúncio de casamento havia respondido e com o qual já havia saído várias vezes. Francesco, com efeito, decide casar-se com ela. Note-se que Francesco fala com um sotaque estrangeiro mal identificado, com traços hispânicos e também dialetais do sul da Itália.
33. *Dirte* é forma incorreta de *dirti*.
34. *Stare*, neste caso, significa "viver"; *andrai a stare con la mia famiglia* ("irá viver com a minha família").
35. *Mettere su* significa "montar, implantar".
36. *La tu sartoria* é evidentemente forma incorreta de *la tua sartoria*.
37. Vittorio vai visitar Tamara no hospital. Depois que a enfermeira o informa que Tamara ficará coxa por causa do acidente, Vittorio pensa em ir embora, aproveitando que Tamara parece estar adormecida.
38. *Ridursi* significa vir a ficar ou reduzir-se a um estado inferior ao anterior, em relação à saúde, ânimo ou finanças.

Vally e Francesco, conosciutisi attraverso un'inserzione, si incontrano per la prima volta al Lido di Ostia.





Tamara
Benissimo. Come vedi la compagnia non mi manca.
Vittorio
Ma, non potevi prenderti, diciamo, una camera a pagamento?
Tamara
Ma con che cosa? Con quali soldi? Non ho una lira. Gli ultimi tempi non battevo più un chiodo[42]. È proprio così, caro: non piaccio più[43].



In algo: Il sindaco, amico di Francesco, ha il compito di sostituire lo sposo nel corso della cerimonia di nozze con Vally. A lato: Tamara, mentre è in ospedale, ripensa alla sua esistenza e decide che è arrivato il momento di cambiare vita, rifiutando ogni legame con il passato.

Vittorio
E sì. Deve essere stato veramente un brutto momento[44]. Povera Tamara, non ci posso pensare. Di un po'[45]: e, così la Cappello ha dovuto chiudere, eh?
Tamara
Sì, ma la prossima settimana riapre bottega[46].
Vittorio
Ah, bene, bene.
Tamara
Stammi a sentire[47], Vittorio, è bene che noi due ci parliamo chiaro. Io là dentro non ci torno più. Hai capito? Mai più! È finita. Io non so che cosa farò perché... una donna con una gamba zoppa non so che cosa possa fare. Ma là dentro non ci torno più!

SCENA 6[48]

Sindaco
Io ho qui due lettere. Una è di Francesco. Gliela leggo: "Ho trovato la ragazza che sognavo: buona, semplice, intelligente e coraggiosa. Sono certo che sarà una buona compagna e, se Dio ci aiuta, il nostro sarà un matrimonio felice".
L'altra proviene dal suo paese e mi informa che lei da qualche anno esercita una professione infamante. Se non avessi preso delle informazioni sul suo conto fra poco lei sarebbe stata la signora Casertano. Soltanto una donna come lei poteva avere la spudoratezza di infamare un galantuomo.

Vally

Basta, la prego[49], non parli più. Non parli più. Mi lasci andar via, mi lasci andar via. Trovi lei una scusa per i genitori di Francesco. A lui scriverò io. Gli dirò la verità, non dubiti. Volevo dirglielo quella sera, ma, non mi ha lasciato parlare. Non ha voluto sapere niente. Forse aveva capito.

SCENA 7[50]

Franca

Esci?

Lola

Sì, esco. Perché?

Franca

Dove vai?

Lola

Non ti riguarda. Vado dove mi pare. Non ho nessun bisogno della governante[51].

Franca

Perché non resti a casa? È tardi.

Lola

A far che? A dire il rosario?

Franca

È meglio che ti riposi.

Lola

Senti Franca: io faccio quello che mi pare e piace. È l'ultima sera che sono libera e voglio darmi alla pazza gioia[52]. In questi giorni non l'ho fatto, non so perché. Forse per venire appresso a voi[53]. Tu, ti sei sistemata, hai tua figlia, hai trovato lavoro, perciò lasciami perdere[54].

Franca

Io dicevo per il tuo bene.

Lola

Ma lascia perdere il bene! Ne ho abbastanza di queste prediche. Che ti credi, di essere diversa da me? Hai perso la memoria? Questo mestiere lo fai da anni. Te lo sei scordato? Tale e quale come me. Né più, né meno.

Franca

Non volevo dire questo.

Lola

Che volevi dire? Che ora ti senti "madre"? E va bene! Continua. Tu fa la madre! Io resto quella che sono.

39. *Combinare* é termo familiar equivalente a *fare: perché hai combinato una cosa simile?* ("por que fez uma coisa destas?").
40. *Fosse vero!* equivale ao português "oxalá fosse assim!".
41. *Il guaio è che* corresponde ao português "o ruim é que".
42. *Non batter chiodo* é modismo que significa *non fare più nulla*; além disso, *battere (il marciapiede)* quer dizer "exercer a prostituição".
43. Lembre que em italiano, quando se expressa uma ação que deixou de realizar-se, usa-se *non... più* ("não... mais"): *non piaccio più* ("não agrado mais").
44. *Brutto*, neste caso, não significa "feio", mas "mau".
45. Neste contexto, *un po'* não quer dizer "um pouco", já que tem apenas valor enfatizante.
46. *Aprire/chiudere bottega* significa iniciar ou terminar uma atividade comercial. Tamara está-se referindo à casa de encontros na qual trabalhou até agora, comandada pela senhora Cappello, mencionada por Vittorio.
47. *Stammi a sentire* equivale a *ascoltami bene.*
48. A cena se passa na igreja onde está para ser celebrado o casamento entre Vally e Francesco. O juiz, amigo de Francesco, informou-se sobre a vida de Vally e fala com ela, a sós, na sacristia.
49. Observe que, em italiano, *qualcuno* é objeto direto do verbo *pregare*, ao contrário do que ocorre em português, onde é objeto indireto: *la prego* significa "peço-lhe".
50. Lola encontra-se na nova casa de Franca, onde vive com a filha.
51. Neste caso, *non ho bisogno della governante* equivale a dizer "não necessito de babá".
52. *Darsi alla pazza gioia* significa "divertir-se muito"; equivale a "viver uma boa vida".
53. *Andare/venire appresso* a alguém quer dizer "ir sempre atrás de alguém".
54. *Lasciar perdere* significa deixar que uma coisa se desvaneça e também não ocupar-se mais dela: *lasciami perdere!* ("deixe-me em paz!").



B/UNITÀ 8

ITALIANO PER USI SPECIALI

In Banca

Ouça na fita a conversa entre os funcionários de um banco e o senhor Martínez, que deseja trocar um cheque e abrir uma conta.

Ascoltate

Sig. Martínez Buon giorno. Avrei bisogno di cambiare un assegno circolare: a chi devo rivolgermi?
Impiegato Ah, qui va benissimo. Ha con sé qualche documento di identità?
Sig. Martínez Ho il passaporto e la patente.
Impiegato Il passaporto è più che sufficiente. Firmi l'assegno sul retro e passi alla cassa due a ritirare i soldi. Mi spiace che debba aspettare un po', ma come vede c'è molta gente in coda[1], sa, siamo alla fine del mese...
Sig. Martínez Non importa. Potrei poi vedere il direttore? Avrei bisogno di parlargli per aprire un conto.
Impiegato Naturalmente. Si accomodi un istante in tanto che vado ad annunciarla: spero che sia già in ufficio. Nel frattempo, se vuole dare un'occhiata[2] alle nostre condizioni bancarie? Troverà i pieghevoli esplicativi su quel tavolo.
Sig. Martínez D'accordo.



Impiegato Signor Martínez, passi pure: il direttore è appena arrivato e l'attende.
Direttore Buon giorno, signor Martínez. L'impiegato mi ha riferito che lei desidera aprire un conto presso[3] la nostra banca.
Sig. Martínez Sì, ho deciso di aprirlo qui, glielo dico in tutta sincerità, perché, valutando le altre possibilità, mi è sembrato che la vostra banca sia una delle più serie e solide: spero di restare soddisfatto.
Direttore La ringrazio per il complimento e, senza falsa modestia, devo riconoscere che è proprio[4] così. A quanto ammonta la cifra che desidererebbe depositare?
Sig. Martínez Per adesso[5], cento milioni, poi si vedrà.
Direttore Molto bene. C'è qualcuno, che abiti in questa città, che possa darci qualche referenza su di lei? Non è altro che[6] una formalità, natural-



mente, ma capisce che...

Sig. Martínez Per carità, signor direttore! So come va il mondo e anche in Spagna succede la stessa cosa. Il direttore della ditta Bianchini mi conosce benissimo e le darà le mie referenze con vero piacere. Fra l'altro, credo che anche lui sia un vostro cliente.

Direttore Sì, certo, lo conosco personalmente, per cui non vi sono problemi. Mi auguro che sia soddisfatto delle nostre condizioni bancarie. La mia segretaria le potrà dare tutte le informazioni e i consigli necessari. Sappia[7], comunque, che disponiamo anche di un servizio di cassette di sicurezza e custodia titoli, nonché[8] di cassa continua. L'interesse annuo che effettuiamo è dell' 8 %; è chiaro che può aumentare se la cifra depositata è molto consistente, o se si accetta di vincolare il capitale per un certo numero di anni.

Sig. Martínez Ho capito. In ogni caso[9], mi sarà molto utile la sua segretaria perché vorrei avere ulteriori chiarimenti su eventuali investimenti in azioni o titoli.

Direttore Conti pure su[10] di lei e lieto di averla fra i nostri clienti. Per ritirare il suo libretto degli assegni si rivolga allo sportello tre: glielo prepareranno subito.

Responda às seguintes perguntas:

1. Che cosa deve fare il sig. Martínez per poter cambiare il suo assegno?
2. Che cosa fa mentre aspetta che il direttore lo riceva?
3. Che cosa ha deciso di fare, e perché?
4. C'è qualcuno che può dare referenze su di lui?
5. Di quali servizi dispone la banca a cui si è rivolto?
6. Perché va allo sportello tre?

1. Observe que em italiano, ao contrário do português, com freqüência o complemento circunstancial de lugar não leva artigo: *sono in coda* ("estou na fila"); *vado a teatro* ("vou ao teatro"); *gli sposi sono già in chiesa* ("os noivos já estão na igreja").
2. *Dare un'occhiata* corresponde ao português "dar uma olhadela".
3. *Presso* tem vários significados; aqui, indica lugar onde: *presso la nostra banca* ("em nosso banco"); *lavora presso il comune* ("trabalha na prefeitura").
4. *Proprio* equivale, indistintamente, a "próprio" e também a "justamente, precisamente, exatamente"; aqui, *proprio così* corresponde ao português "é exatamente assim".
5. *Adesso* significa "agora"; *per adesso* corresponde ao português "no momento".
6. *Non... altro che* é utilizado em orações restritivas com o mesmo significado do português "não... mais que, senão": *non dice altro che menzogne* ("não diz mais que mentiras, senão mentiras, só diz mentiras").
7. *Sappia* é a terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo *sapere*, usado com valor imperativo.
8. *Nonché* é palavra equivalente a *anche* e *inoltre*; corresponde ao português "e também, além de".
9. *In ogni caso* é o equivalente italiano das expressões "de todas as formas, de qualquer maneira".
10. Observe que a expressão "contar com alguém ou algo" em italiano leva a preposição *su*: *conto su di te* ("conto contigo").

Osservate

Em italiano, alguns verbos podem reger o subjuntivo.

1. Verbos de reação psicológica

Em italiano, como em português, os verbos de reação psicológica (*temere, piacere, esser lieto, essere spiacente, lamentare, dispiacere, stupirsi, rincrescere, sembrar strano* etc.) regem o subjuntivo.

Exemplo:
Mi spiace che *debba* aspettare un po'.

2. Verbos de influência

Os verbos de influência (*desiderare, sperare, augurarsi* etc.) também regem o subjuntivo.

Exemplos:
Spero che *sia* già in ufficio.
Mi auguro che *sia* soddisfatto delle nostre condizioni bancarie.

3. Mesmo sujeito nas duas orações

Em ambos os casos, se o sujeito das duas orações é o mesmo, a subordinada é construída com *di* + infinitivo.

Exemplos:
Mi auguro [io] che [lei] *sia* soddisfatto. → Mi auguro [io] di *essere* [io] soddisfatto.
Ho bisogno [io] che [lei] mi *cambi* un assegno. → Ho bisogno [io] di *cambiare* [io] un assegno.



Esercizi

A Conjugue o verbo entre parênteses no tempo adequado do subjuntivo.

1. Cameriere, desidero che mi ... (lei, riscaldare) questa minestra perché è fredda gelata!
2. Sono veramente felice e lusingato che ... (tu, accettare) il mio invito.
3. Signora, sono desolato che la nostra cucina non ... (essere) di suo gradimento.

4. Temo che i signori seduti lì in fondo ... (appartenere) a qualche associazione segreta.
5. Ci dispiace moltissimo che il riscaldamento momentaneamente non ... (funzionare).
6. Mi auguro che i signori ... (rimanere) soddisfatti del nostro servizio e ... (volere) ritornare a farci visita.
7. Mi rincresce che l'aragosta ... (essa finire): vorrà dire che prenderò dei gamberoni alla griglia.
8. Mi sembra assai strano che in un ristorante di questa categoria non ... (essi, avere) del vino d'annata.



B Complete as frases com uma subordinada com *che* + subjuntivo ou com *di* + infinitivo, conforme o caso.

1. Spero ... (io, non essere) arrivato in ritardo all'appuntamento.
2. Il maître è veramente spiacente ... (egli, non potere) soddisfare tutte le esigenze dei signori clienti.
3. Mi stupisce ... (essere) così caro questo ristorante! In fondo speravo ... (io, mangiare) qualcosa di meglio per questa cifra!
4. Mi rincresce ... (egli, morire) così giovane e per una simile sciocchezza.
5. Le auguriamo ... (lei, riuscire) a trovare al più presto un lavoro più redditizio.
6. Mi fa molto piacere ... (io, vedere, lei) così contenta e sono assai lieto ... (lei, essere) qui con me.
7. Non vi sembra curioso ... (egli, parlare) così male l'italiano, dopo tanti anni che vive in Italia?



Vocabolario

ammontare (*v.i.*)	alcançar, importar em, somar
assegno circolare (*s.m.*)	cheque administrativo
avere bisogno (*v.per.*)	necessitar, precisar
azionista (*s.m.*)	acionista
cassa continua (*s.f.*)	caixa 24 horas
cassetta di sicurezza (*s.f.*)	cofre
chiarimento (*s.m.*)	esclarecimento
complimento (*s.m.*)	gentileza
comunque (*adv.*)	de todas as formas
impiegato (*s.m.*)	empregado
investimento (*s.m.*)	investimento
libretto degli assegni (*s.m.*)	talão de cheques
patente (*s.f.*)	carteira de habilitação
retro (*s.m.*)	verso
riferire (*v.t.*)	dizer, comunicar
sportello (*s.m.*)	guichê, caixa

Respostas dos exercícios

Ascoltate

1. Presentare un documento d'identità e firmare l'assegno sul retro.
2. Dà un'occhiata alle condizioni bancarie descritte nei pieghevoli che sono sul tavolo.
3. Ha deciso di aprire un conto presso la banca in cui si trova perché gli sembra una delle più solide e serie.
4. Sì, il direttore della ditta Bianchini lo conosce benissimo e può darne le referenze.
5. La banca dispone di cassette di sicurezza, custodia titoli e cassa continua.
6. Per ritirare il suo libretto degli assegni.

Osservate

A

1. Cameriere, desidero che mi riscaldi questa minestra perché è fredda gelata!
2. Sono veramente felice e lusingato che tu abbia accettato il mio invito.
3. Signora, sono desolato che la nostra cucina non sia di suo gradimento.
4. Temo che i signori seduti lì in fondo appartengano a qualche associazione segreta.
5. Ci dispiace moltissimo che il riscaldamento momentaneamente non funzioni.
6. Mi auguro che i signori siano rimasti soddisfatti del nostro servizio e vogliano ritornare a farci visita.
7. Mi rincresce che l'aragosta sia finita: vorrà dire che prenderò dei gamberoni alla griglia.
8. Mi sembra assai strano che in un ristorante di questa categoria non abbiano del vino d'annata.

B

1. Spero di non essere arrivato in ritardo all'appuntamento.
2. Il maître è veramente spiacente di non poter soddisfare tutte le esigenze dei signori clienti.
3. Mi stupisce che sia così caro questo ristorante! In fondo speravo di mangiare qualcosa di meglio per questa cifra!
4. Mi rincresce che sia morto così giovane e per una simile sciocchezza.
5. Le auguriamo che riesca a trovare al più presto un lavoro più redditizio.
6. Mi fa molto piacere vederla così contenta e sono assai lieto che lei sia qui con me.
7. Non vi sembra curioso che parli così male l'italiano, dopo tanti anni che vive in Italia?

C/UNITÀ 8

DAL VIVO

Ouça na fita as seguintes frases, observando as diferenças léxicas e sintáticas entre os dois registros lingüísticos.

a = *língua coloquial familiar*
b = *língua comum padrão*





1. a) Non ci vedo[1] più dalla fame. Ho proprio bisogno di farmi[2] un panino.

   b) Sono tanto affamato che non connetto più. Devo proprio mangiare un panino.



2. a) Ah, ci risiamo[3]: sei proprio uno sfondato[4]! Se non ti fai la tua solita abbuffata[5] non resisti!

   b) Di nuovo? Sei proprio insaziabile! Se non riesci ad avere il tuo solito pasto pantagruelico non ti senti a posto!



3. a) Tante grazie! Io ho sgobbato[6] tutto il santo giorno[7], cara mia, mangiando solo un boccone[8]; e ho anche saltato la mia pennichella: sono fuso[9], ecco tutto!

   b) Lo credo bene! Ho lavorato sodo tutto il giorno, mia cara, e ho fatto solo uno spuntino; per di più non ho potuto neanche fare il mio abituale sonnellino pomeridiano: sono veramente sfinito!



4. a) Non prendertela, ti stavo solo prendendo un po' in giro[10]! Infiliamoci in quel bar, anch'io non vedo l'ora di mandar giù[11] qualcosa!

   b) Non adirarti, stavo solo scherzando! Andiamo in quel bar, anch'io desidero tanto mangiare qualche cosina!

1. *Non vederci più dalla fame (dalla rabbia, dalla stanchezza* etc.) significa em português não poder mais suportar aquilo a que se faz referência.
2. *Farsi* é sinônimo coloquial de *procurarsi*; equivale ao português "conseguir para si, comprar para si"; *si è fatto la macchina nuova* ("comprou um carro novo"); *si è fatto una bella vacanza* ("tirou umas boas férias").
3. *Riessere* literalmente significa "estar, achar-se de novo"; *ci risiamo* se diz quando volta a ocorrer uma situação desagradável: *ci risiamo: la macchina non parte!* ("outra vez! o carro não dá partida!").
4. *Sfondato*, particípio passado do verbo *sfondare*, significa "sem fundo, sem limite"; *ricco sfondato* ("riquíssimo").
5. *Abbuffata*, substantivo derivado de *abbuffarsi*, que significa "comer voraz e abundantemente"; corresponde a "comilona".
6. *Sgobbare* é palavra derivada de *gobba* ("corcova") e significa "trabalhar intensamente, com grande fadiga e sacrifício", como "trabalhar como um camelo".
7. *Santo(a)* em geral serve simplesmente para reforçar o significado de um substantivo: *mi faccia il santo piacere di stare zitto* ("faça-me o santo favor de calar-se").
8. *Boccone*, palavra derivada de *bocca* ("boca"), significa "bocado".
9. *Fuso*, particípio passado do verbo *fondere* ("fundir"); *essere fuso* equivale ao português "estar esgotado, rendido".
10. *Prendere in giro*, modismo que corresponde ao português "tirar um pêlo, burlar-se de alguém".
11. *Mandar giù (qualcosa)* significa "comer um lanche, fazer uma refeição ligeira".

Modi di dire



1. Far fagotto.

   Literalmente, *fagotto* é embrulho, trouxa ou fardo mais bem volumoso, feito de qualquer maneira. *Far fagotto* significa retirar-se rapidamente de um lugar, ir embora; equivale ao português "picar a mula".

2. Tagliar la corda.

   Significa ir embora, deixar um lugar ou situação desagradável; equivale ao português "saltar fora".

3. Combinarne di tutti i colori.

   Significa cometer diabruras ou ações discutíveis e reprováveis.

4. Prender/infilar la porta.

   Quer dizer ir embora de um lugar com certa precipitação ou de forma brusca; corresponde ao português "pegar o chapéu".

UN PO' DI GRAMMATICA

Esercizio Uno

Conjugue o verbo entre parênteses no indicativo ou subjuntivo, conforme o caso.

Exemplos:

... (lei, potere) dare un'occhiata alle nostre condizioni bancarie.
Può dare un'occhiata alle nostre condizioni bancarie.
... (io, dovere) riconoscere che è proprio così.
Devo riconoscere che è proprio così.
... (io, sapere) come ... (andare) il mondo.
So come va il mondo.

1. ... (io, cogliere) l'occasione per ringraziarla per il suo gentile interessamento.
2. È imprudente che i bambini ... (salire) da soli sulle scale mobili.
3. Non ... (io, volere) che ... (tu, dare) le chiavi di casa alla portinaia perché ... (io, avere) paura che ... (essa, salire) a curiosare quando ce ne ... (noi, andare) in vacanza.
4. Quando ... (noi, fare) questo esercizio? — ... (essere) meglio che lo ... (noi,fare) subito così poi ... (noi, potere) andare a fare quattro passi.
5. ... (io, morire) dalla voglia di sapere con chi ... (uscire) tutte le sere il mio vicino.
6. Non mi ... (piacere) affatto i suoi modi di fare e non lo ... (io, potere) proprio sopportare!
7. —La signora ... (sapere) già che tipo di scarpe scegliere? — Sì, ... (io, scegliere) quei sandaletti di vernice nera perché li ... (io, ritenere) molto eleganti e si ... (essi, potere) mettere anche con un vestito da sera.
8. Figliuoli cari: ... (noi, volere) che quando ... (voi, uscire) dalla vostra stanza ... (voi, spegnere) tutte le luci e ... (voi, togliere) di mezzo ogni impiccio!

Esercizio Due

Escolha um adjetivo que expresse o que é indicado entre parênteses.

Exemplo:

Vorrei avere ... (che si aggiungono a quelli precedenti) chiarimenti.
Vorrei avere *ulteriori* chiarimenti.

1. In macchina Giovanni è estremamente ... (che usa prudenza).
2. È un vero piacere stare con lui perché è ... (che tende a comunicare con gli altri) e ... (che usa gentilezza).
3. Le sue ... (che hanno poca forza) condizioni di salute non gli permettono di fare lavori ... (che pesano molto).
4. Sono ... (che sente orgoglio e soddisfazione) di te e di come ti sei comportato.
5. Con tutti quegli specchietti ... (che permettono di vedere all'indietro) la sua macchina è proprio ... (che diverte).
6. La baby-sitter di nostro figlio è completamente ... (che manca) di spirito ... (che è proprio di madre): per questo abbiamo deciso di licenziarla.
7. Hanno comperato un lettino ... (che si piega) per gli ospiti.
8. Le bollette del telefono, gas e luce sono ... (che si possono pagare) presso qualsiasi ufficio ... (della Posta) entro la data fissata sul retro.

Esercizio Tre

Forme o particípio passado do verbo entre parênteses.

Exemplo:
Ho ... (decidere) di aprirlo qui.
Ho *deciso* di aprirlo qui.

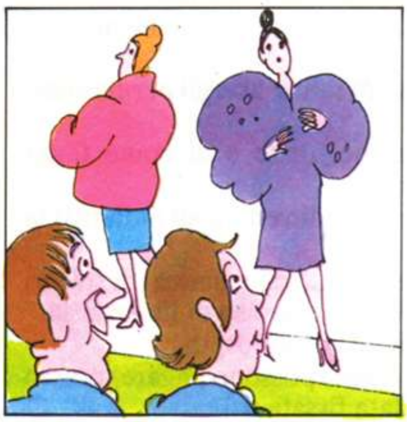
1. Le temperature si sono notevolmente ... (abbassare) a causa di venti freddi provenienti dal nord.
2. La cameriera si è ... (scordare) di spolverare la camera dei bambini.
3. Ho ... (incontrare) tuo cugino e l'ho ... (vedere) molto preoccupato: gli è forse ... (succedere) qualche disgrazia?
4. Il padrone si è ... (mettere) in testa di licenziare il 50 % degli operai.
5. Siamo stati ... (costringere) dalle circostanze a prendere drastiche misure di sicurezza.
6. —Luisa, hai ... (vedere) che belle borse? — Sì, ma ne ho ... (vedere) di migliori nel negozio in cui siamo ... (essere) ieri.
7. Ultimamente sono ... (avvenire) troppi furti in questo palazzo.
8. Sono assolutamente sicura che gli occhiali non posso averli ... (lasciare) che in biblioteca.

Esercizio Quattro

Complete com os dois pronomes correspondentes aos complementos entre parênteses.

Exemplo:
... (io, ciò, a lei) dico con tutta sincerità.
Glielo dico con tutta sincerità.

1. ... (io, a te, ciò) dissi che sarebbe stata una sfilata meravigliosa!
2. Non sei arrivato puntuale anche se ... (tu, a me, ciò) avevi promesso!
3. A proposito di fiori, ... (a lei, essi) ho lasciati sul tavolo della cucina.
4. —... (a voi, il vestito) mettereste un vestito del genere? —Certo, ... (a noi, il vestito) metteremmo a occhi chiusi.
5. Dove sono gli altri? E sì che ... (a loro, ciò) avevo detto di essere qui alle otto in punto!
6. Questi fiorellini ... (a te, essi) offro con tutto il cuore perché sono del mio giardino.
7. ... (a lei, la pelliccia) voglio proprio comperare una pelliccia come questa!
8. Questi garofani ... (a noi, essi) hanno mandati dalla Spagna.

1


2


3


1. Observe a combinação dos pronomes objeto direto e objeto indireto (ou pronome reflexivo).

a. Consegna *un libro* *a me* → me lo consegna
lo + mi

Consegno *un libro* *a Luigi* → [gli+lo] = glielo consegno
lo + gli

b. Do mesmo modo:

mi →	me + lo, la, li, le →	me, lo, me la, me li, me le
ti →	te + lo, la, li, le →	te lo, te la, te li, te le
si →	se + lo, la, li, le →	se lo, se la, se li, se le
gli (esso, Lei) →	gli + lo, la, li, le →	glielo, gliela, glieli, gliele
le (essa, Lei) →	gli + lo, la, li, le →	glielo, gliela, glieli, gliele
ci →	ce + lo, la, li, le →	ce lo, ce la, ce li, ce le
vi (voi, Voi) →	ve + lo, la, li, le →	ve lo, ve la, ve li, ve le
si →	se + lo, la, li, le →	se lo, se la, se li, se le
*loro (essi, esse) →	gli + lo, la, li, le →	glielo, gliela, glieli, gliele

* Para a terceira pessoa do plural, atualmente admitem-se como formas corretas *glielo, gliela, glieli, gliele* em lugar de *lo... loro, la... loro, li... loro, le... loro*: "regaliamo una agenda ai clienti", *gliela* regaliamo/*la* regaliamo *loro*.

Vocabolario

a occhi chiusi (*l.a.*)	de olhos fechados
bolletta (*s.f.*)	recibo
costrìngere (*v.t.*)	obrigar
furto (*s.m.*)	roubo, furto
garòfano (*s.m.*)	cravo
impicci (*s.m.p.*)	problemas, confusões
in orario (*l.a.*)	pontualmente
interessamento (*s.m.*)	interesse
licenziare (*v.t.*)	despedir
occhiali (*s.m.p.*)	óculos
òspite (*s.m.*)	hóspede
paùra (*s.f.*)	medo
pelliccia (*s.f.*)	casaco de pele
portinaia (*s.f.*)	porteira
ritenere (*v.t.*)	considerar
sàndalo (*s.m.*)	sandália
scale mobili (*s.f.p.*)	escadas rolantes
scordarsi (*v. pron.*)	esquecer-se
sfilata (*s.f.*)	desfile
spolverare (*v.t.*)	tirar o pó
vernice (*s.f.*)	verniz

Respostas dos exercícios

Esercizio Uno

1. Colgo l'occasione per ringraziarla per il suo gentile interessamento.
2. È imprudente che i bambini salgano da soli sulle scale mobili.
3. Non voglio che tu dia le chiavi di casa alla portinaia perché ho paura che salga a curiosare quando ce ne andiamo in vacanza.
4. —Quando facciamo questo esercizio? —È meglio che lo facciamo subito così poi possiamo andare a fare quattro passi.
5. Muoio dalla voglia di sapere con chi esce tutte le sere il mio vicino.
6. Non mi piacciono affatto i suoi modi di fare e non lo posso proprio sopportare.
7. —La signora sa già che tipo di scarpe scegliere? —Sì, scelgo quei sandaletti di vernice nera perché li ritengo molto eleganti e si possono mettere anche con un vestito da sera.
8. Figliuoli cari: vogliamo che quando uscite dalla vostra stanza spegniate tutte le luci e togliate di mezzo ogni impiccio!

Esercizio Due

1. In macchina Giovanni è estremamente prudente.
2. È un vero piacere stare con lui perché è estroverso e gentile.
3. Le sue deboli condizioni di salute non gli permettono di fare lavori pesanti.
4. Sono orgoglioso/fiero di te e di come ti sei comportato.
5. Con tutti quegli specchietti retrovisori la sua macchina è proprio divertente.
6. La baby-sitter di nostro figlio è completamente priva di spirito materno: per questo abbiamo deciso di licenziarla.
7. Hanno comperato un lettino pieghevole per gli ospiti.
8. Le bollete del telefono, gas e luce, sono pagabili presso qualsiasi ufficio postale entro la data fissata sul retro.

Esercizio Tre

1. Le temperature si sono notevolmente abbassate a causa di venti freddi provenienti dal nord.
2. La cameriera si è scordata di spolverare la camera dei bambini.
3. Ho incontrato tuo cugino e l'ho visto molto preoccupato: gli è forse successa qualche disgrazia?
4. Il padrone si è messo in testa di licenziare il 50 % degli operai.
5. Siamo stati costretti dalle circostanze a prendere drastiche misure di sicurezza.
6. —Luisa, hai visto che belle borse? —Sì, ma ne ho viste di migliori nel negozio in cui siamo state ieri.
7. Ultimamente sono avvenuti troppi furti in questo palazzo.
8. Sono assotutamente sicura che gli occhiali non posso averli lasciati che in biblioteca.

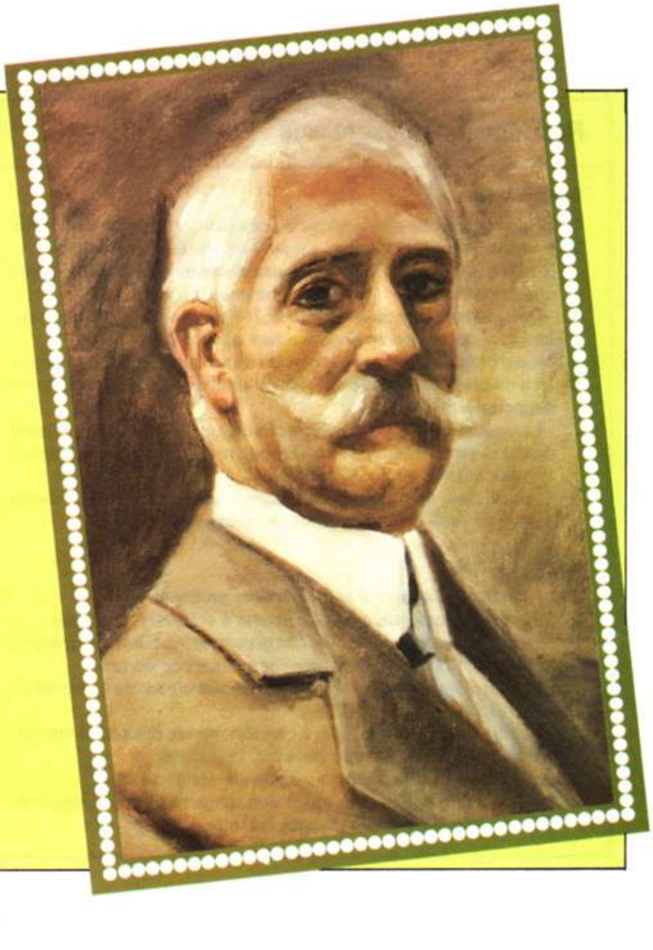
Esercizio Quattro

1. Te lo dissi che sarebbe stata una sfilata meravigliosa!
2. Non sei arrivato puntuale anche se me lo avevi promesso!
3. A proposito di fiori, glieli ho lasciati sul tavolo della cucina.
4. Ve lo mettereste un vestito del genere? —Certo, ce lo metteremmo a occhi chiusi.
5. Dove sono gli altri? E sì che glielo avevo detto/lo avevo detto loro/di essere qui alle otto in punto!
6. Questi fiorellini te li offro con tutto il cuore perché sono del mio giardino.
7. Gliela voglio proprio comperare una pelliccia come questa!
8. Questi garofani ce li hanno mandati dalla Spagna.

LETTURA



Giovanni Verga, escritor siciliano (Catânia, 1840-1922), é o mais ilustre e universal expoente da novela naturalista italiana. Depois de ter publicado em sua Sicília natal várias novelas de tom e estilo românticos (*I carbonari della montagna*, 1861; *Sulle lagune*, 1863; *Una peccatrice*, 1866; *Storia di una capinera*, 1871), em 1870 mudou-se para Milão, onde aconteceu sua "conversão" ao verismo. A novela curta *Nedda* (1874), com efeito, representa a primeira e definitiva incursão na novela realista de costumes, e uma antecipação de suas obras-primas: *Malavoglia* (1881) e *Mastro Don Gesualdo* (1889), nas quais Verga se atém ao princípio da não participação emotiva e ideológica do narrador no relato, para dar a ilusão de que a realidade fala por si só. Igualmente relevantes são seus contos, reunidos em vários volumes: *Vita dei campi* (1880), *Novelle rusticane* (1883), *Dramma intimo* (1884), *I ricordi del capitano d'Arce* (1891). Como em *Malavoglia*, os protagonistas de suas histórias curtas são os humildes e os deserdados, camponeses e pescadores de uma Sicília rural, primitiva e arcaica, que o autor se compraz em oferecer como processo histórico, fatídico e imutável, que aniquila a vontade dos homens e determina o próprio destino.



CARMEN

—No, non mi tentate, Casalengo! Sapete che mi chiamano Carmen! Il vostro amico è «biondo e bello e di gentile aspetto»; è ingenuo, timido e cavalleresco...; ritorna adesso dagli antipodi... Insomma, mi piace assai. Non voglio conoscerlo. —Essa gliel'aveva detto!

Invece Casalengo credeva che scherzasse: leggerezza, vanità, orgoglio d'amante che fosse stato in lui; cecità di stolto che Dio voglia perdere; incanto di quelle labbra che avrebbero fatto commettere qualsiasi sciocchezza per vederle sorridere ancora in siffatta maniera; distrazione procuratagli dai monili serpentini che tintinnavano scorrendo giù pel braccio nudo, il quale levavasi minaccioso, col dito rivolto al cielo: —Guardate, Casalengo! C'è un Dio lassù per queste cose!...

Ma quando lui, col sorriso fatuo che gli segnava già le prime rughe sottili accanto agli occhi, s'ostinò a fare la presentazione: —Il mio amico Aldini... —essa rispose semplicemente: —Gli amici dei nostri amici... —E stese la mano al nuovo arrivato con tanta cordialità, così lieta di scorgere nel giovanetto l'omaggio di un grande imbarazzo, che volle pure ringraziarne Casalengo, con un'occhiata rapida: un'occhiata in cui era il sorriso del diavolo.

Aldini, che aveva sentito parlare sino a Zanzibar della gran passione per cui il suo amico Casalengo s'era giuocate le spalline di Comandante, provava adesso una certa sorpresa dinanzi a quella donna che non aveva poi nulla d'estraordinario. Un viso delicato e pallido, come appassito precocemente, come velato da un'ombra, dei grandi occhi parlanti, in cui era della febbre, dei capelli morbidi e folti, posati mollemente in un grosso nodo sulla nuca, e il bel fiore carnoso della bocca —la bocca terribile— come dicevano amici e gelosi.

Ma lo turbava il profumo mondano, la carne mortificata dalla gran vita, che traspariva fra le trine preziose, il segno che il braccialetto le lasciava sulla pelle delicata —e gli dava un gran da fare per non mangiarsela cogli occhi. Ella se ne avvide, e mise cinque minuti buoni a infilarsi il guanto, in premio dell'ammirazione muta che le tributavano gli occhi sinceri del giovinetto, i rossori fugaci, le parole mozze... Da abbracciarlo, lì, dinanzi a tutti quanti!... E gli lasciò in pegno il ventaglio, tornando a ballare il valzer —un legame, lo scettro della sultana.

—Eccoti comandato... servizio particolare! —gli disse Casalengo ridendo. —Se avevi qualche impegno, ti scuserò io, caro Riccardo...

—No! Oh no! —esclamò Aldini, stringendo forte il ventaglio colle due mani.

Adesso osservava alla sfuggita, con una curiosità inquieta e rispettosa, il suo amico Casalengo, la forte giovinezza di lui come curva sotto un giogo, il sorriso distratto sulle labbra riarse, le frasi stonate, il pensiero fisso, l'ardore segreto, la ruga impercettibile e quasi nascosta fra le ciglia, gli sguardi erranti, suo malgrado, attratti dalla donna amata che gli fuggiva dinanzi nelle braccia di un altro, raggiante, e gli buttava in faccia il sorriso, il profumo, il vento dell'abito, la nudità delle spalle, tutte le seduzioni, i fantasmi dell'amore e della donna, quali erano passati dinanzi agli occhi a lui pure, Aldini, nelle calde fantasticherie dell'adolescenza, discorrendo laggiù della maliarda la quale prendeva lui pure

CARMEN

– Não, não me tente, Casalengo! Sabe que me chamam Carmen! Seu amigo é "loiro e belo e de gentil aspecto"; é ingênuo, tímido e cavalheiro...; regressa agora das antípodas... Em suma, gosto muito dele. Não quero conhecê-lo. – Ela havia-lhe dito!

Mas Casalengo acreditava que ela estivesse brincando: leviandade, vaidade, ou orgulho de amante que havia em seu interior; cegueira dos tontos aos quais Deus quer perder; encanto daqueles lábios que fariam qualquer um cometer besteiras para vê-los sorrir de novo daquela maneira; distração causada pelas pulseiras serpenteantes que tilintavam deslizando ao longo do braço desnudo, que se levantava ameaçador, com o dedo voltado para o céu: – Veja, Casalengo! Há um Deus ali em cima para essas coisas!...

Mas quando ele, com o sorriso fátuo que lhe marcava já as primeiras rugas sutis ao redor dos olhos, se obstinou em fazer a apresentação: – Meu amigo Aldini... –, ela respondeu simplesmente: – Os amigos de nossos amigos... – e estendeu a mão ao recém-chegado com tanta cordialidade, tão satisfeita de perceber no rapaz a homenagem de um grande embaraço, que quis inclusive agradecer Casalengo, com um olhar rápido: um olhar em que estava presente o sorriso do diabo.

Aldini, que ouvira falar até em Zanzibar da grande paixão pela qual seu amigo Casalengo havia largado o grau de comandante, experimentava agora certa surpresa ante uma mulher que não tinha afinal de contas nada de extraordinário. Um rosto delicado e pálido, como se precocemente tivesse perdido o frescor, como se obscurecido por uma sombra, com grandes olhos límpidos nos quais brilhava a febre, cabelos macios e abundantes reunidos suavemente em um grande coque sobre a nuca, e a bela flor carnuda da boca: a boca terrível, como diziam os amigos e os ciumentos.

Mas o perturbava o perfume mundano, a carne mortificada pela intensa vida, que transparecia entre as rendas preciosas, as marcas que deixava o bracelete sobre a pele delicada; e precisava fazer um grande esforço para não comê-la com os olhos. Ela se deu conta, e tardou seus bons cinco minutos para calçar uma luva, como prêmio pela admiração muda que lhe dispensavam os olhos sinceros do rapaz, seus rubores fugazes, suas palavras balbuciantes... Dava vontade de abraçá-lo ali, diante de todo mundo!... E deixou com ele, em custódia, o leque, ao voltar a dançar a valsa: um vínculo, o cetro da sultana.

– Já te encarregaram de uma missão especial...! – disse-lhe Casalengo rindo. – Se você tinha algum compromisso, o justifico, querido Ricardo...

– Não! Oh, não! – exclamou Aldini, apertando com força o leque entre suas mãos.

Observava agora às escondidas, com uma curiosidade inquieta e respeitosa, seu amigo Casalengo, a força de sua juventude como curvada sob um jugo, o sorriso distraído em seus lábios secos, as frases confusas, o pensamento fixo, o ardor secreto, a ruga imperceptível e quase escondida entre as sobrancelhas, os olhares errantes, atraídos, à sua revelia, pela mulher amada que fugia diante dele nos braços de outro homem, radiante, e que lhe jogava na cara o sorriso, o perfume, o vento do vestido, a nudez das costas, todas as seduções,

adesso, con una parola, con un nulla, legandolo, incatenandolo a sè con quel ninnolo che gli aveva messo fra le mani, come un fanciullo che si voglia tenere a bada.

—Ah, ma sapete! È proprio carino il vostro amico Aldini!

—Ve l'avevo detto —rispose Casalengo un po' ironico.

Ella si strinse nelle spalle con un movimento che gli mise sotto il naso i begli omeri nudi.

—Badate però. È un ragazzo... un ragazzo pericoloso.

—Ah, così? —disse lei.

E Carmen volle farne l'esperimento, povero Aldini. Tanti altri, ora vinti e intossicati per tutta la vita, l'avevano chiamata con quel soprannome di guerra e di malaugurio, ch'era la punzecchiatura delle sue amiche gelose, e la carezza o la maledizione degli incauti che si lasciavano prendere al fascino del suo sorriso dolce e buono —la più strana cosa, su quella bocca di vampiro. Poich'essa faceva il male con una incoscienza ch'era la sua maggiore attrattiva; vi metteva una sincerità, quasi una lealtà che le faceva perdonare i suoi errori, come il gran nome che portava le faceva aprire tutte le porte. E una squisita eleganza, una grazia innata fin nelle bizzarrie, un'ingenuità provocante fin nella stessa civetteria, l'aria di gran dama anche in un veglione, avida di piaceri e di feste, quasi divorata da una febbre continua di emozioni e di sensazioni diverse, una febbre che la consumava senza ravvivare il suo bel pallore diafano, nè le sue labbra dolorose, ma che però la lasciava spesso in una prostrazione desolata, le dava delle ore di stanchezza e di uggia, di cui i suoi adoratori pagavano la pena: ore tremende —in cui non c'era altro da fare che prendere il cappello e andarsene—dicevano i forti, quelli che avevano pianto poi dietro l'uscio di lei. —Gli altri, coloro che cercavano di spiegare le sue follie, se non di scusarle, dicevano ch'era ammalata, ch'era matta —tutti i d'Altona erano morti tisici o dementi—, che aveva provato dei gran dolori e dei gran disinganni, ch'era ferita a morte, condannata senza speranza, e voleva vivere vent'anni in venti mesi.

—Gliel'ha detto anche a lei, il mio amico Casalengo, che mi chiamano Carmen? —chiese ella ad Aldini, col sorriso mordente, la prima volta che un'ondata di folla glielo mise di nuovo faccia a faccia, all'uscire dal Sannazzaro.

Ma gli tese la mano senza rancore. Poscia, mentre aspettava la carrozza, stretta nella pelliccia, e con quell'aria di stanchezza e di noia che faceva scappare la gente, soggiunse:

—M'accompagni. Servirà ad insegnarle la strada... quando vorrà venire a farmi una visita. Troveremo qualche amico a casa... degli amici suoi e miei, per prendere il thè insieme... se non ha paura che l'avveleni come la Lucrezia Borgia di stasera... una Lucrezia tremenda, da morir di noia!...

Fu in tal modo che lo prese, —come, per fargli posto nel legnetto, aveva preso e raccolto a due mani il suo vestito, —e lo avvolse fra le pieghe di esso, e lo stordì col suo profumo, allorchè la pelliccia, scivolando giù per le spalle, gli buttò al viso e alla testa la trasparenza di quegli omeri rosei —senza volerlo, quasi senza avvedersene, in quell'ora di uggia e d'umor nero che l'avrebbe fatta dar della testa nell'imbottitura del *coupé*, e che egli le leggeva sul viso smorto, mentre guardava distrattamente attraverso il cristallo, ai bagliori fugaci che gettavano le vetrine scintillanti dentro la carrozza che correva su per Toledo —senza dirgli una parola, nè rivolgergli un'occhiata, quasi non pensasse più a lui, o subisse ancor essa lo strano imbarazzo di quell'incontro, di quel

os fantasmas do amor e da mulher, tal como haviam passado também diante dos olhos dele, Aldini, nos cálidos sonhos da adolescência, que imaginavam mais e mais coisas sobre a feiticeira que se apoderava também dele agora, com uma palavra, com um nada, atando-o, encadeando-o a ela com aquele brinquedo que lhe havia colocado nas mãos, como um menino ao qual se quer manter entretido.

– Ah, mas sabe! É muito simpático seu amigo Aldini!

– Eu te disse! – respondeu Casalengo com um pouco de ironia.

Ela encolheu os ombros, com um gesto que colocou seus belos ombros desnudados sob o nariz dele.

– Mas tome cuidado. É um rapaz... um rapaz perigoso.

– Ah, sim? – disse ela.

E Carmen quis fazer o experimento, pobre Aldini. Tantos outros, agora vencidos e envenenados para toda a vida, a haviam chamado por aquele apelido de guerra e de mau augúrio, que era a ferroada de suas amigas ciumentas, e a carícia ou a maldição dos incautos que se deixavam tomar pela fascinação de seu sorriso doce e bom – a coisa mais estranha naquela boca de vampiro. Pois ela fazia o mal com tal inconsciência que era seu maior atrativo; punha nisso uma sinceridade, quase uma lealdade que fazia perdoar seus erros, do mesmo modo que o grande nome que levava fazia com que se lhe abrissem todas as portas. E uma exótica elegância, uma graça inata inclusive em suas extravagâncias, uma ingenuidade provocativa até no próprio coquetismo, um ar de grande dama inclusive em um baile de máscaras, ávida de prazeres e festas, como se devorada por uma febre contínua de emoções e de sensações diversas, uma febre que a consumia sem reavivar sua bela palidez diáfana, nem seus lábios dolorosos, mas que, porém, a deixava freqüentemente em uma prostração desolada, dava-lhe horas de cansaço e de fastio, pelas quais seus admiradores pagavam um alto preço: horas terríveis, nas quais não havia outro remédio se não pegar o chapéu e ir embora, segundo diziam os fortes, os que depois haviam chorado detrás da porta dela. Os outros, os que tentavam explicar suas loucuras, ou desculpá-las, diziam que estava doente, que era louca – todos os de Altona tinham morrido tísicos ou dementes –, que havia sofrido grandes dores e terríveis desenganos, que estava ferida de morte, condenada sem esperança, e queria viver vinte anos em vinte meses.

– Meu amigo Casalengo também lhe disse que me chamam Carmen? – perguntou ela a Aldini, com um sorriso mordaz, na primeira vez em que um movimento da multidão os pôs de novo frente a frente, na saída do Sannazzaro.

Mas lhe estendeu a mão sem rancor. Depois, enquanto esperava a carruagem, envolvida em suas peles, e com aquele ar de cansaço e de tédio que afugentava as pessoas, acrescentou:

– Acompanhe-me. Servirá para ensinar-lhe o caminho... quando quiser vir fazer-me uma visita. Encontraremos alguns amigos em casa... amigos seus e meus, e tomaremos o chá juntos... se não tem medo de que o envenene, como a Lucrécia Borgia desta noite... uma Lucrécia terrível, para morrer-se de tédio!...

Foi assim que o pegou – como, para dar-lhe lugar



silenzio, dell'oscurità che li avvolse tutti e due a un tratto nello stesso mistero e nella stessa tentazione, appena il legno svoltò pel corso Vittorio Emanuele —o sapesse che ciò doveva bastare a mettergli nel cuore, a lui, nelle carni, incancellabile, la febbre di quell'occasione che fuggiva rapida, la sete di quelle labbra di donna che si celavano nell'ombra, il turbamento di quella sfinge che rimaneva per lui impenetrabile, nello stesso tempo che gli palpitava allato. —Degli angeli godono così di sfiorare la colpa colle loro ali candide— ed essa non era una angelo, no, povera signora! Talché quando lo presentò ai suoi amici che l'accoglievano festanti: —Il tenente Aldini!— con un'aria di trionfo, quasi avesse detto: —Ecco il Figliol Prodigo! —era così pallido e stralunato, il povero Figliol Prodigo, e come abbagliato dalla piena luce del salotto, o dalla fiamma ch'essa gli aveva accesa in cuore! Ed essa aveva davvero qualcosa dello spirito del male, in quel momento, nel sorriso ironico, nell'aria strana, nel pallore marmoreo del volto, nell'allegria forzata colla quale davasi tutta ai suoi ospiti, lottando di brio e d'arguzia, servendo il thè, dimenticando completamente Aldini in un cantuccio, faccia a faccia con un album di ritratti nel quale cercava di nascondere il suo imbarazzo.

—Che cosa vi ha fatto quel povero giovane? —le chiese sottovoce Casalengo, mentre inchinavasi a prendere una tazza di thè dalle sue mani.

—Tutti m'avete fatto! —rispose lei nel medesimo tono di scherzo.

Ed era forse la verità, il grido di rivolta del suo cuore ulcerato, il senso di disgusto che aveva trovato in fondo al bicchiere, l'amarezza che l'aveva colta allo svegliarsi dai sogni d'oro —quando aveva visto il pentimento mal dissimulato dell'uomo a cui aveva tutto sacrificato— quando era stata ferita dall'insulto che nascondevasi sotto il madrigale dei galanti resi audaci dalla sua caduta — quando l'era mancata sin l'alterezza e l'illusione del sentimento puro, della fede giurata, pel tradimento altrui, ed anche pel pro-

no coche, havia pegado e juntado com as mãos seu vestido—, e o envolveu entre as pregas do mesmo, e o aturdiu com seu perfume, enquanto as peles, ao deslizarem por suas costas, jogaram-lhe na cara e na imaginação a transparência daqueles ombros róseos – sem querer, quase sem dar-se conta, naquela hora de fastio e de mau humor que a teria feito dar cabeçadas contra as paredes acolchoadas do coupé, *e que ele lia em seu rosto pálido, enquanto ela observava distraída através do vidro os resplendores fugazes que lançavam as vitrines brilhantes no interior da carruagem que subia pela rua Toledo – sem dizer-lhe uma palavra, nem dirigir-lhe um só olhar, como se houvesse deixado de pensar nele, ou sentisse ainda o estranho embaraço daquele encontro, daquele silêncio, da obscuridade que envolveu os dois de repente no mesmo mistério e na mesma tentação, assim que o coche desembocou na avenida Vittorio Emmanuele – ou como se soubesse que aquilo bastava para injetar no coração dele, em suas carnes, implacável, a febre daquela ocasião que fugia rápida, a sede dos lábios de mulher que se ocultavam na sombra, a perturbação daquela esfinge que permanecia impenetrável para ele, ao mesmo tempo que palpitava a seu lado. Os anjos gozam assim, ao roçar o pecado com suas asas cândidas: e ela não era um anjo, não, pobre senhora! De modo que quando o apresentou a seus amigos, que a recebiam jubilosos: – O tenente Aldini! – com um ar de triunfo, como se dissesse: – Aqui está o Filho Pródigo! – estava tão pálido e transtornado o pobre Filho Pródigo, como se ofuscado pela intensa luz da sala, ou pela chama que ela havia acendido em seu coração! E ela tinha realmente algo do espírito do mal, naquele momento, em seu sorriso irônico, no ar estranho, na palidez marmórea do rosto, na alegria forçada com a qual se dava inteira a seus convidados, discutindo com brio e perspicácia, servindo o chá, esquecendo completamente Aldini em um canto, cara a cara com um álbum de retratos no qual tentava esconder todo seu embaraço.*

– Que mal lhe fez esse pobre jovem? – perguntou-lhe em voz baixa Casalengo, enquanto se inclinava para pegar uma xícara de chá de suas mãos.

– Vocês todos me fizeram! – respondeu ela no mesmo tom de brincadeira.

E talvez fosse a verdade, o grito de rebeldia de seu coração ferido, a sensação de desgosto que encontrara no fundo do copo, a amargura que a havia invadido ao acordar

prio. — Non valeva di meglio, no, essa ch'era stata debole nell'ora stessa in cui *un altro* le era infedele. Tanto peggio! Tanto peggio per tutti, anche per lei, che sentiva rifiorire il bel fiore azzurro dentro di sé. Non le avevano detto che i fiori durano un giorno, e che solo sinché odorano esistono? Era tornato spesso in quella casa di cui essa gli aveva insegnato la via, il Figliol Prodigo, timido e rispettoso, ma preso proprio sino ai capelli, innamorato come un pazzo, di un amore bizzarro che si pasceva di chiaro di luna e di passeggiate sotto le finestre. — L'aveva visto tante volte, lei, prima d'andare a letto, nel buio della strada! Ed era strano come ciò la facesse sorridere di piacere, le facesse cacciare il viso infocato nel guanciale, con una muta carezza.

Era una voluttà sottile e penetrante, il gusto di un'infedeltà che non poteva dar ombra a Casalengo; ma così dolce, quando beveva il bacio dagli occhi ingenui d'Aldini, e sentivasi ricercare avidamente da quell'adorazione bramosa, tutta, il seno palpitante, mentre ballava con lui, e le braccia che avrebbero voluto avvincerlo, al sentire come gli batteva il cuore contro il suo, il cuore che gli si dava, e la bocca, e la persona intera — e neppur tanto così, nondimeno! Nè una parola e neanche un dito! — Una volta sola, smarrita, in quelle ondate di sangue che la musica e il valzer le mandava-

de seus sonhos dourados: quando viu o arrependimento mal dissimulado do homem pelo qual sacrificara tudo; quando foi ferida pelo insulto que se escondia por trás do galanteio dos cortejadores, subitamente valentes devido a sua queda; quando havia chegado a perder inclusive a altivez e a ilusão do sentimento puro, da fé jurada, pela traição de outros, e também por sua própria traição. Ela não valia mais, não, ela que fôra fraca na mesma hora em que um outro lhe era infiel. Tanto pior! Tanto pior para todos, e também para ela, que sentia reflorescer em seu interior a bela flor azul. Não lhe haviam dito que as flores duram um dia, e que só vivem enquanto conservam seu perfume? Voltou muitas vezes à casa daquela que lhe havia ensinado o caminho, o Filho Pródigo, tímido e respeitoso, mas aprisionado até os cabelos, apaixonado como um louco, com um amor extravagante que se alimentava do luar e de passeios sob as janelas. Ela o havia visto tantas vezes, antes de deitar-se, na escuridão da rua! E era estranho como isso a fazia sorrir de prazer, e ocultar o rosto afogueado em uma almofada, com uma muda carícia.

Era uma voluptuosidade sutil e penetrante, o gosto de uma infidelidade que não podia fazer sombra a Casalengo; mas tão doce, quando bebia o beijo dos olhos ingênuos de Aldini, e se sentia avidamente procurada por aquela ávida adoração, toda inteira, o seio palpitante, enquanto dançava com ele, e os braços que queriam apertá-lo, ao sentir como palpitava o coração dele contra o seu, o coração que se entregava, e a boca e a pessoa inteira. E, todavia, nem tanto assim! Nem uma palavra, nem tão somente um dedo! Uma só vez, desfalecida pelas ondas de sangue que a música e a valsa enviavam-lhe à cabeça, chegou a dizer-lhe: – Não, Ricardo, assim... estás me machucando!...

Em suma, estava escrito. Ela não queria, não, de verdade, por medo do depois, por medo dele e dela mesma...



no alla testa... —No, Riccardo, così... mi fate male!...

Insomma, era scritto lassù. Ella non avrebbe voluto, no davvero, per timore del poi, per timore di lui e di sé stessa e di Casalengo pure, giacchè non era cattiva in fondo. Ma allorché volle proprio, coll'anima e col corpo... Tanto peggio! Almeno non volle essere né ipocrita né egoista. Aveva sempre pagato del suo la festa, in moneta di lagrime e di onte segrete; e non doveva nulla a nessuno, neppure al Casalengo, cui aveva dato il diritto di mostrarsi geloso sacrificandogli tutto quando non l'amava più.

Come Aldini ricevette l'ordine d'imbarco, e minacciava di dare le dimissioni, di tagliarsi la gola, un mondo di cose, ella gli disse:

—No, Riccardo. Verrò con voi... dovunque...

Una proposta che lo sbalordì, povero Aldini, quasi presentisse già il momento in cui doveva pesargli come una catena, quella dolce compagna che gli buttava le braccia al collo. Ma allora vide soltanto le belle braccia delicate che l'avvincevano, e le labbra fragranti che gli si promettevano per sempre. Ella forse, sì, ebbe la visione di quel giorno, nella nube che le misero agli occhi innamorati le lagrime di tenerezza.

—Sì, viaggerò anch'io. Non ho nulla che mi trattenga qui... No, no... lo sapete!... Né altrove, in nessun luogo... Ho buttato al vento il mio fazzoletto... per lasciar fare al destino... Non per voi, siate tranquillo. Sono ricca e padrona di me. Sarò libera... fra breve... non dubitate. Lasciate fare a me... che non farò del male né a voi né ad altri. Mi hanno sempre detto che i viaggi di mare gioverebbero alla mia salute. E poi, non vi terranno sempre imbarcato, mio povero Riccardo... Vi lasceranno mettere piede a terra, di tanto in tanto... per dimostrare alle belle straniere che ci abbiamo dei begli ufficiali a bordo delle nostre navi... per proteggere delle connazionali color di filiggine o color di cioccolatte... Ebbene, io sarò laggiù ad aspettarvi, dove indicherà o il telegrafo o il giornale. Vi farà piacere di trovare lì una tazza di thè e un cappellino da cristiani, non è vero? E senza pesare tanto così su di voi! senza nuocere alla vostra carriera... Non avranno da dire né i regolamenti, né il servizio, né i superiori, e neanche le conoscenze che raccatterete per via, quando vi manderanno troppo lontano, o dove non sarò certa di trovare un caminetto e dei fiori freschi... Vedete che non fo la brava, e non vi prometto mari e monti... Liberi e felici come due uccelli dell'aria! Soltanto, quando anche questa bella volata nell'azzurro ci stancherà... o ci verrà a noia... a voi o a me... poiché tutto finisce... Quando vorrete maritarvi, o amerete un'altra... Sì, sì, ragazzo mio, un bel giorno rideremo di queste belle parole che ci fanno piangere adesso... Ma non importa, se adesso sono sincere... Quando vi parrà che io vi sia d'inciampo nella carriera o nella vita, e vorrete riprendere tutta intera la vostra libertà, ditemelo francamente... Come io dirò francamente a un'altra persona che voglio riprendere la mia libertà, oggi stesso... Non v'inganno e non inganno, vedete, Riccardo!... Non sono peggiore di quella che sembro... Ma non ci diamo la pena e il tormento di mentirci, mai! Mi promettete?... mi prometti?

—Oh, amore! amore bello! —esclamò Aldini fuori di sé, tentando di prendersela fin da quel momento fra le braccia avide.

—No! —rispose lei, mettendogli le mani sul petto. — Non ancora... Quando sarò libera... e tua!

e também de Casalengo, já que no fundo não era má. Mas como o queria de verdade, com alma e corpo... Tanto pior! Pelo menos não quis ser hipócrita nem egoísta. Sempre havia pago a festa, em moeda feita de lágrimas e vergonhas secretas; e não devia nada a ninguém, nem sequer a Casalengo, ao qual dera o direito de mostrar-se ciumento, sacrificando-lhe tudo quando já não o amava.

Assim que Aldini recebeu a ordem de embarque, e ameaçava apresentar a sua demissão, cortar o pescoço, um montão de coisas, ela lhe disse:

– Não, Ricardo. Irei contigo... onde quer que seja...

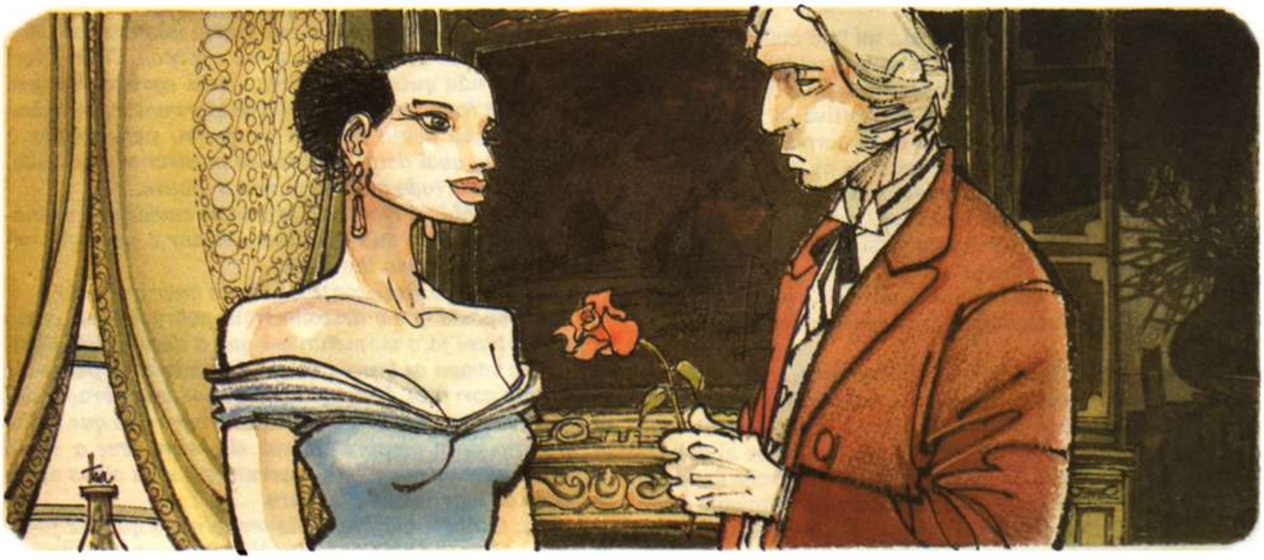
Uma proposta que o desconcertou, pobre Aldini, como se pressentisse já o momento em que a doce companheira que lhe levava os braços ao pescoço havia de pesar-lhe como uma corrente. Mas então só viu os belos braços delicados que o apertavam, e os lábios fragrantes que se lhe prometiam para sempre. Talvez ela, sim, teve a visão daquele dia, na nuvem que puseram em seus olhos apaixonados as lágrimas de ternura.

– Sim, também viajarei. Não tenho nada que me prenda aqui... Não, não, já sabes!... Nem em outra parte, em nenhum lugar... Lancei ao vento meu lenço... para deixar nas mãos do destino... Não por ti, tranqüiliza-te. Sou rica e dona de mim mesma. Serei livre... em breve... não duvides. Deixe comigo... que não causarei mal, nem a ti nem a outros. Sempre me disseram que as viagens pelo mar beneficiariam minha saúde. E, ademais, não o deixarão sempre a bordo, meu pobre Ricardo... Te deixarão pôr o pé na terra, de tanto em tanto... para demonstrar às belas estrangeiras que temos bonitos oficiais a bordo de nossos barcos... para proteger compatriotas cor de azeitona ou cor de chocolate... Pois bem, eu estarei ali esperando-te, onde me indiquem o telégrafo ou o jornal. Você gostará de encontrar ali uma xícara de chá ou uma moradia digna, verdade? E sem depender nem tanto assim de ti!, sem prejudicar tua carreira... Não terão nada que reprovar nem os regulamentos, nem o serviço, nem os superiores, nem tampouco as amizades que você fizer pelo caminho, quando te mandarem demasiado longe ou a um lugar no qual eu não esteja segura de encontrar uma pequena lareira ou flores frescas... Já vês que não me faço de boazinha e não te prometo mares e montanhas... Livres e felizes como dois pássaros no ar! Só que, quando nos cansarmos deste belo vôo pelo azul do céu... ou nos entediarmos... você ou eu... porque tudo acaba... Quando quiseres casar ou amares outra... Sim, sim, menino meu, um belo dia iremos rir destas belas palavras que agora nos fazem chorar... Mas não importa, se agora são sinceras... Quando parecer-te que sou um estorvo para tua carreira ou para tua vida, e quiseres que te devolva toda a tua liberdade, diz-me francamente... Como vou dizer francamente a outra pessoa que quero recuperar minha liberdade, hoje mesmo... Não te engano nem engano a ninguém, vês, Ricardo!... Não sou pior do que pareço... Mas não vamos nos dar a dor e o tormento de mentir nunca! Promete? Promete?

– Oh, amor! Meu belo amor! – exclamou Aldini fora de si, tentando prendê-la naquele mesmo momento entre seus braços ávidos.

– Não! – respondeu ela, pondo-lhe as mãos sobre o peito. – Ainda não... Quando eu for livre... e tua!

Casalengo foi tomado violentamente de um acesso por seu antigo amor, logo que ela o fez compreender que o dela havia



Casalengo fu ripreso bruscamente da un accesso dell'amore antico, appena essa gli fece capire che il suo era morto, lì, presso quel tavolinetto, dove l'avevano strascinato un pezzo, per abitudine e per dovere, nella mezz'ora prima di pranzo che il suo amico, sempre galante e gentiluomo, non mancava mai di dedicarle. Ora egli sentivasi mordere al cuore dal pensiero che un altro le facesse tremare la voce ed il cuore come un tempo aveva fatto lui, come sembravagli di provare ancora dentro di sé in quel momento —e che fosse stato sempre così, e che dovesse durare eternamente, anche per lei...

Ella prese un fiore che si piegava avvizzito nel vasetto d'argento, e gli disse tristamente:

—Vedete questa rosa che mi avete donata ieri?

Casalengo chinò la fronte sulla mano, e tacque un istante.

—Partirete? —domandò poi.

—Sì.

—Per dove?

Ella non rispose.

—Volete darmi almeno quel fiore? —chiese tristamente Alvise.

Ella esitò alquanto, prima di rispondere.

—Grazie!... Voi sapete vivere...

Egli si alzò in piedi, leggermente pallido, stretto nel vestito che gli dava ancora la sua aria militare, ma perfettamente padrone di sé, col sorriso un po' ironico dei suoi bei giorni.

—Lasciar vivere... sì, ho imparato a mie spese. Mi permettere di darvi un consiglio, in nome di questa benedetta esperienza?

—Dite.

—Partite sola... e più tardi che potete.

Essa arrossì sino ai capelli.

—Non dubitate. Ci avevo pensato... pel vostro amor proprio.

—No, mia cara, per voi stessa, quando ritornerete, e avrete bisogno dei vostri amici.

E incLinandosi a baciarle la mano, aggiunse con un sorriso pallido:

—Voglio rimanere vostro amico... se volete... se sapete.

morrido, ali, junto à mesinha onde tinham se detido um bocado, por costume e por dever, na meia hora anterior à refeição que seu amigo, sempre galante e cavalheiresco, não deixava nunca de dedicar-lhe. Agora ele sentia seu coração apertado ao pensar que outro faria tremer a voz e o coração dela como ele mesmo o havia feito em outro tempo, como lhe parecia experimentar ainda em seu interior naquele momento – e que sempre tivesse sido assim, e que também para ela teria que durar eternamente...

Ela pegou uma flor que se inclinava murcha no vasinho de prata, e lhe disse tristemente:

– Vê a rosa que me deu ontem?

Casalengo apoiou a testa na mão e calou-se por um instante.

– Vai embora? – perguntou depois.

– Sim.

– Para onde?

Ela não respondeu.

– Quer dar-me ao menos esta flor? – pediu tristemente Alvise.

Ela hesitou um pouco antes de responder.

– Obrigado!... Você sabe viver...

Ele se levantou, ligeiramente pálido, rígido em sua roupa que ainda lhe dava um ar militar, mas perfeitamente dono de si, com o sorriso um pouco irônico de seus melhores dias.

– Deixar viver... sim, aprendi à minha custa. Me permite dar-lhe um conselho, em nome dessa bendita experiência?

– Vá em frente.

– Vá sozinha... e o mais tarde possível.

Ela enrubesceu até a raiz dos cabelos.

– Pode estar seguro. Já havia pensado nisso... por seu amor próprio.

– Não, querida, mas por você mesma, quando regressar e necessitar de novo de seus amigos.

E, inclinando-se para beijar-lhe a mão, acrescentou com um sorriso pálido:

– Quero seguir sendo seu amigo... se você quer... se sabe.